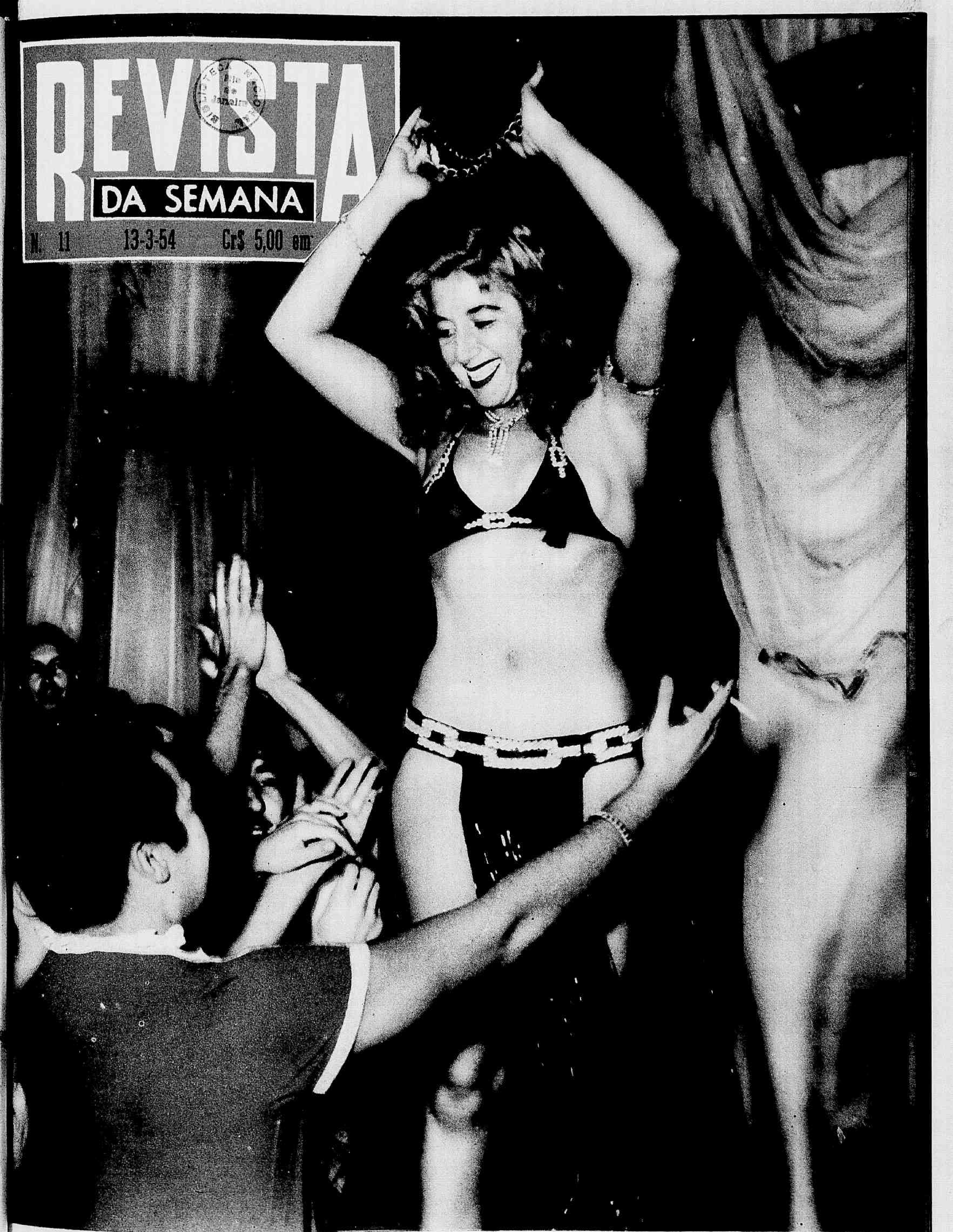
REVISTA DA SEMANA
N. 11 13-3-54 Cr$ 5,00 em



ALUCINADO O CARNAVAL FORA DA LEI

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Pedro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa com 31 maches de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com **55 apartamentos e 55 quartos** confortàvelmente mobiliados **e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas: Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.**

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

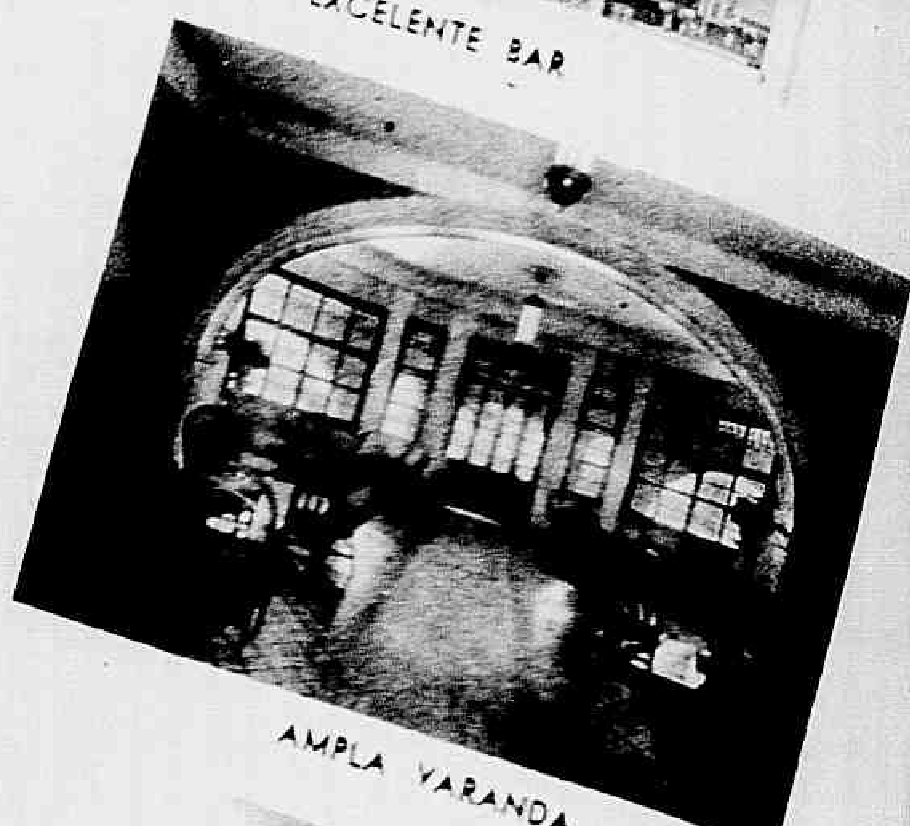
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o **GRANDE HOTEL PRATA**, Aguas da Prata, **Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 21. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.**



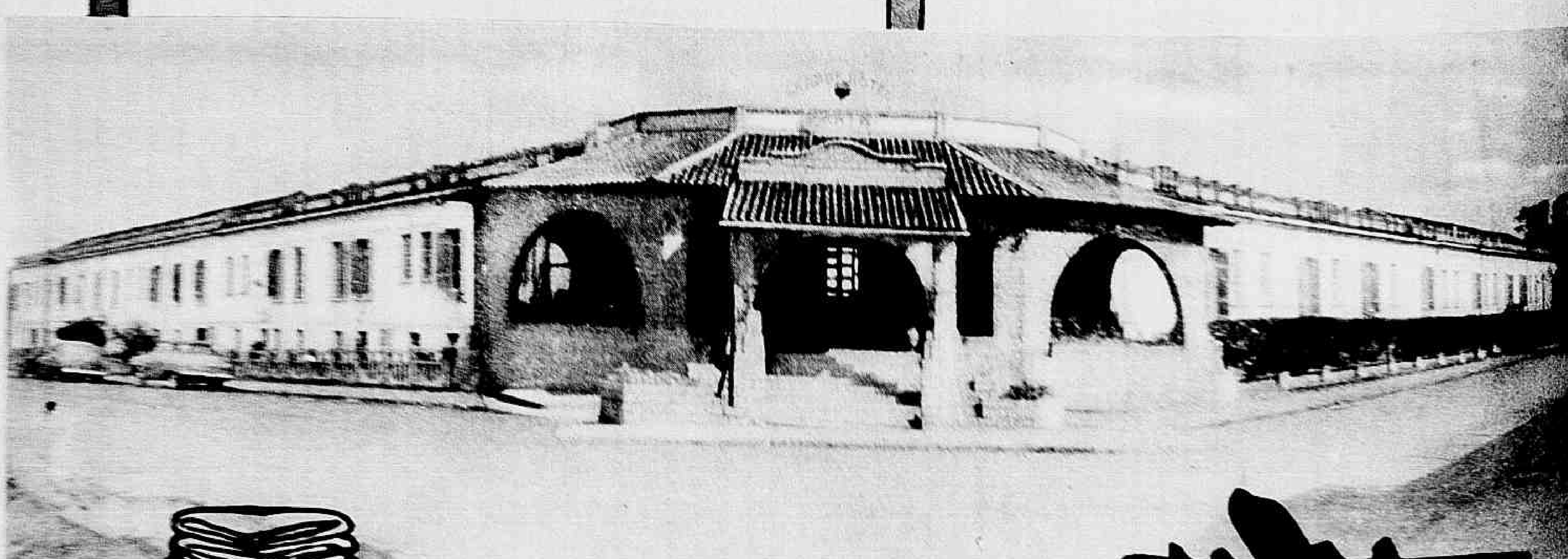
EXCELENTE BAR

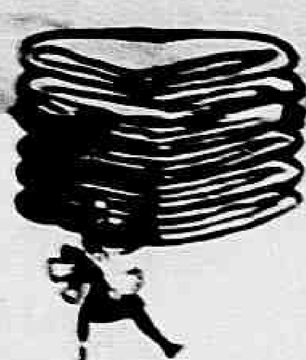


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

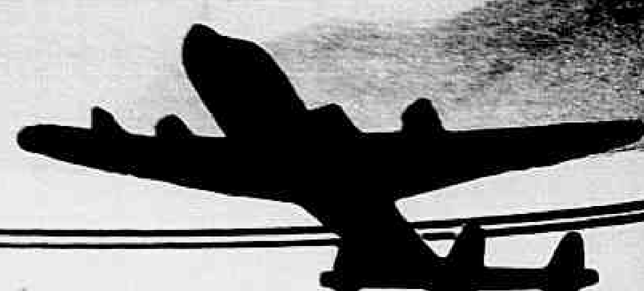




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
do aeroporto a Aguas da Prata
30 minutos de automóvel

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 11 ★ 13/3/1954

SUMÁRIO

No baile do Municipal	4/11
Naguib pensava que era o chefe	12/15
Baile no Clube da Aeronáutica	16/18
Quarenta anos de Carlos Lacerda	20/23
Baile do Rádio	28/29
As novas Rainhas da Cidade	30/31
O «scratch» da elegâncie	36/37
Carnaval fora da Lei	50/53
Estêve atômico o baile das atrizes	54/57
O Cego	19
Baile de Carnaval	26/27
O linho domina	32/33
Conversa de mulher	38/39
Semana Literária	46/47
Último flash	58
Champanhota	58

Capa: ELVIRA PAGÃ (Foto A. VIEIRA)

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**
● Assistente: **Hélio Abreu**
● Paginação: **Victor Tapajós**
● Desenhos: **Alberto Lima**
● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITORA AMERICANA.**

● Diretor: **Gratuliano Brito**
● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15 Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º dista, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia. Constituyente 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 298, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569. Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

● Os dois flagrantes desta página resumem perfeitamente os últimos acontecimentos verificados no Cairo, e que resultaram na deposição de Mohammed Naguib, chefe do govêrno que sucedeu à derrubada da monarquia, e a sua recondução, três dias após, ao pôsto a que fôra elevado pelos jovens oficiais que fizeram a revolução contra Faruk. No flagrante acima, vê-se Naguib, no seu gabinete oficial, quando assinava a sua renúncia; e no instantâneo abaixo, aparece o tenente-coronel Gamal Abdel Nasser, ao lado do coronel Anwar El Sadat, num flagrante apanhado logo após a reunião do Conselho Revolucionário na qual ficou decidida a volta de Naguib à chefia do govêrno. As fotos são da U.P.





NO EGITO: brigam e ficam de bem a criatura e os criadores

Naguib voltou ao govêrno mas não governará

(Ler reportagem de JOEL SILVEIRA, nas págs. 12 a 15).

10.000 PESSOAS (5.000 PARA VER OS ARTISTAS)

NO BAILE DO MUNICIPAL

A delegação americana assistiu de camarote (sem sair dêle) — mas não houve autógrafos ★ O mais, tudo rotina: apertos, gritos, pulos, desfile de fantasias e prêmios para as melhores ★ A polícia não deu muito trabalho aos foliões. E vice-versa ★ Lança-perfume às escondidas e bebidas a preços exorbitantes.

Texto de LUIZ SODRÉ

Fotos de ARNALDO VIEIRA

AS colunas de ocorrências dos jornais foram assustadoramente ampliadas no decorrer dêste carnaval: atropelamentos, crimes de morte, tentativas de suicídio, espancamentos, seduções, roubos de automóveis, etc. E, no entanto, as ruas apresentavam um aspecto quase sereno, os blocos escasseavam, a balbúrdia dos bondes era quase nula, as fantasias rareavam, e a animação parecia ter desaparecido. Mas a folia se concentrou verdadeiramente dentro dos salões, cada ano sugando mais gente, concentrando tôda a euforia carnavalesca debaixo de seus tetos ricamente decorados.

O baile do Municipal foi uma prova evidente dêsses fatos. Sob a decoração de Gilberto Trompowsky e Fernando Valentim (uma belíssima gaiera), uma multidão calculada em 10.000 pessoas pulava e gritava desbragadamente os sambas e as marchinhas, êste ano bem mais i teressante. A renda foi de 3 milhões e 500 mil cruzeiros, batendo todos recordes anteriores. Havia — é bem verdade — uma atração tôda e pecial: a delegação de artistas americanos que compareceu ao Festiv de Cinema de São Paulo. Ocupando um imenso camarote, os «astro não pularam, não dançaram, mas se divertiram muito, permanecen sob a luz forte dos refletores e os olhares curiosos dos fãs, desta v sem a preocupação da caça de autógrafos. Outro aspecto curioso baile foi a ponte que conduzia a entrada do grande teatro, por on desfilavam os participantes da grande festa, sob aplausos e vaias milhares de pessoas que formavam uma massa compacta no coraç da Cinelândia. O policiamento, muito bem distribuido, não permitia



Houve centenas de piratas no baile do Municipal. Os melhores e mais ricos são os que se vêem no flagrante acima. Os marinheiros são u paródia elegante dos contrabandistas do «El Moujahid», a arca de uísque que aportou clandestinamente na barra da Tijuca.



Ninon Sevilla (que parece não lembrar-se mais dos 8 milhões de jóias roubadas) brincou a noite inteira. Mary Gonçalves está a seu lado.





COMIDA POUCA E DIFICIL. E GENTE MAIS NUA DO QUE LUZ DEL FUEGO





10.000 PESSOAS (5.000 PARA VER OS ARTISTAS)



A fantasia do centro — «Deusa do Fogo» — tirou o quinto lugar. Foi apresentada pela srta. Áurea do Nascimento Sousa.



No camarote de honra, o prefeito Dulcídio e sua noiva, a cantora Ester de Abreu. E, de «penetra», o inefável Barreto Pinto.



Lá embaixo, no vasto salão, ninguém quase podia mexer-se. O jeito era ficar pulando no mesmo lugar.



EDWARD G. ROBINSON DESCEU DO CAMAROTE E FOI PUXAR O CORDÃO



NINON SEVILLA, OVACIONADA PELA MULTIDÃO



FANTASIAS, DE GRANDE LUXO, DEVEM TER



CUSTADO MILHARES DE CRUZEIROS

ÃO



MELVIN LE ROY E JEANETE MAC DONALD CANTARAM O «SACA-RÔLHA»







RUZEIROS.

ANGELITA MARTINEZ, «PRINCESA DO CARNAVAL», SURGIU DESLUMBRANTE NA SUA MAGNÍFICA FANTASIA. MAS FOI NOVAMENTE DERROTADA.

10.000 PESSOAS (5.000 PARA VER OS ARTISTAS)



3º lugar: — «HORÓSCOPO», apresentada pela senhora Domingas Monteiro de Castro.



2º lugar: — «DEUSA DE MARTE», apresentada pela senhora Selênia Silva.



4º lugar: — «PRINCESA EGIPCIANA», apresentada pela sra. Maria de Lourdes Borges Fortes.

uso da lança perfume (que ainda assim foi sorvida em grandes tragos) e abafava ràpidamente os inícios de brigas, provocadas pelos mais exaltados. Apesar de caríssimas as bebidas, elas saíram das garrafas (uísque a 1.200 cruzeiros e champanha nacional a 200) para as cabeças dos foliões. O serviço de garçãos foi o pior possível, ocupando espaços de 40 minutos entre um prato e outro da miserável «ceia» a que os convites davam direito. E houve também o tradicional desfile de fantasias, cuja classificação êste ano obedeceu ao julgamento do próprio público, por meio de aplausos, chegando a um resultado satisfatório para uns e injusto para outros:

1º lugar — «Cleópatra» — Olga Nogueira.

2º lugar — «Deusa de Marte» — Selênia S. Lemos.

3º lugar — «Horóscopo» — Domingas Monteiro de Castro.

4º lugar — «Princesa Egipciana» — Maria de Lourdes Borges Fortes.

5º lugar — «Deusa do Fogo» — Aurea Nascimento.

6º lugar — «Pavão Branco» — Maria Vit[...] Toledo.

Mas houve muitas outras fantasias riqu[...]mas, como a do «Rei Sol», por exemplo, gal[...]damente ostentada pelo cenógrafo e decora[...] Nilson Pena; «Espuma», «Turbilhão», «Caixa [...] Chapéu» (originalíssima), «Dama Venezia[...] (bem de acôrdo com a decoração e não cl[...]sificada entre as melhores), «Bailarina Mexi[...]na», «Salomé», etc. Mas os prêmios eram [...] — e foram distribuídos. Não houve muitas fi[...]ras de destaque do mundo político e social, [...] procuraram refúgio nas montanhas. Ainda [...]sim, assinalamos a presença do prefeito [...]cídio Cardoso ao lado de sua noiva Este[...] Abreu, o deputado Lutero Vargas e o mi[...] Nero Moura. O mais era uma orgia de c[...] tecidos, muito mais côres do que tecidos, [...]bora o pano êste ano tenha coberto ma[...] corpos do que no ano passado. E a ani[...] foi ininterrupta, antes prolongada por mais [...] hora, até às 5 da manhã, quando o teatr[...] ficando vasio, apenas com o eco de mais [...] carnaval ressoando em seu recinto.



1º lugar — CLEÓPATRA
(senhorita Olga Nogueira)

MANDAR SÒZINHO

HAVÍAMOS (o jornalista Hilio Lacerda, de S. Paulo, e eu) conversado perto de uma hora com Mohammed Naguib, num francês pousado que o general mastigava mal. E na saída do quartel, nos subúrbios do Cairo, eu dissera ao meu colega: «Êle não se aguenta mais de seis meses. Os rapazes vão derrubá-lo. Ou dominá-lo».

A VOZ DO CHEFE

Eu me referia àqueles moços, uma dezena dêles, que rodeavam o «lewa», no pequeno e modesto gabinete, e que apoiavam com os olhos e gestos as respostas que o general ia dando às nossas perguntas. A maioria dêles não tinha mais de trinta anos: tenentes-coronéis, majores e capitães que estavam substituindo os quinhentos e tantos generais que a revolução reformara ou prendera. Um dêles era calado, de olhar duro, sobrancelhas espêssas, bigodes cerrado e negro. Soube depois o seu nome: era o tenente-coronel Abdel Nasser, organizador do movimento vitorioso, sua mola central, o seu cérebro e flama. Eu via perfeitamente quando o general Naguib, diante de uma pergunta mais delicada, voltava-se para Nasser, como a pedir ajuda. Abdel Nasser limitava-se a balançar a cabeça ou a ensaiar um comêço de sorriso; mas lembro-me perfeitamente que duas ou três perguntas que fizemos a Naguib, não foi êle que as respondeu, mas Abdel Nasser. Uma delas referia-se à «crise do algodão»,

Abdel Nasser no poder (de fato), significa:

1º — FORTALECIMENTO DA DITADURA MILITAR

2º — MAIOR TENSÃO NAS RELAÇÕES ANGLO-EGÍPCIAS

3º — POSSIBILIDADE DE UMA NOVA GUERRA COM ISRAEL

Reportagem de
JOEL SILVEIRA

que então apaixonava o país: como represália [aos] últimos acontecimentos no Canal, onde civis acabav[am] de empenhar-se em novos e sangrentos combates [com] os soldados britânicos, a Inglaterra anunciara a [sua] determinação de interromper as suas compras [de] algodão egípcio. Que faria o novo govêrno diante [de] tal ameaça, tão séria? Mohammed Naguib não respon[deu] logo. Passa a mão pesada pela face escanhoada, [tira] uma baforada do cachimbo, ensaia uma respos[ta]:

— Poderemos vender o nosso algodão a outras naçõ[es]. Poderemos . . .

Foi, então, que a voz do tenente-coronel Abdel Nas[ser] fêz-se ouvir, imperativa e sonora:

— A declaração inglêsa não nos intimidará!

A frase fôra breve, mas senti nela a voz do ver[da]deiro chefe. Encorajado pela intervenção do seu lug[ar]tenente, Mohammed Naguib concluiu a sua respos[ta]:

— Poderemos vender algodão à Suíça, que está no[s] solicitando. Ou mesmo à Alemanha Oriental . . .

A CORRUPÇÃO NÃO CHEGOU AO DESERT[O]

— Dentro de alguns meses, os rapazes terão q[ue] dominá-lo ou derrubá-lo.

É que, antes de chegar ao Egito, eu estudara [a] fundo os antecedentes e procurara conhecer os auto[res] reais do golpe que acabara com Faruk e o seu fau[sto] debochado. Sabia, por exemplo, que o «lewa» [...]

Quando o repórter Joel Silveira entrevistou Mohammed Naguib, no seu modesto gabinete num quartel dos subúrbios do Cairo, o «lewa» iniciava o quarto mês de poder. O seu govêrno parecia, então, mais seguro do que nunca, pois contava com o apoio da maioria dos jovens oficiais que haviam derrubado Faruk. Quando o repórter lhe perguntou se era sua intenção proclamar a República, Naguib respondeu: «Os acontecimen[tos] terão a última palavra». Não houve república. E agora, Abdel Na[sser], a eminência parda que mostrou a fôrça do seu poder, anuncia q[ue] «não haverá govêrno escolhido pelo povo enquanto os inglêses p[er]manecerem em Suez».



NO EGITO: BRIGAM E FICAM DE BEM A CRIATURA E OS CRIADORES

NAGUIB QUERIA,

assumira o comando da revolução na véspera dela explodir, e que se não fôra a determinação de Abdel Nasser e seus comandados de ir buscá-lo em casa, e certamente o nome de Naguib continuaria escondido do mundo como o era até perto de dois anos atrás. Fôra a sua correção moral e o seu bravo procedimento na recente e perdida guerra de Israel que o fizeram credenciado para assumir, como oficial graduado, um movimento de capitães e majores. O resto dos generais se deixara dissolver na corrupção de Faruk, uma corrupção maciça que comprometera as classes dirigentes, as elites e a maioria dos partidos políticos, com o todo-poderoso Wafd à frente. Nem o próprio Mustafa al-Nahhas, que durante perto de vinte anos dominara a política do Egito, escapara ao crivo dos jovens revolucionários: prêso em casa no dia mesmo da revolução, sôlto depois, nunca mais teve qualquer participação na política egípcia.

Trazido do deserto — e no deserto, no comando de legiões no Sudão ou na Líbia, êle passara a maior parte de sua vida — Mohammed Naguib assumia o comando da Revolução não como um chefe de fato, mas como um chefe escolhido no último instante — escolhido como uma bandeira. Quase todos sabiam disso já no dia seguinte ao golpe que derrubou Faruk. E para os que ainda não o sabiam, as palavras e os atos revolucionários daquele general até então conservador e fiel ao rei, bastariam para revelar o sentido exato da Revolução e o verdadeiro papel que nela ia desempenhar o «lewa» de cabelo curto e pele curtida pelo medonho sol da areia.

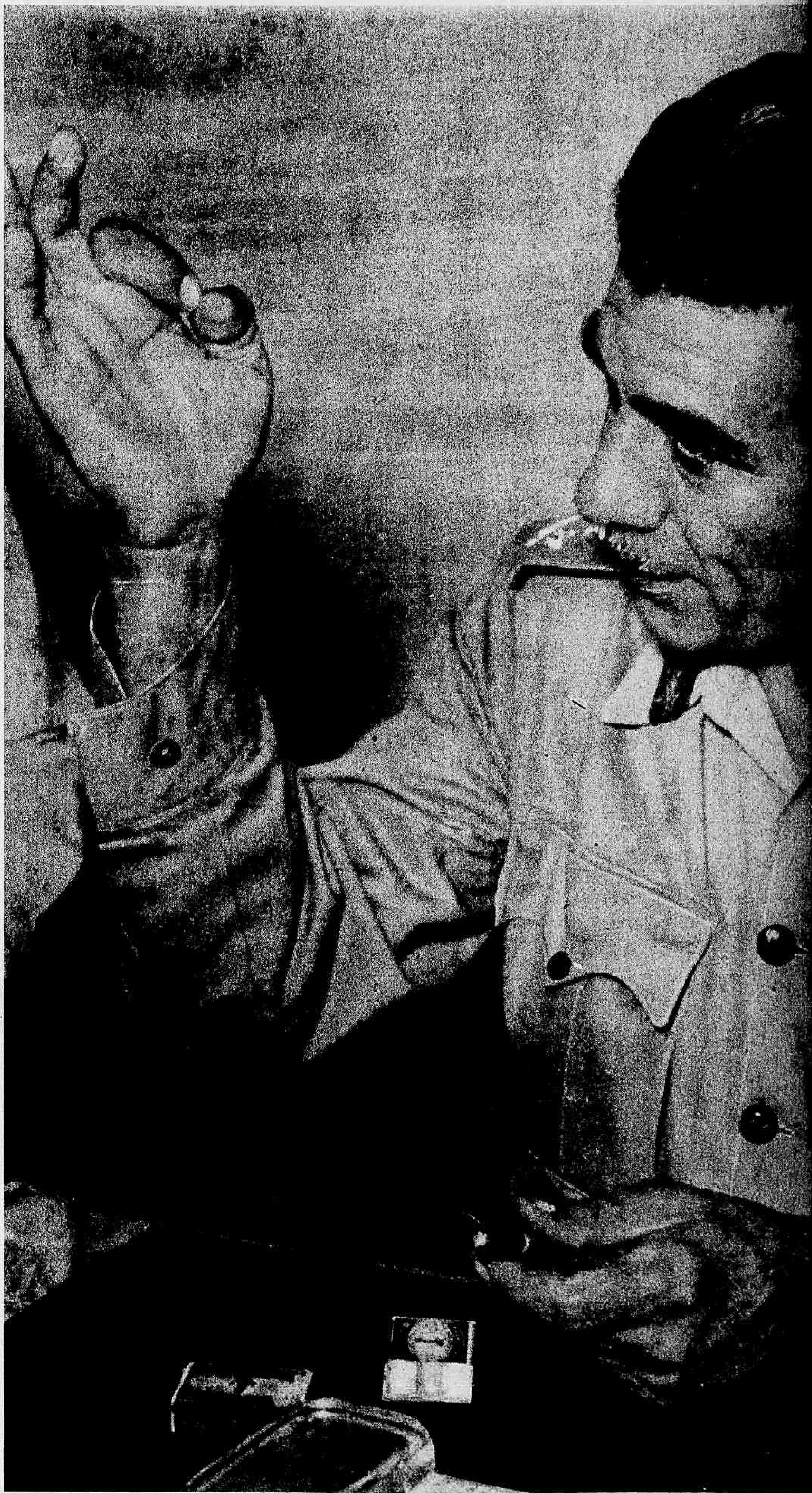
AURORA PARA DEZESSETE MILHÕES

Uma das primeiras declarações de Naguib empolgara o país e espantara o mundo: o novo govêrno prometia fazer a política dos «fellahs», a gente desgraçada, e distribuir entre êles a terra dos latifundiários. Quando cheguei ao Cairo, o programa de confiscação e divisão das terras estava no seu princípio.

«Cada camponês terá o seu pedaço de terra» — me disse Naguib, e instintivamente os meus olhos se voltaram, no seu gabinete, para o mapa que forra como um mural uma das paredes. Eu acabara de sobrevoar os férteis campos que o Nilo inventou sôbre a areia: o dia ensolarado gritava, além, na crista das dunas, e era fácil distinguir, lá embaixo, os pequenos afluentes, riachos e córregos que se espalham por entre os losangos verdes das plantações como as nervuras de uma grande fôlha espalmada. Mas logo depois dos alagadiços do Delta, dos algodoais de Minufiya e Qualiubiya, o deserto leva a melhor. As duas vanguardas de areia, dos dois lados do rio, avançam inexoràvelmente, quase se encontram nalguns pontos, e o último subúrbio do Cairo, na margem direita, termina onde começam as primeiras dunas. Olha-se em derredor, de um ponto mais alto, e a impressão que se tem é de que o deserto está mordendo os calcanhares da cidade que se estende imensa e desarrumada, quase sufocada pela areia.

Isto é o Egito: uma tênia gigantesca parisitando as margens do rio e se alargando, lá em cima, na disforme cabeçorra do Delta. Nas proximidades do Sudão, o pedaço de chão vivo não tem mais de 200 metros de largura. E ainda mais em baixo, onde o sol é de uma dureza sem trégua, a faixa do «presente do Nilo» se reduz, em várias partes, às margens úmidas do grande rio. Na época das chuvas, o Nilo transborda, amarelo, e invade a areia ardente — mas é uma invasão efêmera: logo o sol bebe a água, e a faixa de verdura, onde os «fellahs» plantaram um pouco de algodão, volta a ser o pedaço da «solitária» gigante que sobe, quase numa reta, até o Mediterrâneo.

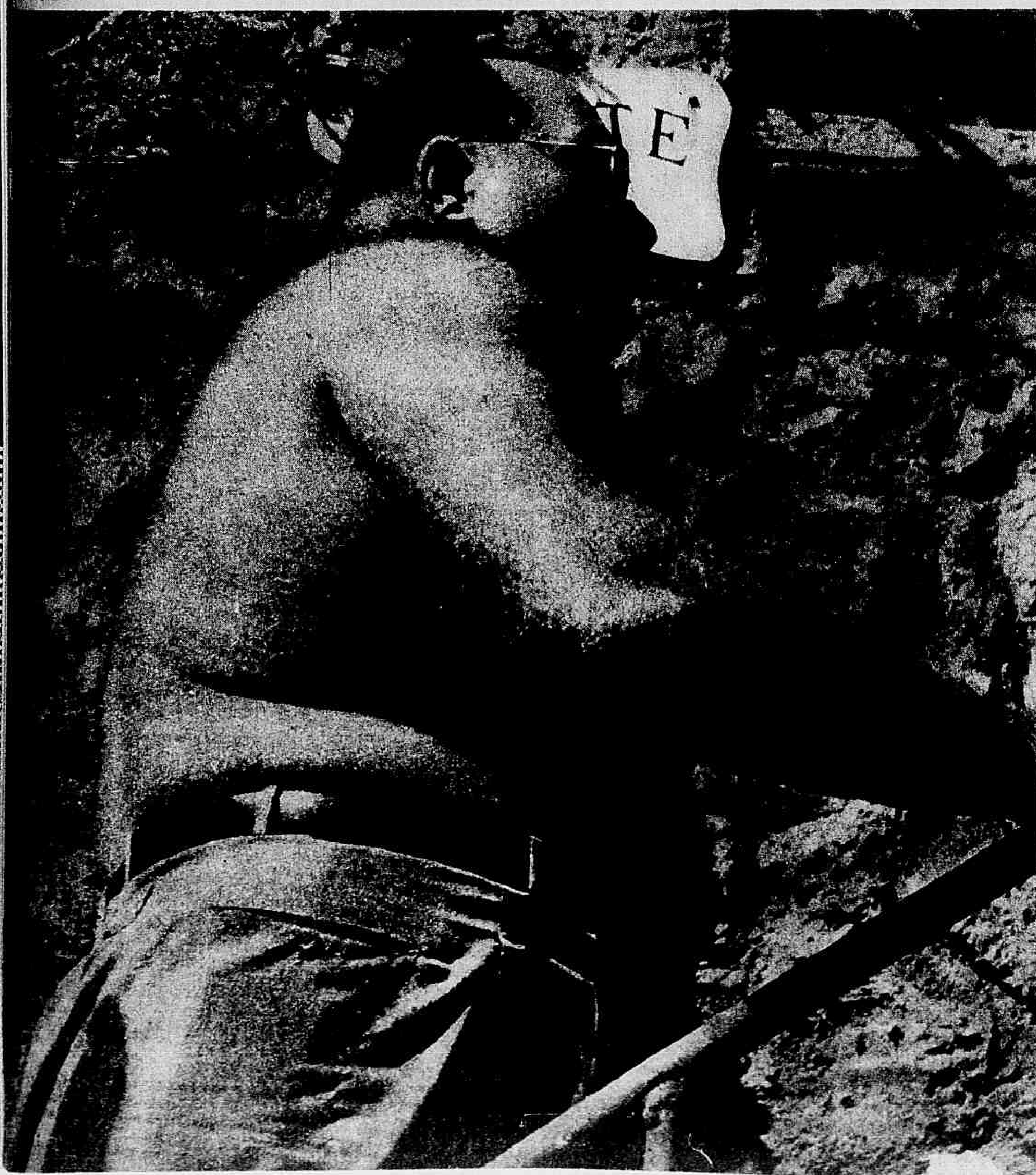
Numa população de 22 milhões de habitantes, 17 milhões são «fellahs» — um aglomerado encardido e miserável que marca a côr e a fisionomia de todo o Egito. Talvez não haja, no mundo inteiro, incluindo mesmo os desgraçados «meeiros» e tarefeiros do Nordeste brasileiro, camponês mais pobre e mais castigado. Até há um ano atrás a diária média que um «fellah» recebia, para cuidar da terra alheia, não chegava a vinte cruzeiros. E mais de um têrço dêles vive parasitàriamente nas grandes cidades, no Cairo e em Alexandria, consumindo as sobras dos ricos ou se oferecendo para mil biscates.



Comandante de legiões nos desertos da Libia ou do Sudão, afastado das intrigas e deboches da Côrte, o «lewa» Mohammed Naguib não se deixou corromper por Faruk nem contaminar-se no clima de imoralidades de um fim de reinado apodrecido e detestado. Os moços que acabaram com Faruk encontraram em Naguib, não um chefe, mas uma bandeira. Naguib imaginou que era mais do que uma bandeira. Sabe agora que ...



JULHO DE 52: "NAGUIB É A AURORA" GRITAM OS "FELLAHS"

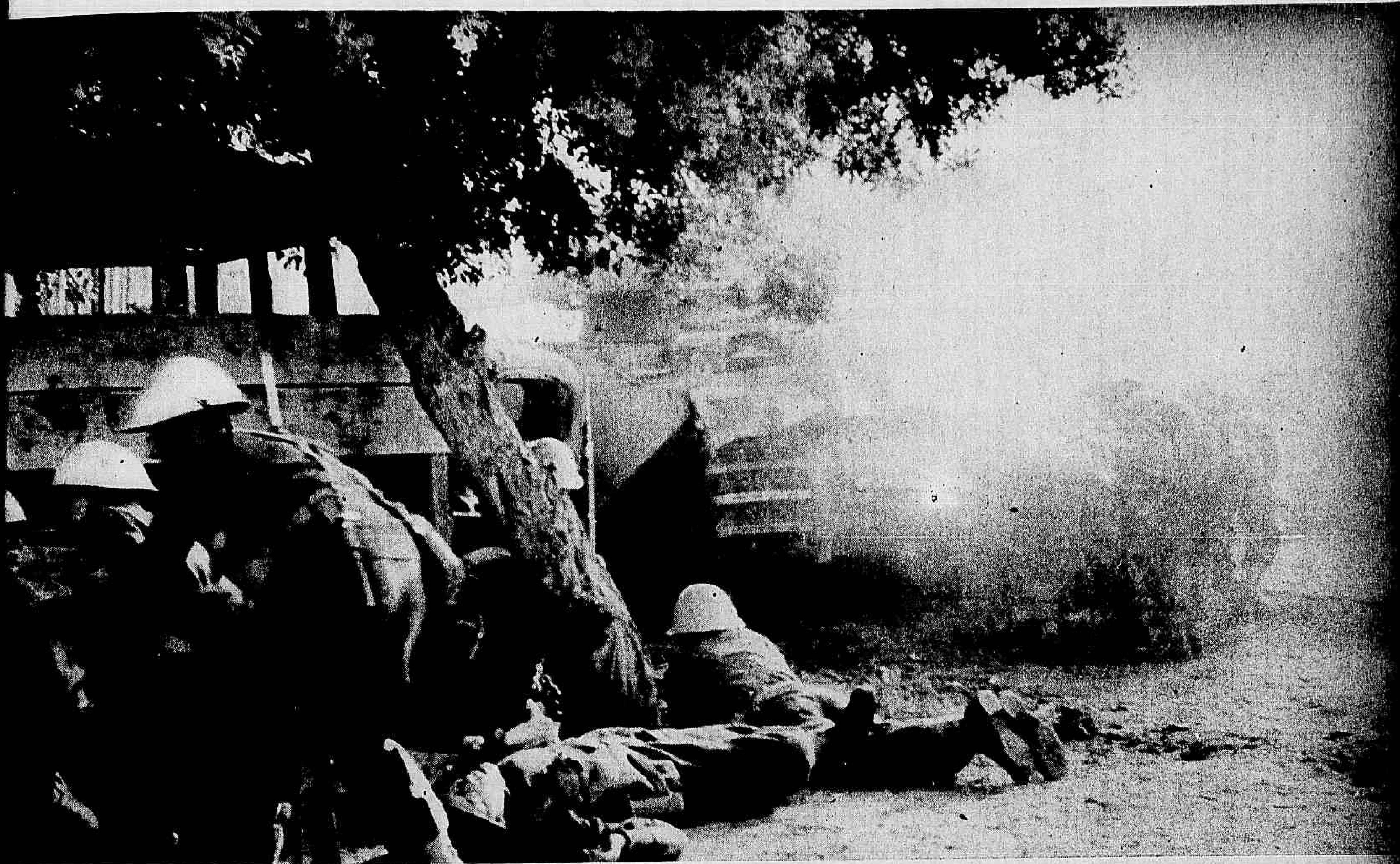


São 17 milhões e cada um terá o seu pedaço terra — prometia o novo govêrno pela bôca de Mohamed Naguib. Até a vitória da revolução de julho 52, 90% do chão cultivado pertenciam aos tradicion e poderosos latifundiários — aristocratas e sibaritas q passavam o verão nos palácios e «vilas» de Alexand e tinham os seus luxuosos apartamentos flutuan amarrados nos portos privativos da rica ilha Zamalek, no centro do Cairo. A reforma agrária Revolução expropriou as suas terras, reduziu a imen propriedade de cada barão a uma posse de pouc alqueires — em benefício dos 17 milhões de pári

O SEGUNDO TEMPO DA REVOLUÇÃO

Tal política, tão corajosamente humana, dera, lo de saída, um grande lastro de popularidade ao no govêrno. E como Mohammed Naguib parecia, «fellah» das cidades e dos campos, o verdadeiro che da Revolução, para êle se voltaram o entusias místico da massa, o seu amor e gratidão. Quand poucos dias após o golpe de julho, Naguib resolv dar um giro pelo país, o frenesi do povo o acompanh por todos os caminhos, quase o sufoca de ardor e ent siasmo nas ruas de Alexandria, e não houve uma aldeia, no Delta ou no Baixo Egito, que não sais de sua pachorra resignada para saudar aquêle q se mostrava, na sua simplicidade e audácia, com tôd as côres do Redentor. Ràpidamente, a figura do gener simplório ia-se transformando, por fôrça da deformaç imposta pelo entusiasmo popular, na de um verdadei faraó. Até que ponto tais louvações influíram no âni de Mohammed Naguib? O fato é que já no segund mês de poder a sua vontade procurava impor-se vontade dos majores e tenentes-coronéis que o havia pôsto no trono. Naguib, o comandante das legiões d

Quando Faruk chegou ao trono, quinze anos antes, era um adolescente simpático de 53 quilos de pêso e olhos sonhadores. Mas em julho de 52 o soberano expulso do trono não passava de um paquiderme de 132 quilos, olhos empapuçados e um imenso corpo precocemente flácido. No dia da deposição, ao lhe citarem o nome de Naguib, êle fêz um ar de surprêsa: «Naguib? Quem é?».

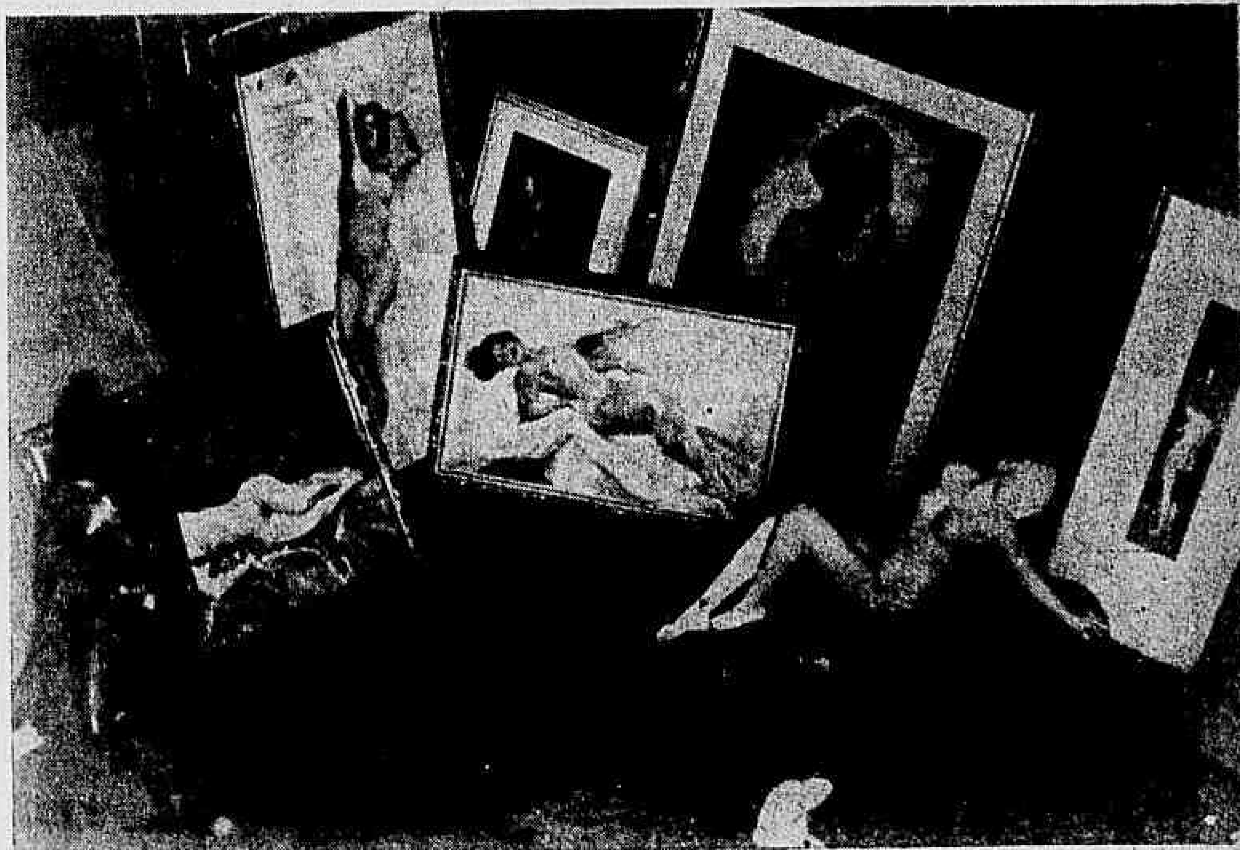


SUEZ: O BARRIL DE PÓLVORA EXPLODE QUASE TODO MÊS

deserto, deixara-se, talvez, empolgar pelos sortilégios do poder absoluto, e gradativamente se ia deixando dominar pela falsa idéia de que, escolhido para chefiar a Revolução, a Revolução passara a ser uma coisa sua. O fato, porém, é que os jovens oficiais (a maior parte dêles antigos militantes da confraria dos «Irmãos Muçulmanos», seita extremista do «Egito acima de tudo») haviam feito a revolução não sòmente para pôr abaixo a corrupta autocracia coroada de Faruk, mas, principalmente, para alterar por completo a política interna e externa do Egito. Rompimento definitivo com a Grã-Bretanha, com a anexação de Suez ao Egito; quebra de todos os laços com o Ocidente e retôrno mais severo às fontes e inspirações muçulmanas; nova guerra com Israel, capaz de apagar da história egípcia a página de vergonha que constituíra a fragorosa derrota no Neguev, em 1947 — tais, em resumo, os pontos principais da ação política e guerreira que os revolucionários traziam ao poder. E se Mohammed Naguib podia, com a sua honestidade pessoal, simbolizar a nova moral do govêrno, é evidente que, moderador e conservador por excelência, jamais representaria o lado revolucionário e extremamente nacionalista do movimento que reduzira a pó o trono de Faruk. O conflito, portanto, era inevitável. Já se sabe que os constantes atritos entre Naguib e os jovens oficiais revolucionários não datam de agora — vêm de mais longe, talvez hajam começado no segundo dia mesmo da Revolução. Restava apenas saber quem levaria a melhor: se Naguib (e, por conseguinte, a política de colaboração com os inglêses) ou se Abdel Nasser e seus comandados, fiadores irremovíveis de um nacionalismo heróico e ao mesmo tempo místico que só poderá vingar com a ajuda de sangue e sacrifícios. A resposta vem agora: Nasser levou a melhor. Naguib retorna ao govêrno, mas não para governar. Resultado: volta a inflamar-se a ferida de Suez; e já estão em posição de alerta as reforçadas patrulhas israelitas do Neguev.



O [illegible]stantâneo acima foi tirado no dia seguinte ao golpe do [illegible] 23 de julho de 52, que derrubou Faruk. Vêem-se nêle Naguib [illegible] os jovens oficiais que o foram buscar em casa para chefiar a R[illegible]volução. À esquerda está Abd[illegible]l Nasser, chefe legítimo da re-



[illegible] somente agora assume d[illegible] fato o poder. À direita: três imensas [illegible] de Alexandria, guardavam a coleção «Erótica» de Faruk: muita mulher nua, mas, principalmente, muita falta de gôsto. Posta em leilão, ninguém quis a «Erótica».

QUARENTA FOLIÕES (da "haute gomme") FIZERAM



Por detrás dêste doce gatinho — senhora Ruth Silveira.

Reportagem de PETER

Fotos de ARNALDO VIEIRA





Esta (em baixo), brincou e cantou sempre e[m]

cima

O BAILE N

O UÍSQUE ESTÊVE LEGÍTIMO, A ALEGRIA FORÇOU ALGUNS LIMITES E A GRÃ-FINAGEM COMPARECEU EM PÊSO.

N
dade
Ferre
do e
do q
funci
em
tica»

Ês
gado
três





cima da mesa. Isto acontece com quem sai com a Rainha Lili Marlene sem metralhadora. À direita: a belíssima Angelita com o diabo pelas costas

NO CLUBE DA AERONÁUTICA

NOS três últimos anos, poucos dias antes do carnaval, quem passasse pelas proximidades do «Vogue» poderia ver o sr. Fernando Ferreira andando de um lado para o outro, agindo e gesticulando um pouco mais largamente do que de hábito. Até seu perfumado charuto funcionava com o dôbro da eficiência. Estava em preparação o terceiro «Baile da Aeronáutica».

Êste é um gênero de festa intimamente ligado e organizado pela nossa sociedade. Há três anos atrás, um grupo de rapazes do «cafe-society» carioca lançou êste baile que já se tornou tradicional festa pré-carnavalesca. A coisa pegou e, sob o título «vamos entrar no cordão», os srs. Fernando Ferreira, Cláudio Silveira, José Carlos Laport, Carlos Peixoto, Valdemar Schiller, Herbert e Walter Quadros, Nelson Brant Maciel e Lauro Salazar Regueira se reuniram, tomaram tôdas as providências, inclusive organizaram uma lista de 40 amigos que contribuíram com uma parcela menor de dinheiro e lançaram êste sucesso de festa à qual compareceram mais de mil pessoas, **tôdas** convidadas. Nesta festa civilizada, não comparece aquêle aparato policial tão comum nas outras e, faça-se notar, nunca honve uma única briga.

A mais animada festa pré-carnavalesca aconteceu com decoração feita especialmente para ela com máscaras coloridas nas paredes, cones, argolas caídas do teto e muita, muita serpentina, colares, apitos, chocalhos e chapéus por todos os lados, inclusive em cima das mesas, para que o pessoal apitasse enquanto os pulmões agüentassem e a festa fôsse se distribuindo pelo jardim. Tudo isto aquecido ao som



O «anjo» Carlos Peixoto tenta decifrar a fantasia.

O BAILE NO CLUBE DA AERONÁUTICA

de orquestra e escola de samba democràticamente irmanadas e sincronizadas.

E' nesse ambiente de cuíca, uísque e cordialidade, divertiram-se o sr. e a sra. Herculano Tomaz Lopes, sr. e sra. Carlos de La Madriz, senhor e senhora Ari de Castro, senhor e senhora Victor Coelho, Embaixador e sra. Décio Moura, sr. e sra. Dino Ferreira, srtas. Ângela Roxo, Ana Rosa e Lourdes Lemos Lessa, Glória Neder, Gilda Bandeira, Miriam Rêgo, Bia Fontenelle, Gilda Robichez, srs. Max Bagdocimo, Vitório Romanneli, Bernardo Silveira, Daniel Tolipan, Nelson Batista, Aloísio Sales, Plínio C valho, Selmar Padilha, Benjo Arbib, e mui grupos e pessoas que, de pronto, não nos le bramos.

Foi um sucesso a grande festa pré-carnav lesca.



Cuíca, uísque, cordialidade e nenhuma briga.



Êste casal dançou e brincou a valer com todos.



Seria «viadinho» ou «inverno» a fantasia

O CEGO

PAULO MENDES CAMPOS


Ilustração de FORTUNA

JÁ o vi muitas vêzes ao longo da rua Nascimento Silva, andando com uma determinação que é um privilégio dos que não vêem. Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir, desconhecendo as nossas incertezas, as nossas perplexidades. Esse de que falo é um homem moço e branco. Caminha depressa e ritmado, a cabeça balançando no alto, como um instrumento, a captar os ruídos, os perigos, as ameaças da terra. Sua bengala bate na calçada com um barulho sêco e compassado, investigando o mundo geométrico. A cidade é um vasto diagrama, de que êle conhece as distâncias, as curvas, os ângulos. Sua vida é uma série de operações matemáticas, enquanto a nossa costuma ser uma improvisação, uma tonteira, um desvario. Sua sobrevivência é um cálculo.

• Na esquina da rua Garcia Dávila, o cego se detém bruscamente. Ora, a rua Nascimento Silva dá mão apenas no sentido de Copacabana. Êle inclina a cabeça para o lado direito, de onde vêm ônibus monstruosos e ofegantes, automóveis traiçoeiros, animais violentos da selva de asfalto. Se da rua chega apenas o vago e inquieto ruído a que chamamos silêncio, o cego atravessa Nascimento Silva como um bicho rápido e assustado. E some dentro da toca, que é um botequim sombrio e pequeno que existe ali. Às vêzes, quando êle cruza a rua, um automóvel encostado à calçada do outro lado impede-lhe a passagem. Ao chocar-se com o auto, seu corpo estremece; êle disfarça, como se tivesse apenas tropeçado, e permanece por uns instantes em plena rua, como se desafiasse a morte.

• Na tarde de um domingo dêsses, quando voltava para casa, eu o vi, pela primeira vez, saindo do boteco. O sol mórno e pesado. Meu irmão cego estava completamente bêbado. Encostava-se à parede, em um equilíbrio improvável. Ao contrário dos outros que se embriagam nos domingos, cujo rosto fica irônico ou feroz, mantinha uma expressão de ostensiva seriedade. A solidão de um cego rodeava a cena e a comentava. Era uma agonia magnífica a dêle. O cego de Ipanema representava naquele momento tôdas as parábolas evangélicas, tôdas as alegorias na noite escura da alma, que é a vida sôbre a terra. A poesia, o pouco que sabemos da verdade, usava dêle para manifestar-se ao testemunho dos que passavam. Todos os seus cálculos se desfaziam na turbulência do álcool. Com esfôrço, despregava-se da parede, mas então já não encontrava o mundo. Era um homem trêmulo e desamparado como qualquer um de nós. A cegueira não mais o iluminava com o seu sol opaco. Seu corpo gingava para um lado, para o outro, e ploc! a bengala firmava-se no chão e evitava a queda. Voltava assustado à certeza da parede, para recomeçar momentos depois a tentativa de desprender-se da embriaguez e da terra, que é um globo cego girando no caos.

QUARENTA



Uma ruidosa carreira política e jornalística deu-lhe em vinte anos de campanhas um prestígio eleitoral que muitos partidos não têm ★ A verdade sôbre suas relações com o Partido Comunista ★ Prestes, Fiúza, Borghi, Getúlio, Mendes de Morais e Samuel Wainer, as batalhas principais ★ Conversão religiosa e política ★ Candidato a deputado por uma coligação partidária

Reportagem de JOSÉ SOARES DE PAIVA

CARLOS LACERDA: Quarenta anos de vida, vinte de brigas.

CARLOS LACERDA completa no dia 30 de abril próximo quarenta anos de idade e a 3 de outubro concorrerá às eleições como candidato a deputado dono do maior prestígio individual conseguido até aqui por um político que nunca ascendeu a postos do Executivo. Poderia concorrer a outras coisas, ao Senado, por exemplo, ao govêrno do Estado do Rio, há mesmo quem suponha à própria Presidência da República desde que encontrasse para tanto o apoio político indispensável. Entretanto, fixou-se na Câmara dos Deputados e encabeçará a chapa de uma coligação da qual certamente elegerá de dois a três deputados.

Quanto ao seu prestígio não é segrêdo para ninguém: êle o conquistou em duras campanhas jornalísticas enfrentando algumas potências terríveis, como o Luís Carlos Prestes que deixou a cadeia em 1945, o Hugo Borghi da ascenção queremista e algodoeira, o poderoso prefeito Ângelo Mendes de Morais, o ditador Getúlio Vargas e o presidente do mesmo nome, e finalmente o jornalista Samuel Wainer, beneficiário da maior concentração de capitais, oficiais ou não, feita para criar sob êsse segundo govêrno Vargas uma imprensa de govêrno. De passagem, denunciou, atacou, agrediu verbalmente dezenas de personalidades públicas e privadas, senadores, deputados, chefes de partido, ministros, homens de negócio, jornalistas, personalidades internacionais, etc., não sendo, portanto, de estranhar que a sua ascenção tenha provocado ressentimentos e resistências que, ao lado do seu prestígio, assinalam uma margem de ódio, que faz dêle também a personalidade mais discutida dessa democracia renascida em 1945.

● NASCEU EM VASSOURAS

Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu em Vassouras, Estado do Rio, em 1914, filho de Maurício Lacerda, neto de Sebastião Lacerda — duas figuras que têm uma legenda na vida política brasileira. Pela linha materna, descende êle de uma das principais e mais antigas famílias fluminenses.

Pela inteligência, pelo temperamento, pelos dons oratórios, pela capacidade de improvisação, pela veemência aproxima-se bastante do pai, um político que fêz em campanhas da República velha e nova uma popularidade, equivalente em certos momentos, à que conquistou atualmente o filho. Há quem preveja para a sua vida pública o mesmo destino: o arrefecimento da combatividade e o mergulho na sombra. Esquece-se assim, porém, uma diferença muito importante: Carlos Lacerda fêz o seu jornal, no qual vai acumulando o seu esfôrço quotidiano, no qual capitaliza os resultados das suas campanhas, no qual cria um baluarte. O pai foi, pollticamente, um dispersivo e o filho, com a mesma inclinação, montou entretanto um armazém: a «Tribuna da Imprensa», que consolida e projeta para o futuro o prestígio de Carlos Lacerda.









Da esquerda para a direita: Carlos Lacerda com 1 ano de idade; na segunda foto com quatro; Lacerda numa velha fotografia de abril de 1923 (êle nasceu em 1914); e, finalmente, num instantâneo de 1934, na sacada do então Palace-Hotel.

ANOS DE CARLOS LACERDA

● O COMUNISMO

Carlos Lacerda não chegou ao fim do seu curso de direito, que abandonou pela política e o jornalismo, ambos sua vocação profunda. Em 1935, com 21 anos de idade, levantou-se na assembléia de instalação da Aliança Nacional Libertadora e propôs que se elegesse Luís Carlos Prestes presidente de honra do movimento. Contrariava assim o desejo de alguns organizadores da Aliança e marcava as suas inclinações da época.

Suas ligações com o comunismo são um dos capítulos mais discutidos da sua atuação política, mas cremos que se pode afirmar, em primeiro lugar, que êle nunca pertenceu aos organismos do partido, nunca foi membro do PC ou de qualquer entidade oficialmente ligada a essa organização; e, em segundo lugar, é pacífico que êle colaborou efetivamente na propaganda e na agitação revolucionária a partir de 1935, com tanta intimidade que provocaria futuros equívocos.

O episódio que deu motivo a seu primeiro desentendimento com os comunistas foi a elaboração e publicação de uma reportagem na revista «Observador Econômico», da qual era o diretor em 1939. Essa reportagem, por determinação superior, deveria ser baseada nos documentos que constituíam o «stand» referente ao Partido Comunista do Brasil na Exposição do Estado Novo, realizada em novembro de 1938. Lacerda entrou em contacto com algumas figuras do PC ilegal, entre elas um influente judeu que se escondia sob o pseudônimo de Camargo, discutindo o assunto. Seu ponto de vista era que, para evitar provocações, fizesse êle próprio a reportagem, da qual se aproveitaria ainda para contar pela primeira vez a história do Partido Comunista do Brasil. O partido concordou e a reportagem foi feita. Mas o seu texto desagradou aos comunistas que condenaram o autor, apontando Carlos Lacerda como um «reles provocador».

Êsse fato, como se verá adiante, não cerceou as atividades revolucionárias do jovem político, que seguiria seu caminho coincidente com o dos comunistas, a êles ligando-se em outras oportunidades. O incidente valeu-lhe inclusive uma expulsão da Juventude Comunista, que lhe foi na época, para surprêsa sua, pois dela não participava, comunicada por um homem que então pertencia ao círculo das suas estreitas relações pessoais — Samuel Wainer.

● O JORNAL E A LITERATURA

Foi pràticamente durante o Estado Novo que Carlos Lacerda, indeciso entre o jornalismo e a literatura, fêz sua carreira profissional. Havia sido algum tempo «foca» de redação do «Diário de Notícias», escrevera, organizara ou trabalhara em publicações de moços. Na «Revista Acadêmica», publicação literária, apareceu, sob pseudônimo (Júlia Tavares e Nicolau Montezuma), assinando artigos de crítica literária e ensaiando-se naquilo que tem sido a grande tentação da sua vida — o teatro. Publicou na revista sua peça «O rio», mais tarde divulgada em edição fora do comércio e encenada pelo grupo experimental de Álvaro Moreyra. Fêz alguns programas de rádio, reorganizou e dirigiu o «Observador Econômico» das organizações Bouças. Dirigiu uma emprêsa de publicidade ligada às emprêsas Joaquim Rôla — a ADA. Colaborou também na revista «Diretrizes», de Wainer.

Entre algumas fugas e transitórias cadeias, ligou-se a um grupo de intelectuais, escritores e jornalistas que, à falta de outra coisa, faziam boêmia. Eram seus companheiros Moacir Werneck de Castro, Rubem Braga, Vinicius de Morais, Jorge Amado, Samuel Wainer, Raquel de Queiroz, José Auto, Lúcio Rangel, Santa Rosa, Otávio Tirso e alguns escritores mais idosos como Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Álvaro Moreira.

Carlos Lacerda é autor de uma outra peça de teatro e publicaria bem mais tarde um livro de contos — «Uma luz pequenina», a que não deu maior divulgação.

Sua primeira atuação de destaque na grande imprensa iria se dar sòmente em 1944, quando Assis Chateaubriand lhe entregou a direção da Agência Meridional, que êle transformou efetivamente numa agência de notícias, remodelando-a e reajustando-a. Poucos meses depois, assumia a direção de «O Jornal», conseguindo em pleno regime de censura fazer um milagre, ou seja, fazer um jornal, com notícias próprias, com reportagens, com editoriais escritos na redação. As limitações do momento político não impediram que desse ao «O Jornal» uma vivacidade que fêz dêle durante muito tempo o principal diário do Rio. Seu segrêdo, além do tino jornalístico, foi a recuperação da redação, mediante um reajustamento de salários que causou emoção na época.

Carlos Lacerda começou a sentir, já então, que êle não cabia nos jornais alheios. De repente, abandonou «O Jornal» e voltou à conspiração política. Estávamos em 1945. E, misto de conspirador e de repórter, é que conseguiu êle a famosa entrevista de José Américo com a qual se iniciou o processo visível de liqüidação da Ditadura. Depois de outros trabalhos para o «Correio da Manhã», assumiu a direção do «Diário Carioca», onde entrou e saiu meteòricamente. Voltou depois ao «Correio», como cronista parlamentar até que sua segunda crise com o general Mendes de Morais o decidiu a dar dimensões de jornal à sua «Tribuna da Imprensa».



CARLOS LACERDA ... anos retira acordes possivelmente ... principiante. A musica hoje é outra.

QUARENTA ANOS DE CARLOS LACERDA



Nas costas desta fotografia, que é de 1937, Lacerda escreverá estas palavras: «Êste retrato talvez seja entendido por você».

A CAMPANHA CONTRA O COMUNISMO

No ocaso do Estado Novo, o partido Comunista do Brasil estava pràticamente dissolvido. Organizara-se na ilegalidade, com Grabois, Pomar, Ventura, etc. uma comissão substituta, o CNOP, que, controlando a Liga de Defesa Nacional, atuava pùblicamente em favor do apoio dos comunistas a Vargas. Os dissidentes se organizaram num chamado Comitê de Ação, que atuava junto da UDN.

Carlos Lacerda não pertencia a nenhum dos dois comitês, mas estava na esperança de que Prestes, ao deixar a cadeia, se ligaria aos grupos democráticos, condenando a atividade do CNOP. Participava de movimento de vinculação e interêsse dos comunistas que haviam concordado em que êle fôsse o orador oficial de encerramento do Congresso de Escritores de São Paulo. Era êle ainda um revolucionário.

E seus primeiros artigos de jornal sôbre a atitude de Prestes eram antes um caloroso apêlo para que o caudilho comunista condenasse a «colaboração com Vargas» e reforçasse o movimento democrático. Seu tom foi azedando de artigo para artigo, à medida que se evidenciava a inspiração prestista do CNOP e o fortalecimento da linha de aliança com o ditador.

FIÚZA

O rompimento definitivo só viria com o lançamento da candidatura do engenheiro Iedo Fiúza à presidência da República. Carlos Lacerda dois dias depois, ocupa a manchete do «Diário Carioca» com o seguinte título: «Prestes exibe o rato Fiúza». A campanha, de extrema violência revelou ao país e aos próprios comunistas o que era o candidato de Prestes. Lacerda, na imprensa e no rádio, tirou a Fiúza em poucas semanas dezenas de milhares de votos.

Estava êle convencido, então, de que o principal adversário do Brigadeiro, no Rio e nos grandes centros, era o candidato comunista, pois, por um equívoco generalizado, dava-se Dutra como vencido.

BORGHI E MENDES DE MORAIS

A desmoralização do líder «marmiteiro» Hugo Borghi foi a segund grande campanha de Carlos Lacerda, que provocou uma repercussã dramática no govêrno e na Assembléia Nacional Constituinte. Os n gócios do algodão financiados no govêrno Vargas revelaram a extens da influência do favoritismo oficial no mundo dos negócios, com a d volução política dos benefícios obtidos.

Durante o govêrno Dutra, Carlos Lacerda pràticamente fixou suas b terias na Prefeitura. O general Mendes de Morais, a quem cobriu d ridículo, mostrou-se um adversário temível.

Uma vez, em nome dos interêsses cariocas, Lacerda admitiu colabor com o prefeito numa campanha contra as favelas, a chamada Batalh do Rio de Janeiro. A colaboração durou pouco, o jornalista denuncio má fé do prefeito e tudo recomeçou.

No decorrer dessa campanha, o então articulista do «Correio da M nhã» foi agredido por desconhecidos duas vêzes.

«TRIBUNA DA IMPRENSA»

Quando se decidiu a fundar a «Tribuna da Imprensa», Carlos Lacerd havia já abandonado a Câmara Municipal, para a qual se elegera co uma votação excepcional: cêrca de 40 mil sufrágios. Entretanto, s prestígio ascendia. Em poucos meses mais de três mil pessoas sub creveram um capital de oito milhões de cruzeiros. O jornal foi lançad E as campanhas continuaram. Contra Mendes, contra o SESC (um agressão), contra a cumplicidade de policiais no lenocínio (uma prisão em favor dos flagelados do nordeste, contra a «Última Hora», contra Cexim, contra Vargas, etc. A mais ruidosa de tôdas as suas campanh foi a da «Última Hora», com a qual prendeu, pela imprensa, pelo rádi pela televisão, durante meses seguidos, o interêsse da nação intei despertando um movimento de indignação da opinião pública como nu ca se vira neste país. Denunciando o financiamento maciço pelo govê no de um jornal que partiu da estaca zero para tornar-se em menos dois anos o maior jornal do Brasil, apontou ainda a cumplicidade d três principais organizações privadas do país.

O CATÓLICO

Um acontecimento decisivo se deu na vida de Carlos Lacerda dep de 1945: sua conversão ao catolicismo. A fé religiosa lhe alterou sub tancialmente a orientação mental e política, embora não lhe atingis os métodos de atuação. Continua êle um agitador, mas a serviço de o tra cousa e de outra verdade. Seus antigos companheiros de esquer vêem nêle hoje um homem de extrema direita, um convertido também p lìticamente. Carlos Lacerda, porém, considera superado êsse diálogo e tre esquerda e direita que se pode fazer a Reforma Social pela resta ração dos sentimentos de dignidade, decência e probidade na vi pública.



Na redação do «Observador Econômico», onde publicou a famosa reportagem sôbre o Partido Comunista. A foto é de 38.



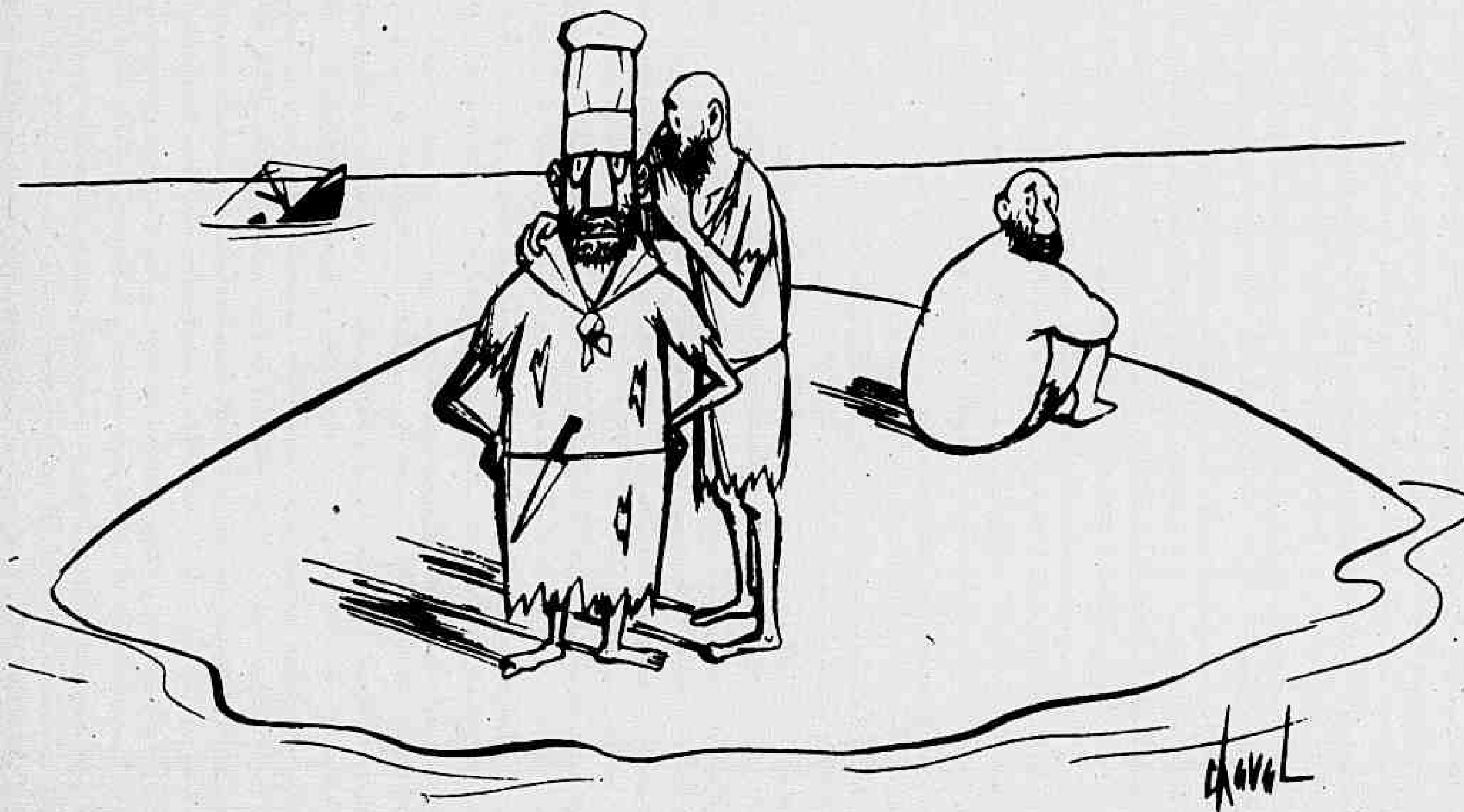
Lacerda, recente. O instantâneo foi tirado num banquete eclético e nêle vê-se o diretor da «Tribuna da Imprensa», ao lado do sr. Herbert Moses.

Lacerda num [illegible] quando de sua última campanha eleitoral. Muitos já o consideram eleito deputado federal para a próxima Assembléia.

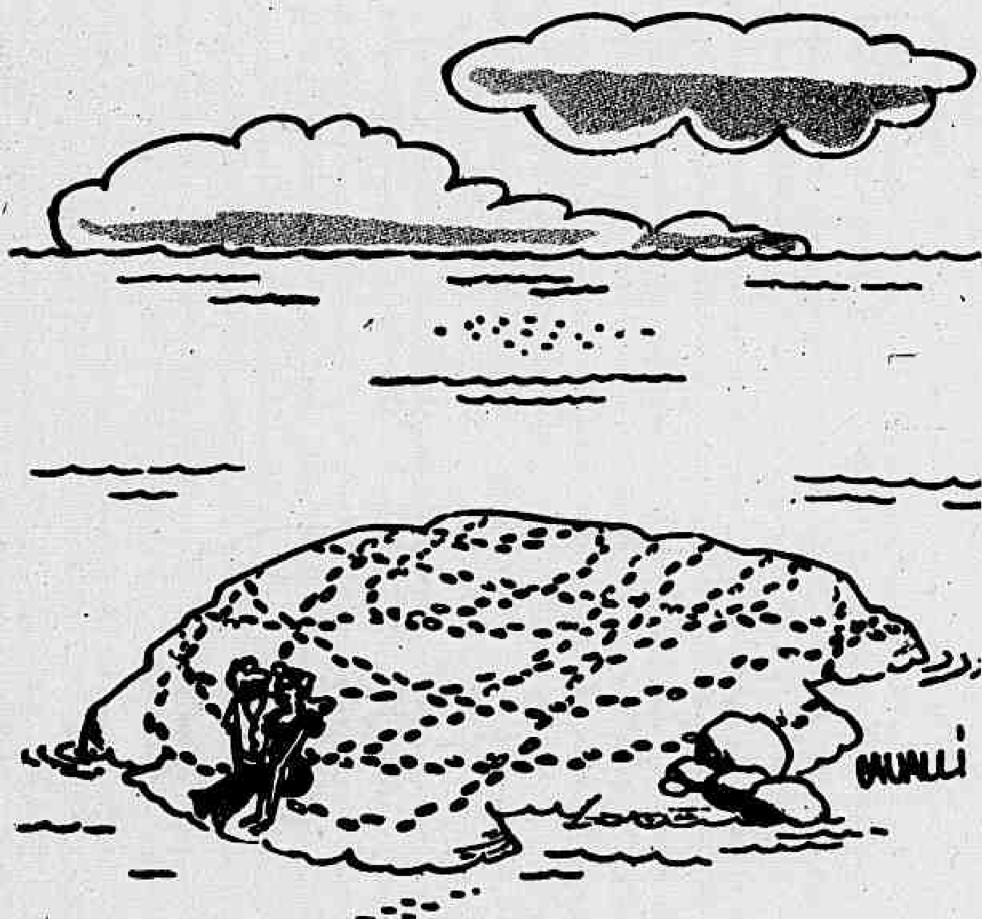
Carta do menino Carlos Lacerda à sua mãe. Lacerda ainda não tinha, então, dez anos de idade

Aos 13 anos de idade, Carlos Lacerda escreve à sua mãe dando-lhe conta da marcha dos exames que estava prestando.

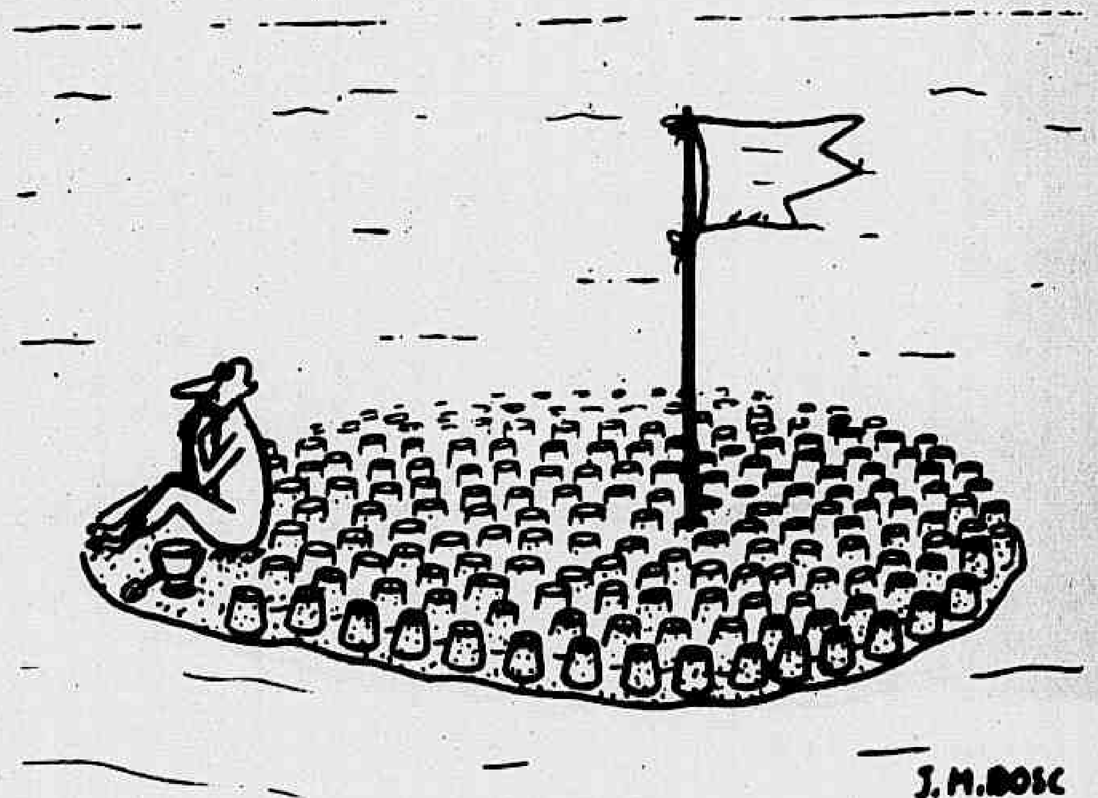
O NAUFRÁGIO NO RISO DOS OUTROS



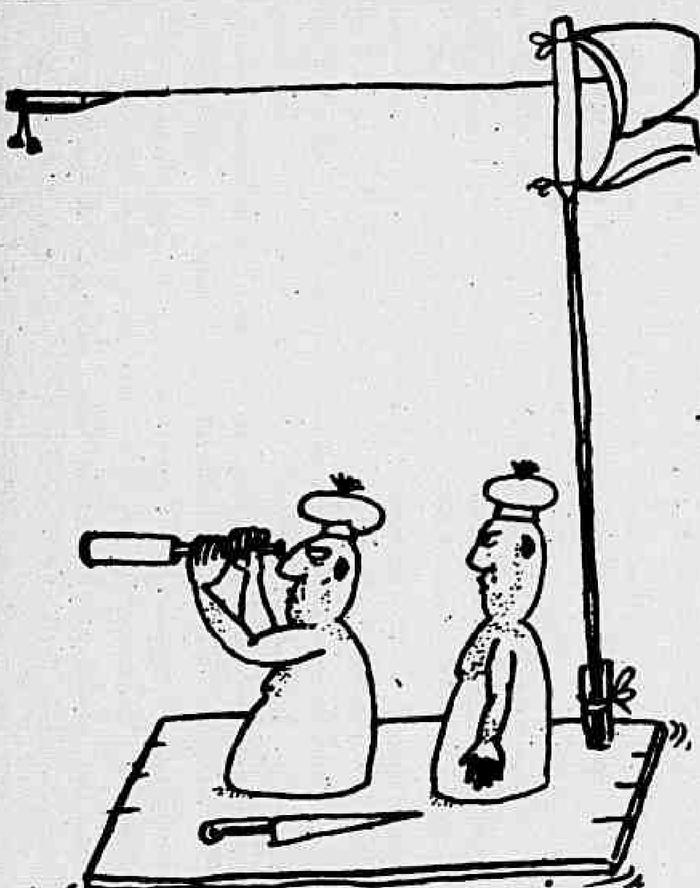
SEM LEGENDA



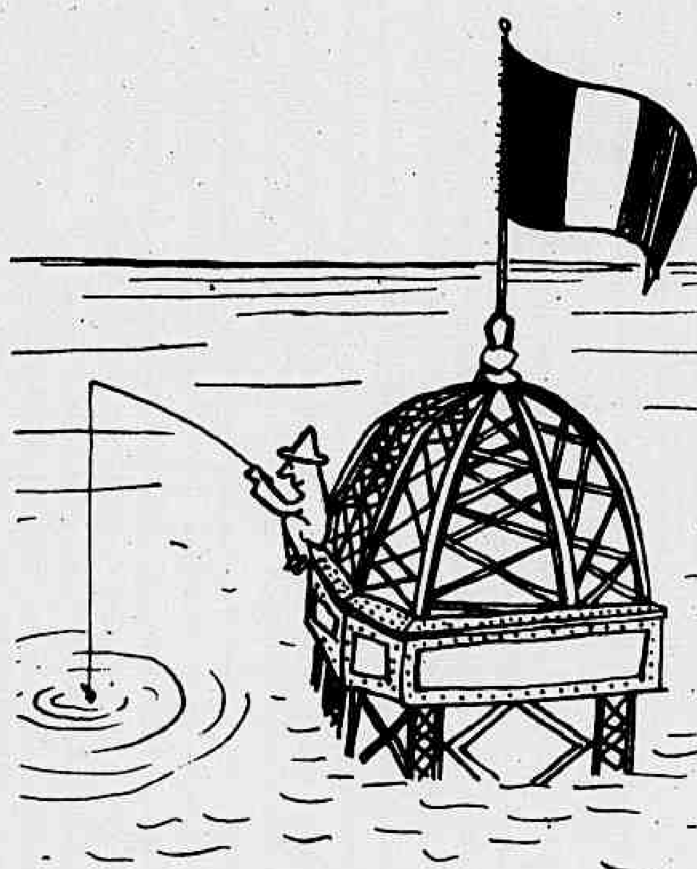
SEM LEGENDA



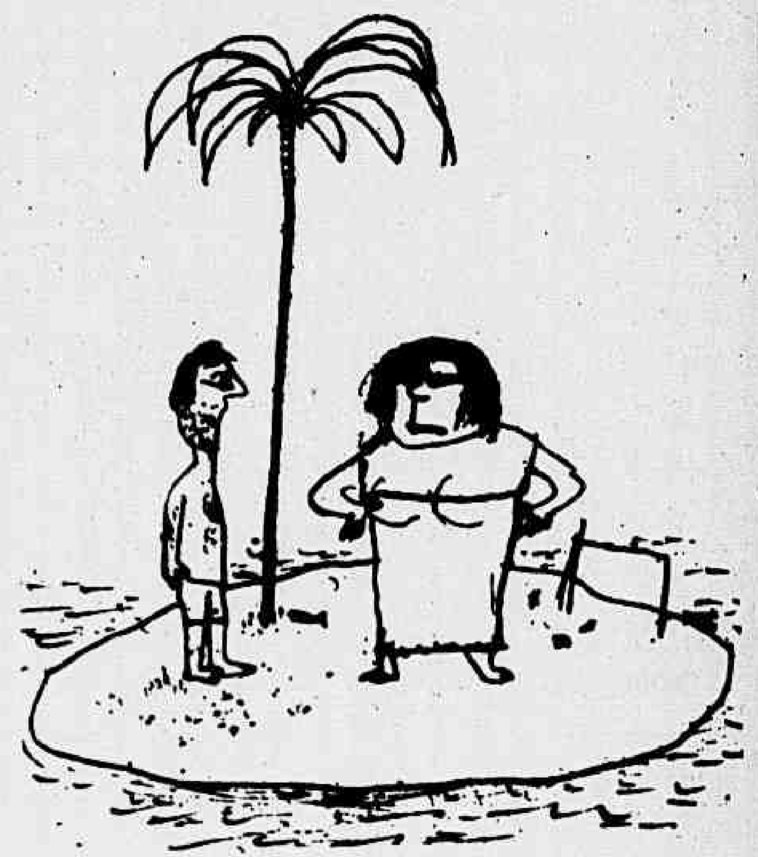
SEM LEGENDA



— Terra! Já não é sem tempo, um pouco de verdura...



SEM LEGENDA



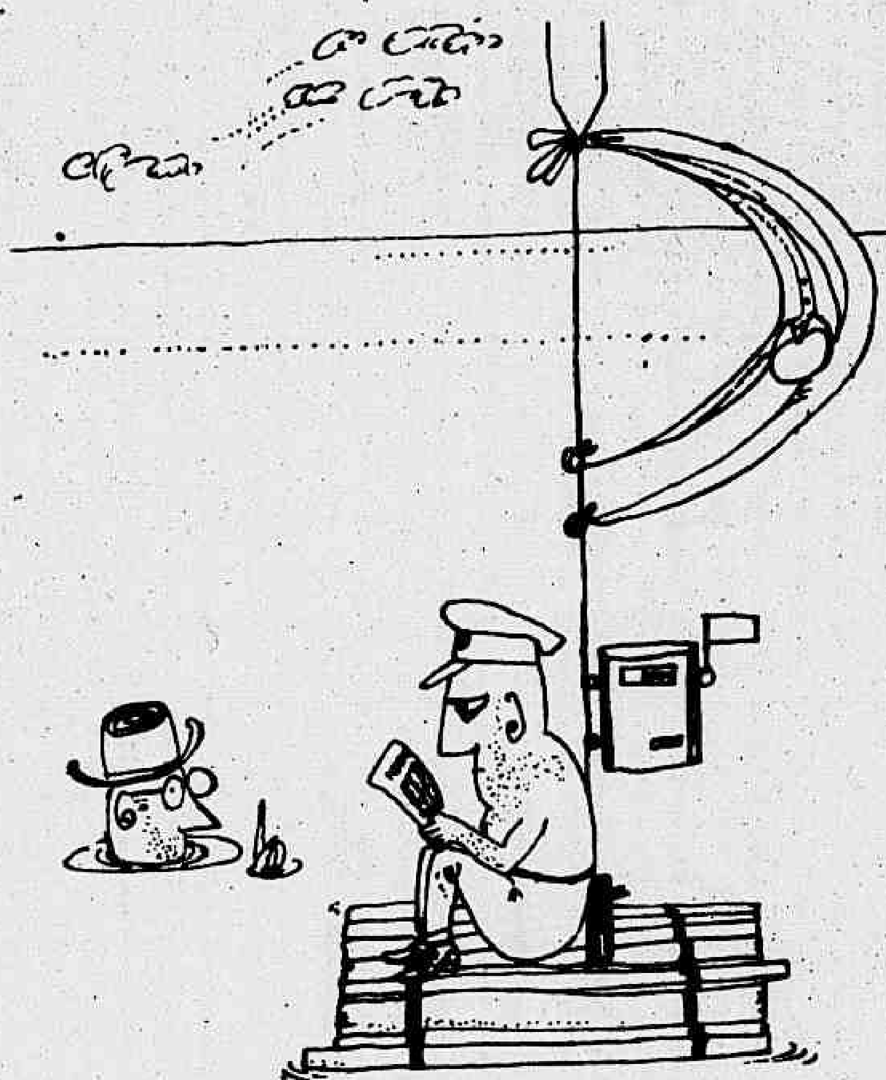
— Onde estêve, a noite passada?



— O que mais me agrada, nas férias, são os imprevistos!



— Eu gostaria muito, mas o que dirá minha mulher?



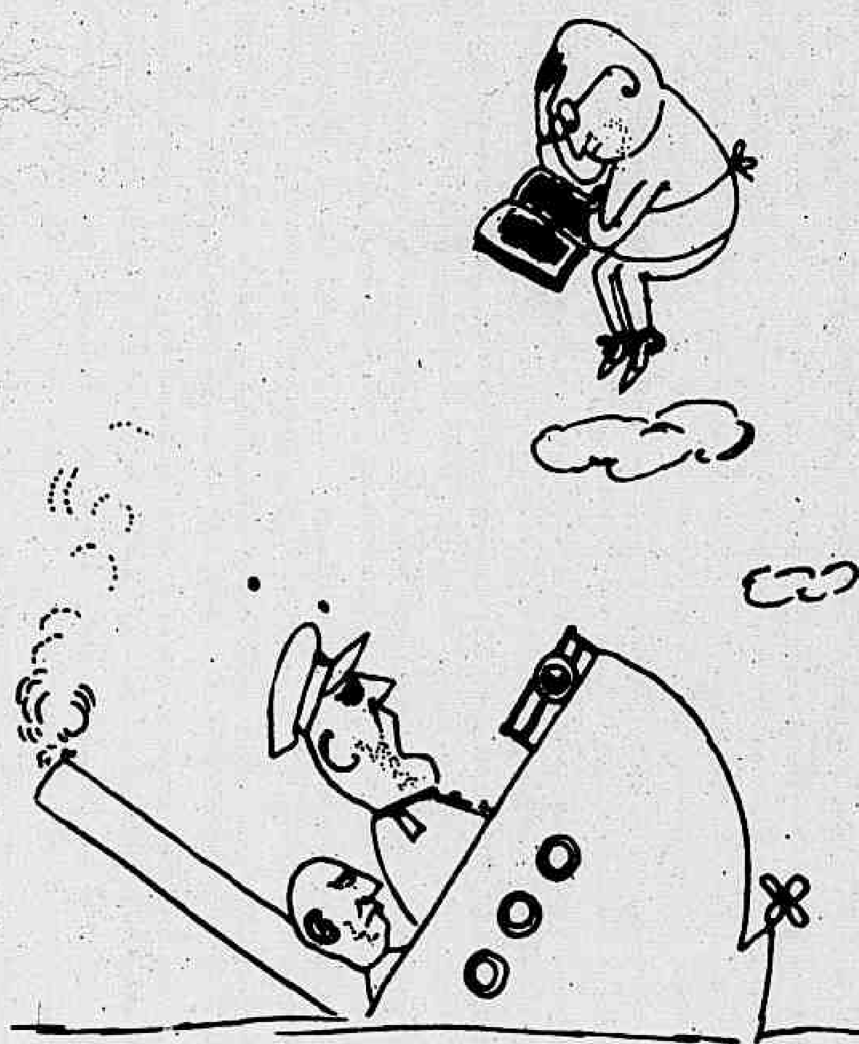
— Está livre?



SEM LEGENDA



Pudor



— Professor, estamos naufragando.

BAILE DE CARNAVAL

ANTONIO MARIA

DA beira do «dancing», êle via os pares passando, aos abraços, aos beijos, numa alegria que podia não ser muito cristã, mas, era alegria. Mulheres de todos os feitios e de tôdas as belezas deixavam-se pegar à vontade, como se fôsse um dia consagrado à generosidade do carinho (ou melhor: «da falta de respeito» — pensou o personagem desta história, chamado Malaquias). Se Deus não o houvesse feito do barro da tristeza, se não fôsse uma pessoa tão medrosa, daria o braço à **primeira** que o chamasse e, com ela, sairia fazendo essas mesmas coisas que se fazem no carnaval. E a orquestra tocava. Era um samba que sua alma sabia cantar de cor: «Tem pena de mim... Teeeemmm... Tem pena de minha dor». De repente, a índia parou à sua frente, dançando. Tinha aquêles olhos sonolentos de Margarida, o nariz curto de Elzinha, o riso abertíssimo de Cora Sales e o cheiro de Maria Teresa, que também não tinha sido sua amante. Quis ir com ela, mas achou que, antes, devia perguntar: «Faz mal eu ir com a senhora?» A **índia** caiu na risada, fêz um rodopio e entrou no bôlo do meio do salão, morrendo de rir. Um **legionário**, que vinha abrindo caminho para sua «japonesinha», deu um tranco em Malaquias e o chamou de **calhorda.** Tudo aquilo o fêz voltar ao seu ZERO de coragem. Era inútil tentar ser o desembaraçado, o alegre, o cínico. Um lança-perfume na mão, um boné de marujo na cabeça, um colar havaiano de flores, no pescoço, mas, de que serviam êsses enfeites se, por dentro, a alma vestia jaquetão de seis botões? Então, sentiu uma urgente necessidade de não ser Malaquias. Tirou o lenço do bôlso, deu-lhe uma seringada comprida com o lança-perfume e encostou com fôrça no nariz. O chão afastou-se um palmo dos seus pés e tôdas as aparências do mundo, num instante, se desanuviaram. Sabia a verdade de tôdas as coisas e a decifração de todos os enígmas. Podia rir dos outros, do ar suficiente dos segundanistas de Engenharia, do esclarecimento que atribuem a si mesmo os psicanalistas, das moças e rapazes que falam inglês correntemente. . . e ria, alto, cada vez mais, porque só êle sabia onde a verdade começava. Célia Campos vinha passando (estava linda) e êle gritou: «Vem cá, beleza»! Célia Campos, com as duas mãos, puxou-o pela nuca e deu-lhe um beijo na bôca. Malaquias saiu do beijo para perguntar:

— E seu marido ?

— Não interessa. . . — respondeu Célia Campos, levando-o para o meio da sala. Quem passasse podia ver e, se quisesse saísse falando. Lá estava êle, Malaquias mais amado que qualquer um nos braços de uma mulher ca sada. Sentiu que a felicidad era uma conquista fácil e qu o amor era um emblema d sua vida. Sugeriu que saíssem da festa e ela aceitou. Tomaram um automóvel e, aos beijos, num abraço que não po dia ser mais integral, manda ram que o chofer fôsse an dando à sua vontade. O vento da madrugada esfriou e os vidros da limousine subiram, sem qu ninguém os rodasse. Era Deus ajudando, pensou Malaquias, beijand os ombros rosados de Célia, morrendo, em felicidade, de uma mort que nunca gente nenhuma tinha tido, em sua família e em sua rua.

● O automóvel parou de repente. Os ruídos todos cessaram. O vento não houve mais e suas mãos se sentiram de repente, sem Céli vasias. Abriu os olhos. O enfermeiro o fitava, com ar de carão. Olhou se ao comprido. Estava deitado e coberto de lençol. Em sua volta, o cheiro era de iodo e esparadrapo (descobriu que esparadrapo tinh cheiro). Perguntou pelo seu lança-perfume e o enfermeiro lhe trou xe um espelho. Olhou-se. Estava mais Malaquias do que nunca: o na riz inchado, os lábios partidos e a cabeça tôda enfaixada. Daí a pouco, chegou sua tia Maria da Glória e contou como tinha sid (já da história contada pela polícia): Malaquias tinha cheirado éter tinha empurrado um **marinheiro** (que, na realidade, era coronel d Aeronáutica), tinha levado um sôco na cabeça, tinha caido e tinh sido pisado pelos **marinheiros,** que eram um grupo de 12. E Célia Campos, onde estaria? Longe e sem notícias. Havia sido uma vi zinha de sua casa, em Santo Amaro da Purificação, por quem Mala quias se apaixonara em silêncio, quando tinha 10 anos e não podia brincar na rua, porque sofria de asma. Com ela, em tôda a vida, só tivera uma conversa — ela, na calçada, tomando sorvete de copi nho e êle, na janela, com os olhos tristes e a vida parada. Ela per guntou:

— Gosta de sorvete?

E êle respondeu:

— Gosto, mas não posso. Só quando ficar bom.

E a trouxera dali, numa carruagem de nuvens, pelos espaços do sonho e do céu e, em seu corpo, em sua beleza, engrandecera-se de amor, até passar o efeito do éter. Sentia gôsto de febre na bôca, dores pelo corpo todo e o enfermeiro avisava que lhe tinha aplicado uma injeção anti-tetânica.

Desenhos de DAREL





QUANDO O ENTUSIASMO IA NO AUGE, ÂNGELA MARIA LEVOU O LENÇO AOS OLHOS E APAROU

Todo mundo (inclusive o Prefeito e a noiva) no BAILE DO RÁDIO

FOI mais brilhante do que o do ano passado o BAILE DO RÁDIO do Carnaval de 54. O Teatro João Caetano estêve à cunha, e centenas de pessoas, como nos grandes jogos do Maracanã, foram obrigadas a ficar do lado de fora, de convite na mão e alegria murcha. Ordem mais ou menos, paz quase absoluta: registrem-se apenas, como números extras, alguns desentendimentos entre polícia e foliões, na porta da entrada.







O camarote mais olhado do baile: nêle se vêem prefeito Dulcídio Cardoso, sua noiva, cantora Ester de Abreu, e o general Âncora, Chefe de Polícia. Nenhum dêles ficou até o fim. — À direita: carnaval carioca, um pouco de ginástica e tôda alegria possível. Tudo misturado.

Gloriosa e brilhante a entrada, em grande gala, da Rainha do Rádio, em cuja homenagem gritaram e cantaram milhares de vozes.

Belo e flutuante, o vestido de Ângela Maria era de fato o vestido de uma Rainha.



UMA LÁGRIMA FURTIVA

Lá dentro a Rainha Ângela Maria vivia sua glória máxima, aclamada por gente de todo jeito e de tôda qualidade. E no camarote melhor, o prefeito Dulcídio, de sorriso bem armado, sentava-se ao lado da srta. Ester de Abreu, sua noiva. Guardando o gentil par, o general Âncora tinha olhos espantados para tudo e todos. Foi uma festa bonita. E (milagre dos milagres!) houve cerveja gelada até o derradeiro minuto.

Duas morenas e a loira

AS NOVAS RAINHAS DA C



LILI MARLENE

AS três novas Rainhas da cidade não terão reinado muito longo. Mas pelo menos no Carnaval essa reinação é gloriosa e brilhante. Rosângela Maldonado (a nova Soberana do Carnaval), Ângela Maria (a Rainha do Rádio) e Lili Marlene (a Rainha das Atrizes) tiveram dias de festa como jamais terão novamente (a não ser que arrebanhem outra vez a farta messe de votos que lhes deu a vitória) em suas vidas. Duas morenas e uma loura — assim está dividido, até que as próximas eleições, as preferências do eleitorado carioca das vésperas de Momo, eleitorado que muitas vêzes se manifesta com mais seriedade e procedência do que no dia das eleições de verdade.



Não resta dúvida de que tôdas as três renhidas disputas, a mais dramática (deixemos, por complacência, escapar o têrmo) foi a de Ângela Maria, a moreninha de voz morna da Mayrink Veiga. Porque sòmente no derradeiro instante é que se impuseram, nascidos



ÂNGELA MARIA

e a loira

...OVAS ...S A CIDADE



ANGELA MARIA



ROSANGELA

quase por encanto, aquela avalanche de votos que, somados aos já devidamente apurados, ultrapassaram a casa do milhão. Uma bomba!

Quanto ao título da Rainha, a sorte e a conjuntura, que pareciam sorrir à frágil e grácil Angelita, tão inflamável no seu «biki-ni» rajado, acabou, por fôrça de votos imprevistos, pendendo para o lado de Rosângela Maldonado, para alegria de muitos e desespêro de outros tantos. Apanha de surprêsa, Angelita não pôde sopitar as lágrimas que lhe encheram os olhinhos vivos.

Mas Lili Marlene foi absoluta quase desde o prncípio do certame — e só não venceu de ponta a ponta porque não quis. Ela é realmente bela: uma gracinha de menos de 25 anos de idade e que, antes, já conquistara outros lauréis mais ou menos semelhantes.

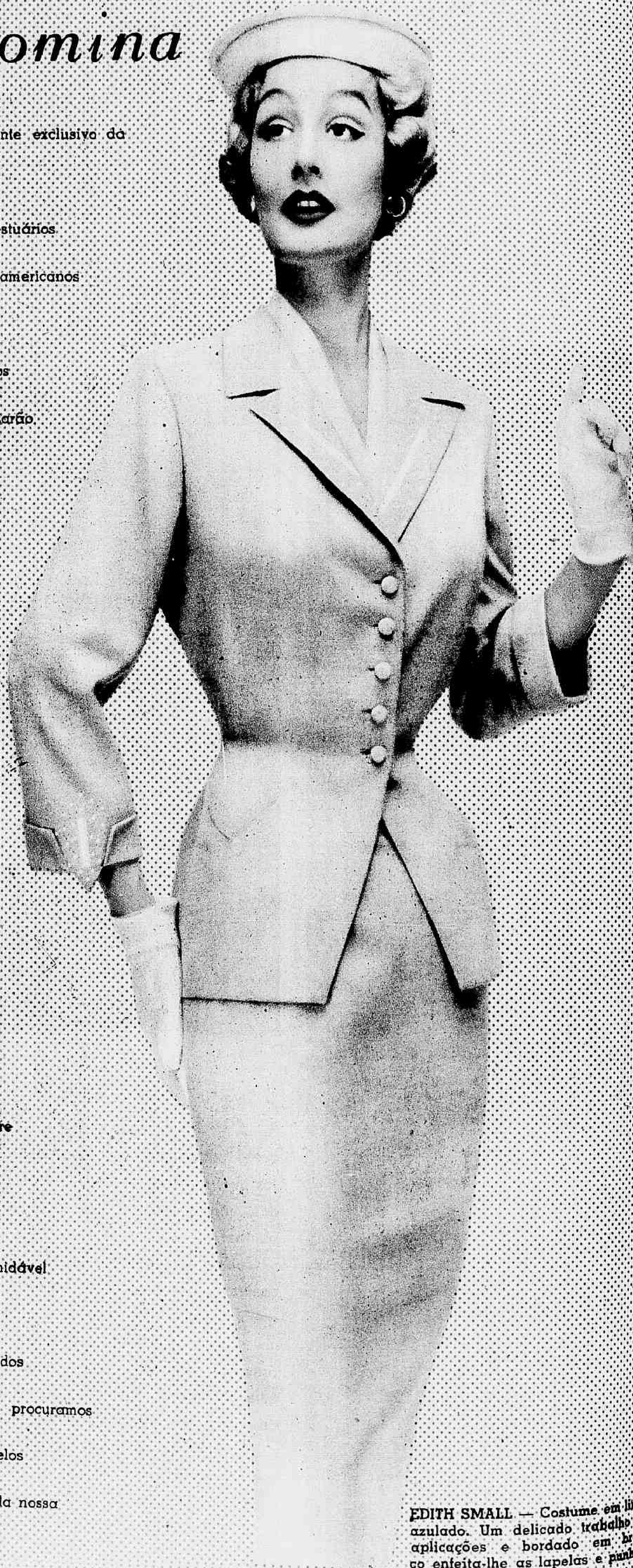
Aqui vão, devidamente coloridas, as três novas Rainhas da Cidade. Para elas, nossa devoção e respeito.



O Linho Domina

● Nova York — (por Gay Lombard — correspondente exclusivo da «Revista da Semana», nos EE. UU.) — O linho continua a ser o rei entre os tecidos preferidos para os vestuários femininos. Aparece nas coleções dos costureiros norte-americanos para a próxima estação, em tôdas as tonalidades, e para as mais diversas ocasiões. Em linho serão muitos dos «shortes» e das blusas que as norte-americanas usarão nas praias e nos campos, e em linho muitos dos maravilhosos vestidos de noite, bordados de «strass» e pedrarias. Já se encontram no comércio tecidos maravilhosos em linho, com a trama por vêzes fantazia e outras com associação de fios prateados ou dourados, de efeito luxuoso.

● Onde porém mais se destaca, é nas criações que seguem a nova linha ditada pelos costureiros parisienses: saia justa, com apenas uma prega ou um transpasse para facilitar o movimento das pernas, blusa singela de manguinhas muito curtas, ou sem mangas e completadas por bolero — sendo êste quase sempre bordado. Foi o que vimos nos desfiles, aqui em Nova York, nas coleções de Dorothy Dickerson, Mc Carthy, Sophie, Jonathan Logan, e dessa formidável francesa que há muito se radicou nos Estados Unidos: Pauline Trigère. Por ser o aspecto mais interessante dos desfiles norte-americanos, para a próxima estação, procuramos destacá-lo nessa série de fotografias — tôdas de modelos em linho — que escolhemos para remeter às leitoras da nossa «Revista da Semana».



EDITH SMALL — Costume em linho azulado. Um delicado trabalho de aplicações e bordado em branco enfeita-lhe as lapelas e punhos.

DORO
O bol

SO
co,



DOROTHY DICKERSON - Linho vermelho, tecido com fios de prata. O bolero é cravejado de pedrinhas de strass em vermelho e cristal.



PAULINE TRIGERE - Linho granitê de côr natural. O bolero cobre um corpo com alças finas. Echarpe verde com «pois» em branco e negro.



SOPHIE - Botões de madrepérola enfeitam o vestido em linho branco, acentuando-lhe o corte reto. Manguinhas de tamanho mínimo.



DOROTHY DICKERSON - Linho negro, com decote irregular, bordado com rosas brancas. O mesmo motivo no casaquinho de malha.



WEEK-END na Cozinha

AS QUALIDADES DE UM BOM PRATO DE CAMARÃO

É rico em propriedades alimentícias, delicioso e de baixa caloria.

● *O camarão é uma das maravilhas do mundo submarino. Suas qualidades o tornam extremamente versátil, rico em propriedades alimentícias, de sabor delicioso e baixa porcentagem de calorias. Pode preencher, pràticamente, quase tôdas as idéias que se tem a respeito do sabor que deve ter um prato do mar. É rico em cálcio, magnésio, fósforo, ferro, iôdo, além de outros doze elementos de igual importância, incluindo o cromo e a silica, que certamente não são os mais freqüentemente encontrados nos alimentos comuns. Além disso, é uma esplêndida fonte de proteína já pràviamente digerida e tem apenas um por cento de seu pêso de gordura. Tem só trinta e cinco calorias em trinta gramas, enquanto o presunto tem noventa e três. O camarão tanto é gostoso cozido com algum tempêro, como preparado com molhos os mais caprichados possíveis. Cozinha-se num instante, embora muita gente tenha a mania de deixá-lo cozinhar demais, o que prejudica sua contextura e sabor. Deve ser de preferência cozido em fogo moderado e durante pouco tempo. Quando estiver branco e opaco, com manchas côr-de-rosa, é porque está bom.*

A receita mais simples que conheço é de **camarão cozido** simplesmente: ponha água apenas até cobrir os camarões, mas deixe-a ferver antes de jogá-los dentro da panela. Diminua o fogo e cozinhe devagar. Para meio quilo de camarão cru são necessárias duas xícaras de líquido, duas colheres de sopa de vinagre ou caldo de limão, e uma colher de chá de sal. Deixe cozinhar durante cinco minutos e tire o camarão de dentro do líquido. Em vez de água você pode melhorar ou mudar um pouco o gôsto do camarão, usando caldo de galinha, a água em que foram cozidos os vegetais, ou qualquer outra combinação. Algumas pessoas preferem temperar com cebola e um punhado de especiarias.

/ / /

MUITO bons resultados têm sido obtidos quando o camarão é prèviamente pôsto de môlho e **frito.** Para fritá-los, no entanto, é necessário conhecer determinados pontos importantes.

O primeiro dêles é que gordura enfumaçada deixa mau gôsto no camarão. Fritá-los na frigideira é muito difícil, porque quando êles estiverem tostadinhos por fora provàvelmente já estarão torrados demais por dentro. Experimente, no entanto, pôr gordura apenas o suficiente para cobrir o fundo da frigideira. Coloque uma única camada de camarões, tempere-os a vontade e frite-os, até que estejam em ponto bom. Isso leva mais ou menos 5 minutos.

/ / /

PARA fritar camarões em muita gordura é preciso fazê-los **à milanesa.** Como as ostras, é bom colocar os camarões no gêlo depois de limpá-los e lavá-los, para que a cobertura fique mais aderente, pois não há nada pior do que uma cobertura que não adere. Se você consegue regular bem a temperatura da gordura, a cobertura ficará frita e sequinha, como realmente convém. Uma cobertura muito simples pode ser feita com sal e farinha de rosca. Misture uma colher de chá de sal com meia xícara de farinha de rosca bem fininha. Humedeça os camarões na água, e passe-os nessa mistura. Deixe-os em seguida na geladeira durante uma meia hora.

Esquente uma quantidade de gordura suficiente para cobrir meio quilo de camarões. A melhor maneira de experimentar a temperatura é com um pedacinho de miolo de pão. Quando o miolo de pão escurecer com apenas 40 segundos é porque já está bom. Frite os camarões até que êstes fiquem tostados. Vire uma vez apenas. O tempo de fritura é mais ou menos de três minutos, dependendo do tamanho. Deixe escorrer em papel absorvente.

/ / /

TUDO isso para se obter apenas pratos simples, embora saborosos! Daremos então uma receita mais pretenciosa, um prato chinês chamado **Hamanabe** que é uma espécie de «**sukiyaki**» feito com camarão em vez de carne de vaca. Esquente três colheres de chá de óleo e cozinhe cêrca de 700 gramas de camarões crus, sem casca, durante três minutos, mexendo sem parar.

Adicione, em seguida, um punhado de cebolinhas raladas, um quarto de xícara de môlho de soja, meia xícara de caldo de galinha ou água, e uma colher de chá de açúcar. Cozinhe em fogo brando durante dois minutos, até os camarões ficarem macios.

Acrescente depois meia xícara de bambu e meia xícara de aipo ralado; deixe cozinhar até ficar tudo bem cozido e em ponto bom. Sirva com arroz; a receita é apenas para quatro pessoas. Se por acaso ficar com líquido demais, engrosse ligeiramente o caldo.

/ / /

UM prato famoso de camarão é o **Jambalaya:** refogue um dente de alho picado em quatro colheres de sopa de óleo. Adicione uma xícara de arroz e refogue mexendo um pouco. Acrescente em seguida duas cebolas picadas, uma xícara e meia de presunto picado, uma xícara de tomates, duas colheres de chá de sal, uma pitada de pimenta, meia colher de chá de tomilho, um quarto de colher de chá de estragão e três e meia xícaras de água fervendo ou caldo de carne.

Cozinhe tudo isso em fogo brando até o arroz estar bem macio. Adicione finalmente 250 gramas de camarões crus sem a casca. Tampe e deixe cozinhar mais 5 minutos até que êstes também fiquem macios. — TIA DULCE.



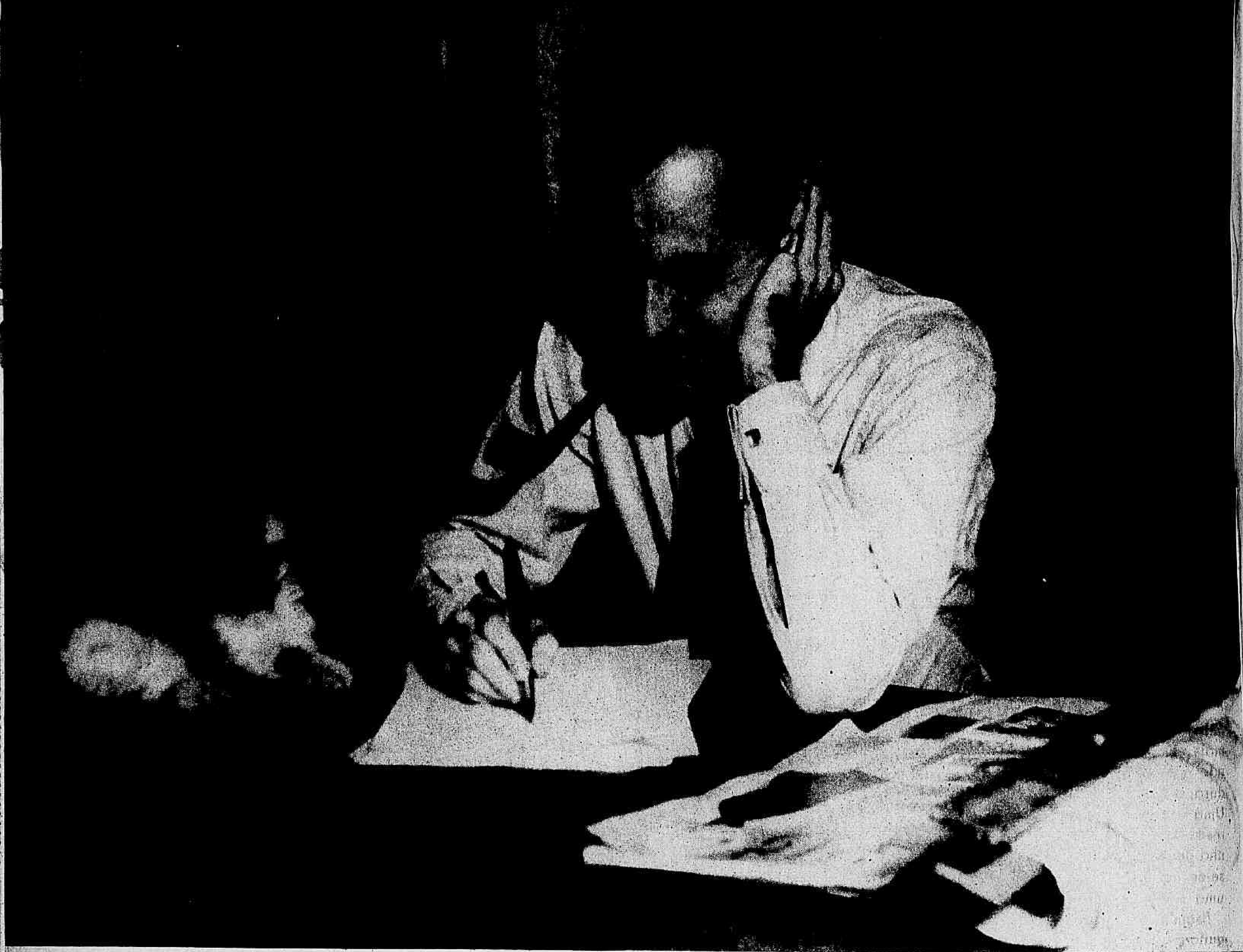
ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA «MAQUILLAGE» PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI





BOXEUR (pêso pluma) E CRONISTA MUNDANO (pêso pesado)

Jacinto de Thormes escala o "SCRATCH" DA ELEGÂNCIA

E RESPONDE A VÁRIAS PERGUNTAS, TÔDAS DA MAIOR IMPORTÂNCIA SOCIAL, QUIÇÁ CÍVICA

Texto de PAULO CARVALHO

Fotos de LICURGO MENDES

P — Se v. não fôsse Manuel Bernardez Muller o que gostaria de ser?

R — *Jacinto de Thormes.*

P — Qual a notícia cuja publicação lhe causou mais aborrecimentos?

R — *A publicação de minha briga com Daniel Gélin. Depois disso, todos os valentes passaram a achar que eu era parada dura.*

P — V. se diverte realmente em reuniões sociais?

R — *Eu vou lá me divertir com uma coisa séria?!*

P — Qual a pessoa mais bem educada do Brasil?

R — *A pessoa mais bem educada do Brasil são três: Embaixador Maurício Nabuco, sr. José Nabuco e monsenhor Joaquim Nabuco.*

P — Quantos socos v. já teve que dar em sua vida social?

R — *Nunca pude contá-los, sobretudo porque quando dou estou principalmente apanhando.*

P — Qual a diferença entre a sociedade do Rio e a de São Paulo?

R — *A diferença que a sociedade do Rio vai ao "Vogue" e a de São Paulo vai ao "Oásis".*

P — Qual a mulher mais simpática do Rio?

R — *Você não acha que eu já tenho bastante encrenca escolhendo as dez mais elegantes.*

P — Se v. escrevesse um livro sôbre tôdas as coisas que não pode escrever, o que aconteceria?

R — *Uma destas coisas: 1º) seria considerado comunista; 2º) seria responsável por uma revolução; 3º) ficaria rico; 4º) morreria assassinado por uma espôsa ou por um marido; 5º) seria enforcado pela torcida do Flamengo.*

P — Qual o tipo mais cacete de nosso *grand monde?*

R — O que faz perguntas que não deve.

P — Qual foi o momento de maior emoção em sua vida jornalística?

R — *Talvez tenha sido quando consegui que a Câmara dos Deputados e o Itamarati chamassem o ex-embaixador Batista Luzardo para repreendê-lo por ocasião de algumas de suas atividades peronistas. Tive muitas satisfações e prêmios; dessa vez, no entanto, tive mais, sabia que estava fazendo um benefício à coletividade.*

P — Quais são as mais simpáticas personalidades internacionais que conheceu?



R — *Orson Welles, Zsa Zsa Gabor, Ali Khan, Italo Balbo, Pablo Picasso, Phill Reisman.*

P — E as mais antipáticas?

R — *Yvonne de Carlo, Joe Louis, T. S. Elliot (embora com a maior admiração) e Charles Trennet.*

P — Qual o livro de sua preferência?

R — *Não é um livro e sim um autor, o único que li sèriamente até hoje. Seu nome é William Shakespeare, se não me engano.*

P — E o poema que mais o impressionou?

R — *Talvez o "Poema de Natal", de Vinicius de Morais; talvez "A Morte no Avião", de Carlos Drummond de Andrade. Fazem-me lembrar de duas épocas de minha vida.*

P — Se não fôsse cronista social, o que gostaria de ser?

R — *Jogador de futebol.*

P — Quais são os grandes donjuans da sociedade?

R — *O único Dom João que conheço é o príncipe de Orléans e Bragança.*

P — Um bom sujeito?

R — *Sobretudo.*

P — Por que v. fuma cachimbo?

R — *Quando eu tinha quinze anos, fiz tudo para impressionar uma pequena mais velha. Até fumei o cachimbo. Não consegui a pequena, mas o cachimbo viciou.*

P — Quais os melhores "copos" que v. conhece?

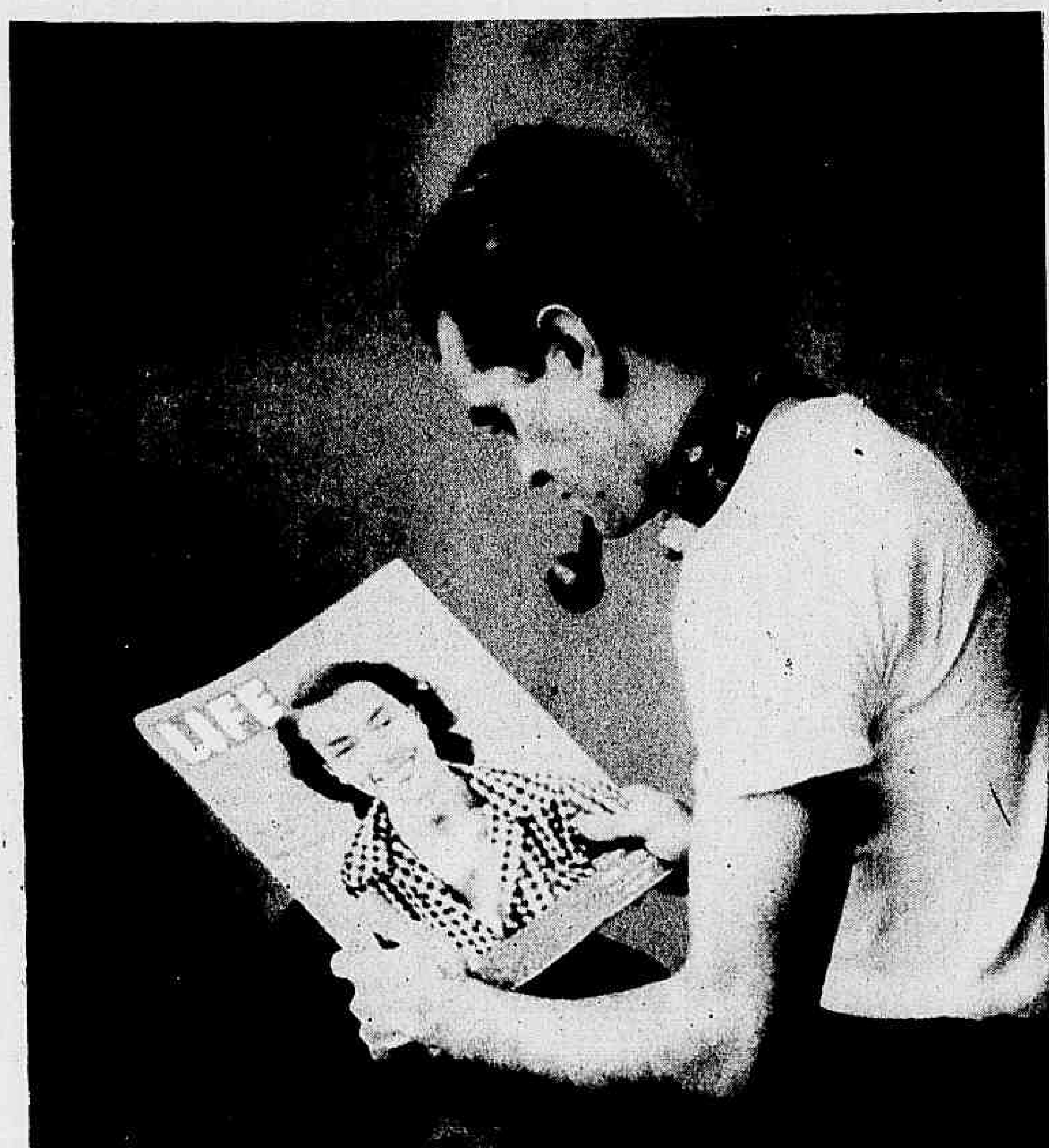
R — *Os de murano.*

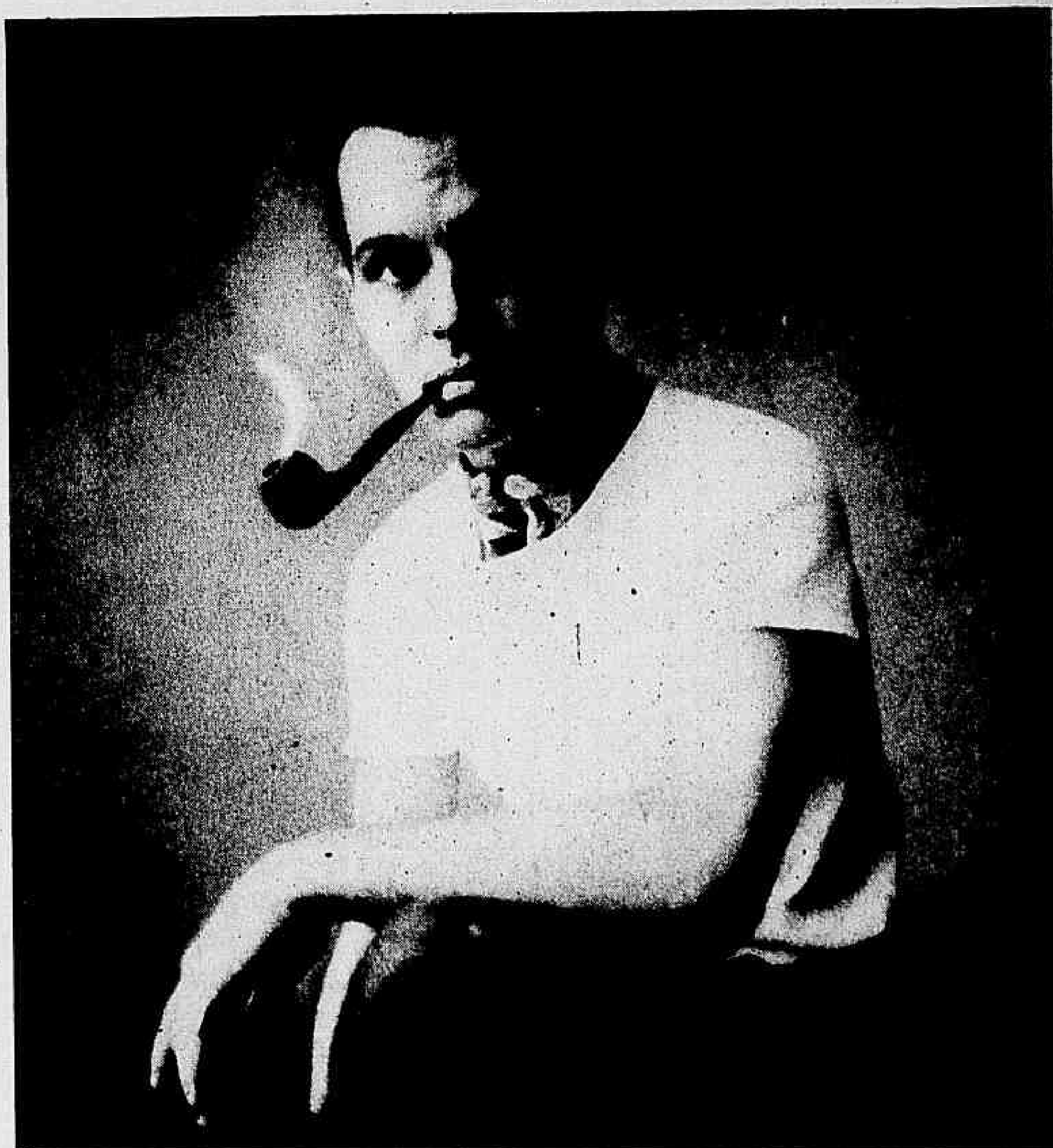
P — A vida vale a pena?

R — *Só saberei disso mais tarde. Mas amanhã eu não sei se eu chego até lá.*

P — Faça o seu time de pessoas indispensáveis a uma festa elegante.

R — *Pois não: Sra. E. G. Fontes; Didu Campos e Walther Quadros; Maria Luiza Melo, Lourdes Catão e Joaquim Silveira; Naná Winnans, Raimundo Castro Maya, Décio Moura, Laura Barros Moreira e Helena Mattarazo.*





JACINTO DE THORMES: AS NOTÍCIAS LHE CHEGAM SEMPRE EM PRIMEIRA MÃO

Conversa de MULHER

★ ★

● TUA MULHER TEM RAZÃO!

Era o que estava escrito atrás do carro de um automobilista de Berlim: «Tua mulher tem razão — dirije com prudência!» Iniciando assim uma original campanha contra os acidentes de automóveis, cujo único senão é não ter efeito sôbre os automobilistas solteiros e... as mulheres «chauffeuses».



● UMA MULHER NÃO DÁ!

Em Chandigarth — no Punjab (Índia) a poligamia é uma «necessidade prática», como explicou recentemente, numa conferência, o ministro da Educação daquele país, Jugat Narain: «Vivemos numa região em que os poços, que fornecem água para a vida diária, estão situados a 13 ou 14 quilômetros de distância. Uma mulher pode ir buscar água apenas uma vez por dia, e o pouco que pode trazer num jarro não basta para o marido... logo, êle precisa de ter mais de uma mulher...» (Lembre-se que aqui no Rio a água às vêzes está bem longe... e não mostre isto a seu marido).

● UMA SOLUÇÃO

Os inglêses, que permitem as maiores expansões amorosas em seus parques e jardins públicos, mudam inteiramente de ponto de vista dentro de um salão de baile, onde exigem a máxima compostura. Encontraram agora um meio de parar com as demonstrações recíprocas dos pares apaixonados: dançar agarradinhos, beijarem-se ao som da música, etc. Quando isso acontece, o par é imediatamente abordado por uma loura bonita, contratada para essa função — que lhes diz apenas:

— Não se importariam de esperar até saírem do baile, para fazerem tudo isso?

E... esperam.

● COMEMORAVA O ANIVERSÁRIO...

Numa cidade da Inglaterra foi prêsa há pouco tempo, uma senhora, Mary Ellen, porque cantava e dançava pela rua, embiagada. Explicou ao magistrado:

— Estou alegre porque completo hoje 73 anos... Absolva-me por esta vez!

O juiz recordou-lhe as outras 451 vêzes que fôra condenada pelo mesmo motivo e concluiu:

— Por hoje, pode ir andando... mas cuidado para não celebrar «demais» o seu aniversário...

● QUEM CASA...

Em Bolonha (na Itália), como no Rio e em São Paulo — em tôdas as cidades grandes — o problema de se encontrar uma casa ou um apartamento é tão difícil de resolver que muitos casamentos vão-se adiando... Muitas vêzes os apartamentos existem, mas por um preço!!!

Pois, em Bolonha, foi recentemente inaugurado o «Bairro dos Noivos», uma instituição destinada especialmente a solucionar o problema daqueles que não se casam porque não têm casa. Os apartamentos, em número de 376, são cedidos aos novos casais por um certo prazo, até encontrarem outro teto. Como isso pode demorar, já estão pensando em fazer uma creche para crianças de 1 ou 2 anos, perto dos apartamentos...

LÍGIA JUNQUEIRA

SUGESTÃO PARA O LAR



● Não olhe com inveja para a simpática copa e cozinha da fotografia... Desde que seu apartamento não seja de todo minúsculo, poderá lhe servir como sugestão para uma reforma... Como? Muito simples. A parede que separava a cozinha da pequena saleta que fazia as vêzes de sala de almôço e de copa foi posta abaixo. Ficou um compartimento mais amplo, uma espécie de copa-cozinha, que, mobiliada com gôsto, tornou-se um ótimo local para as refeições. A arrumação é recomendada para os lares onde a dona de casa cuida, ela própria, de preparar as refeições. A proximidade da mesa facilita bastante o serviço, e permite que não perca o fio da conversa familiar quando tem que se encaminhar para o «soufflé» no forno ou para trocar os pratos. Num ângulo da parece (em continuação à pia) foi, além disso, idealizado um pequeno balcão, suficiente para se tomar um refresco ou um café com leite, sem se precisar de usar a mesa. O decorador forrou todo o chão com linoleum de tonalidade neutra, com pintinhas de tôdas as côres, o que deu ao ambiente um aspecto alegre, acentuado pela estamparia original e em côres vibrantes, das cortinas. - NIKE.

UM POUCO DE BELEZA

Unhas sadias e fortes

● *Ter unhas fortes, não constitui apenas uma questão de saúde, mas também de beleza. Realmente, será impossível ter unhas bonitas se elas tiverem facilidade em se quebrar. Como poderá, então, mantê-las longas e finas, realçando a graciosidade das mãos?*

● *Se suas unhas são fracas, experimente fortalecê-las com iôdo, que constitui ainda o melhor preparado para isso. Coloque algumas gôtas de iôdo na base que usa antes do verniz... verá como dará logo bons resultados.*

● *Depois, cuide de não estragar suas unhas (e suas mãos) com os trabalhos domésticos, de lavar roupa, pratos e panelas. Basta ter o cuidado de usar sempre uma luva de brorocha para que suas mãos fiquem bem protegidas, enquanto executa essas tarefas caseiras. Ainda mais, com o uso das luvas, suas unhas se conservarão com o esmalte perfeito por muito mais tempo, poupando-lhe o trabalho de renová-lo continuamente. As mãos bem tratadas e as unhas perfeitas são características que distinguem a mulher "realmente" elegante.*

JÚLIA DE MILO

A IDADE E AS CÔRES

ATÉ pouco tempo atrás, as mulheres assim que passavam de uma certa idade, ou melhor, logo que lhes nascia o primeiro neto, começavam a se trajar de escuro (prêto, marinho, castanho) como se êsse fôsse o «uniforme» de avó. A primeira reação contra a vestimenta sombria para as senhoras de mais idade, partiu dos Estados Unidos. Lá, viram-se e vêem-se velhinhas de vermelho ou de amarelo canário, usados com tôda naturalidade. Não, não é preciso ir tão longe! Fiquemos nas tonalidades pasteis. Está provado que as côres suaves, como o azul claro, o rosa, o violeta azulado, são as mais indicadas para aquelas que já têm netos e possivelmente os cabelos grisalhos. O cinza também, em tôdas as suas tonalidades, é aconselhado, pois é sempre distinto. Ao vestir-se de escuro, de preferência ao marinho, ao invés do prêto ou marron.

A maquilagem em moda

TODOS os anos, quando são apresentados em Paris ou Nova York os modelos novos para as futuras temporadas elegantes, lança-se também o novo tipo de maquilagem a ser usada. Não é que haja variações totais, ainda que as vêzes se encontrem sugestões excêntricas. São certos detalhes que ao leigo passam, em geral, despercebido, mas que poderão constituir a linha divisória entre a elegância e a banalidade. Êste ano, por exemplo, a característica principal da maquilagem é a simplicidade. A tal ponto que, na Europa principalmente, até o baton foi abolido pelas jovens que freqüentam as praias de Nice ou Deauville. Isso não é aconselhável, porém, quando se passa dos 25 ou 30 anos.

● O rosto é muito pouco pintado. Quando se torna necessário passar rouge, deve ser feito com suavidade e bem afastado da linha do nariz.

● Para se passar o baton, segue-se a linha natural dos lábios, apenas acentuando-se um pouco o feitio em coração, o que se consegue aumentando o lábio inferior apenas no centro.

● As sobrancelhas são ligeiramente grossas, com uma linha levemente quebrada em circunflexo.



CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



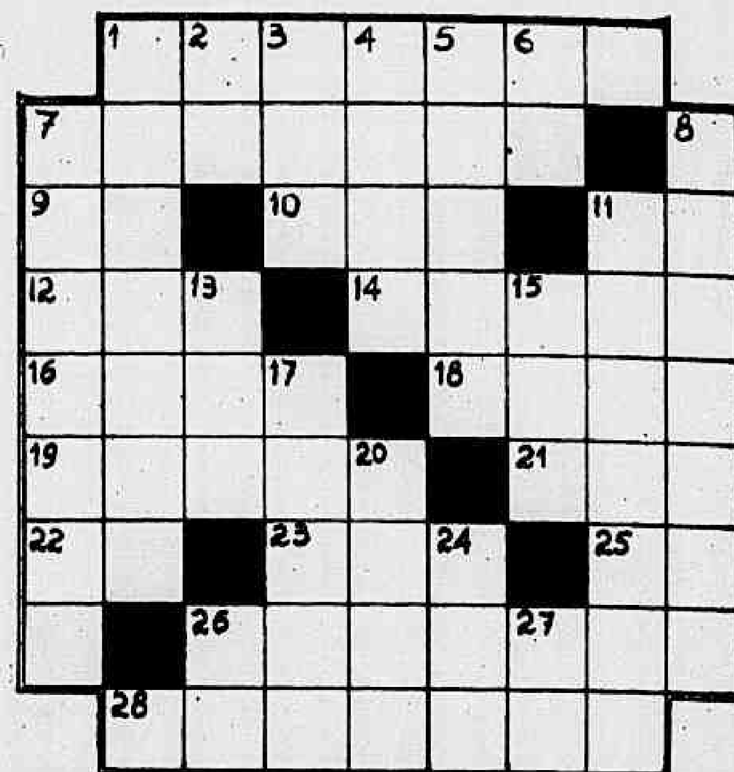
PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 7

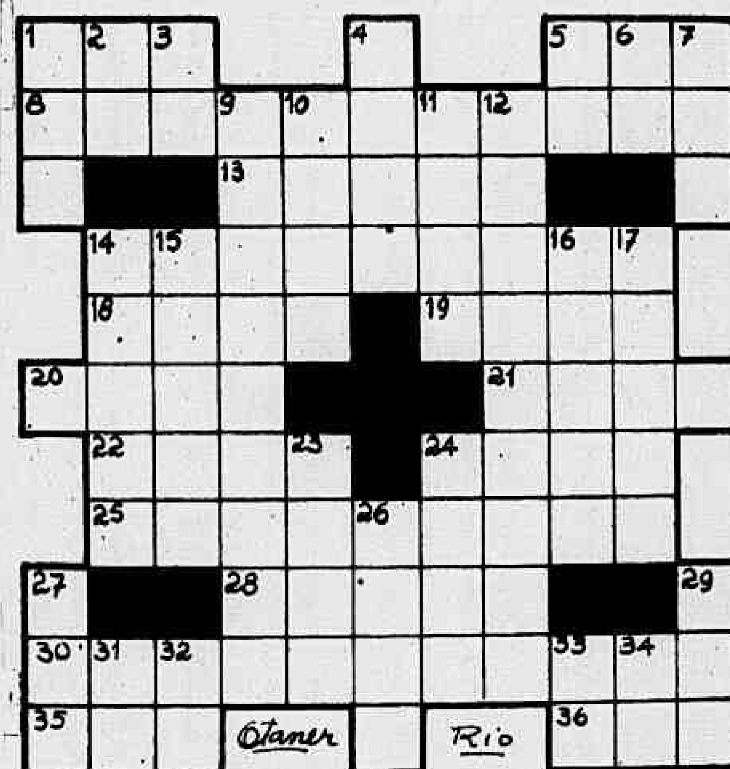
PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Espera — 7. Período de repouso, calma — 9. Mulo — 10. Feminino plural de ão — 11. Ama-sêca — 12. Membro de ave — 14. O mesmo que roseiral — 16. Pouco comum — 18. Cura — 19. Ordem, decreto — 21. Seguiam — 22. Tecido finíssimo — 23. Cólera — 25. Basta! — 26. Abrandar, acalmar — 28. Enfeitar.

VERTICAIS: — 1. Réu; que sofreu acusação — 2. Símbolo químico do gálio — 3. gemido — 4. Querer bem — 5. Ato ou efeito de rir (pl.) — 6. Concede — 7. Côr do ouro — 8. Espécie de polvo, também chamado «mãe-do-camarão» — 11. O mesmo que baratear — 13. Nome de homem — 15. Retira-se — 17 Superlativo de bom — 20. Rezar — 24. Rio da França, afluente do Ródano — 26. Prefixo que denota proximidade — 27. Em a.

PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Lugar por onde se é levado — 5. Variedade de abelha — 8. Intimidados — 13. Revolta — 14. Que come excrementos — 18. Melodia — 19. Peixe do mar das Índias — 20. Têrmo céltico que significa «foz», «estuário» e que se encontra em nomes geográficos bretões e escoceses — 21. Frisão — 22. Mulher fantástica — 24. Gostou — 25. Cruzeta em que, nas jangadas, descansa a verga da mezena 28. — Livra-se de um passo arriscado — 30. Sem graça (pl.) — 35. — Ninfa, filha do Oceano e Tétis — 36. Fasustenido, na nomeclatura alemã.

VERTICAIS: — 1. Determinado momento em que se faz alguma coisa — 2. Prefixo que denota movimento — 3. Cidade moabita, consumida pelo fogo numa só noite — 4. Risonho — 5. Na teoria da hereditariedade de Weissmann, unidade de idioplasma — 6. 17ª letra do alfabeto grego — 7. Rei de Judá (944-904 A.C.) — 9. Saíra súbita e inesperadamente de um esconderijo — 10. Dá existência — 11. Ventania — 12. Aturdir, embatucar — 14. Era compatível — 18. Expor ao sol — 16. Malogrou-se — 17. Nas casas romanas, grande sala que fazia comunicar o peristilo com o jardim — 23. Bolor — 24. Planta umbelífera — 26. Áspero, rugoso — 27. Antiga moeda da Holanda — 29. Cidade holandesa, no Brabant Setentrional — 31. Sufixo que exprime «matéria de que alguma coisa é feita» — 32. Pronome que significa semelhante — 33. Ilha da França — 34. Interjeição de espanto.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA Nº 6

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **Salivar — remirar — Om — sal — má — meu — remas — ente — rata — ítalo — ser — ré — ira — II — atacara — onerado.**

VERTICAIS: — **Semente — am — lis — irar — valer — ar — romeiro — casaria — mateiro — uta — mas — elite — orar — acq — an — ad.**

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — **Neta — sita — onera — refez — Tg — arcar — Da — oas — cal — tir — regateiro — Ga — lê — passarola — tar — aia — ava — On — alôjo — it — agude — acaso — rota — olor.**

VERTICAIS: — **Noto — engar — té — Ara — ser — If — tédio — Azar — arca — ralé — catraio — segar — trela — gás — Ilo — pango — salé — rajá — aviso — toar — ator — Ada — ôco — ut — al.**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..............................

RUA.................... Nº.....

CIDADE............................

ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

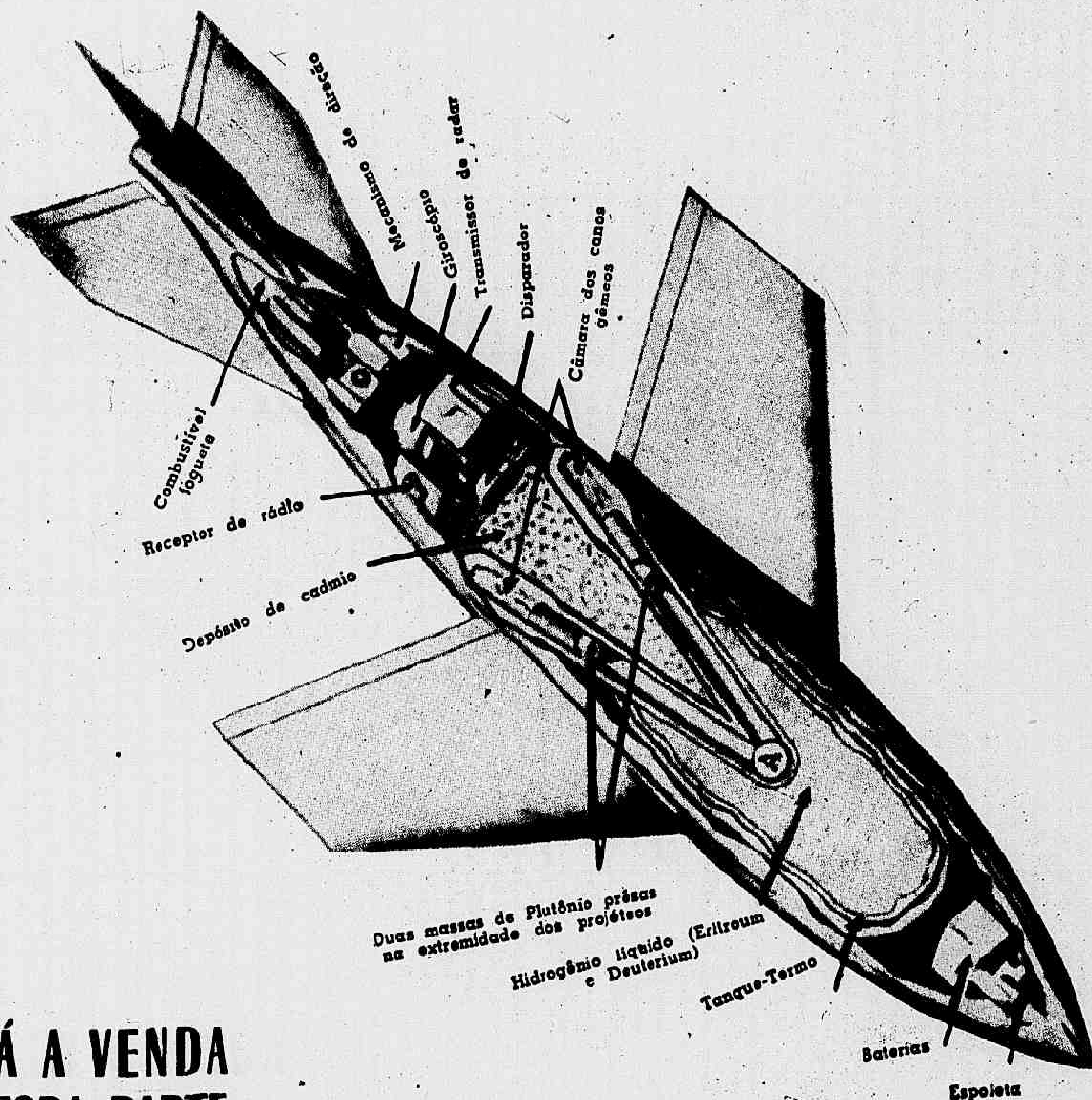
Enderêço telegráfico: Windsorhotel

SÃO PAULO

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954



ESTÁ A VENDA EM TODA PARTE

● Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

● Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.

● MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.

● ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



GEREMIA LUNARDELLI, o grande pioneiro que tornou o colonião conhecido nos quatro cantos do país. E' um verdadeiro paladino.

LUNARDELLI, O PAI DO COLONIÃO

CHEGOU A VEZ DO CAPIM

UMA QUESTÃO QUE ESTÁ ABALANDO O PAÍS DE NORTE A SUL ★ A PECUÁRIA ENCONTRA O SEU FUTURO ★ APOIO DO PRÓPRIO MINISTRO DA AGRICULTURA ★ COLONIÃO, O CAPIM QUE RESISTE AO FOGO E AFUGENTA AS FORMIGAS ★ FALA O DR. SANTO LUNARDELLI.

Reportagem de **HÉLIO ABREU**

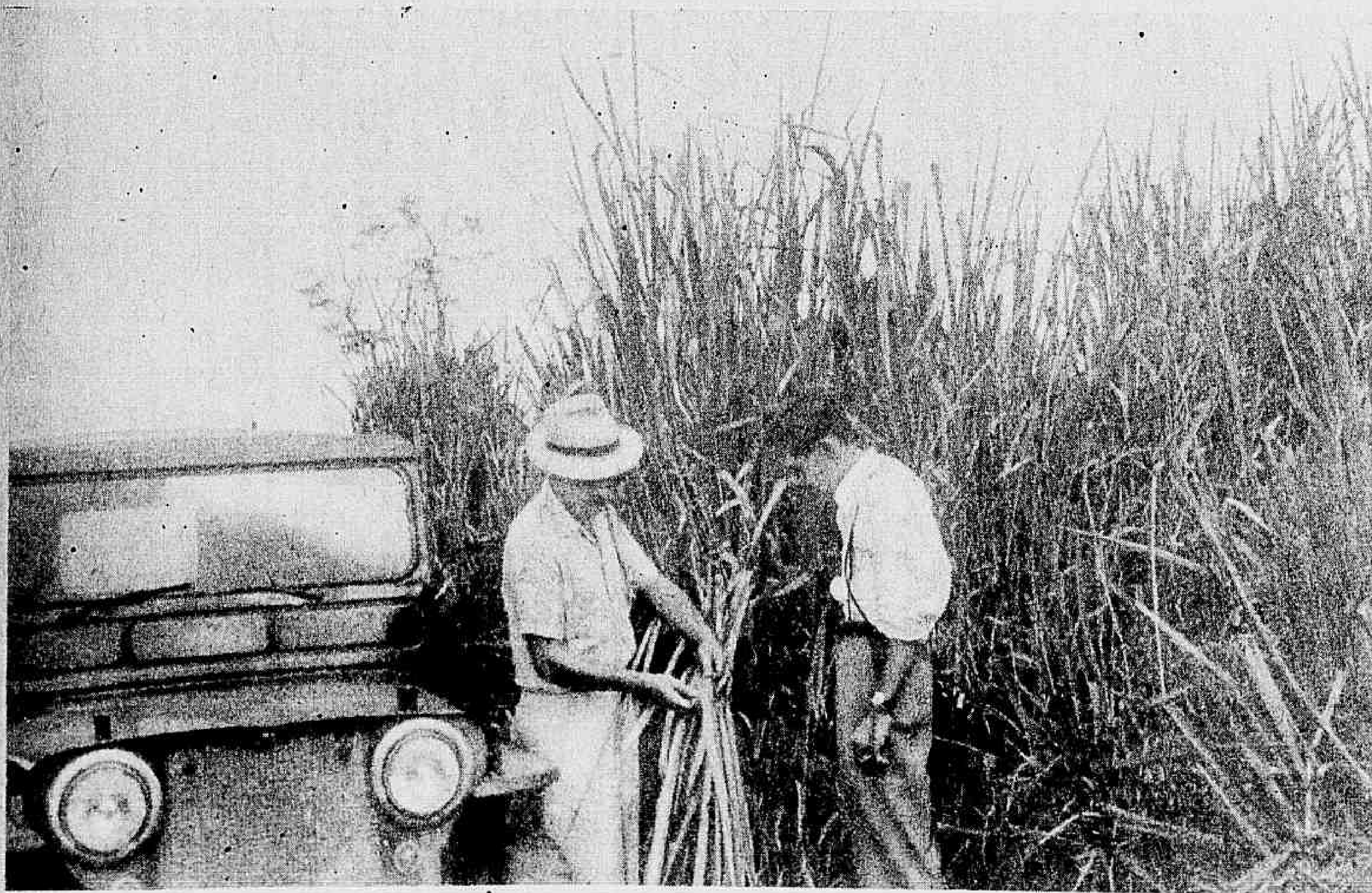
Fotos de **RUY COUTO**

O problema é tão velho quanto a própria humanidade, dirão os leitores ao ler esta reportagem. Mas a verdade é que poucos sabem como se está resolvendo o problema das pastagens de nossos cada vez maiores rebanhos. Geremia Lunardelli, o rei do café e do algodão, ganhou, agora, um novo título: Rei do Colonião, miraculosa gramínea introduzida no país não se sabe como, mas que sòmente depois da publicidade dada as suas inúmeras vantagens sôbre as demais gramíneas, pelo Comendador Lunardelli, foi que ganhou popularidade e é hoje considerada a melhor forragem que se conhece para o gado nativo. No sentido de melhor informar aos leitores e aos próprios fazendeiros que não conheçam ainda, as vantagens do «Colonião», foi o repórter à fazenda de Aguapeí, administrada pelo dr. Santo Lunardelli, e de propriedade do Comendador Geremia Lunardelli, onde colheu a interessante e oportuna entrevista que ora publicamos. E' interessante frisar o empenho da gestão do Ministro João Cleofas em tôrno do assunto, uma vez que S. Excia., por reiteradas vêzes, tem citado as inúmeras vantagens do «colonião» na solução do problema das pastagens, ocasiões em que S. Excia. não poupou elogios a tenacidade e aos inúmeros serviços prestados pelo Comendador Lunardelli, a seu ver um homem a quem a nação deve grandes e inestimáveis serviços.

Fala o dr. Santo Lunardelli: — «O naturalista M. Pio Corrêa foi quem publicou no **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil**, em 1926, sob a denominação de Capim Guiné, detalhes sôbre essa gramínea que deu novo alento e marcou época no setor pecuária de corte do Estado de S. Paulo. Graças ao Colonião não há o perigo da formação de desertos e o espantalho da saúva não tem mais razão de ser.

Êle é hoje conhecido, de norte a sul do país, sob 24 variadas denominações, mas no caso do fenômeno café, coube a S. Paulo a primasia do seu desenvolvimento em larga escala por apresentar nosso Estado condições geográficas e pedológicas especialíssimas no concêrto da Federação. Originário da África, segundo uns, e nativo do Amazonas a S. Paudo, segundo outros, o certo é que o Colonião teve o seu ponto de irradiação no nosso Estado; numa vasta região compreendida entre Rancharia, Araçatuba, Rio Prêto, Barretos e limitada pelos rios Paranapanema, Paraná e Rio Grande de solo tipo Bauru superior e inferior de clima quente e sêco encontra-se a zona ecológica ideal ao seu melhor desenvolvimento.

As pastagens da Fazenda



Na foto pode-se ver claramente a altura alcançada pelo capim colonião. O dr. Santo Lnardelli mostra ao repórter as fôlhas da gramínea.

Aguapeí, num total de dez mil alqueires, foram plantadas após o cultivo do solo em algodão por um espaço de tempo variável de acôrdo com a fertilidade do terreno. Suas raízes, que atingem a uma profundidade média de quatro metros e em quantidade espantosa lhe confere a. capacidade de suportar longas estiagens, como é sabido. Rigorosamente plantado, de dois em dois metros, no inicio das chuvas, seis meses após êle amadurece dando as primeiras sementes, ocasião em que convém entregá-lo ao gado, que por sua vez alimenta-se das fôlhas maduras e sêcas e pisoteia as sementes. Decorridos mais ou menos três meses e depois da primeira chuva e da retirada do gado é hábito a queima dos restos das touceiras, embora não seja essa prática imprescindível de acôrdo com a nova mentalidade agro-pastoril que desponta em nosso país.

O Colonião, sabemos de experiência própria, forma sem a queima inicial.

De uma forma ou de outra, após o início de novo ciclo vegetativo e de acôrdo com a exuberância na dependência da fertilidade do solo, aí então é que se pode regular a capacidade da pastagem formada.

Os maiores inimigos das pastagens são constituídos pela lotação excessiva por unidade-área. O fogo, oriundo de locomotivas de estradas de Ferro, descargas elétricas e pontas de cigarro pode dizimar outras gramínias, menos o Colonião.

As pastagens de Aguapeí comportam 45.000 cabeças, entretanto não temos tido mais que ... 30.000, uma vez que é preferível haver sobra do que falta de forragem; mesmo porque o valor da carne sendo superior ao custo da forragem é melhor arriscar a perda do alimento, lotando menos os pastos, do que não engordar suficientemente o animal por falta de capim. Não se pode raciocinar o alimento do gado em regime de engorda. O antagonismo Saúva-Colonião é um fato observado pràticamente desde o início de nossas pastagens da Fazenda Aguapeí há 20 anos. Qual a razão científica? Cabe aos pesquisadores esclarecer.

P. Está comprovada a superioridade do capim Colonião sôbre os demais?

R. O sr. que conhece o Brasil de norte a sul, já viu nossas pastagens de Colonião poderá tirar conclusões própria.

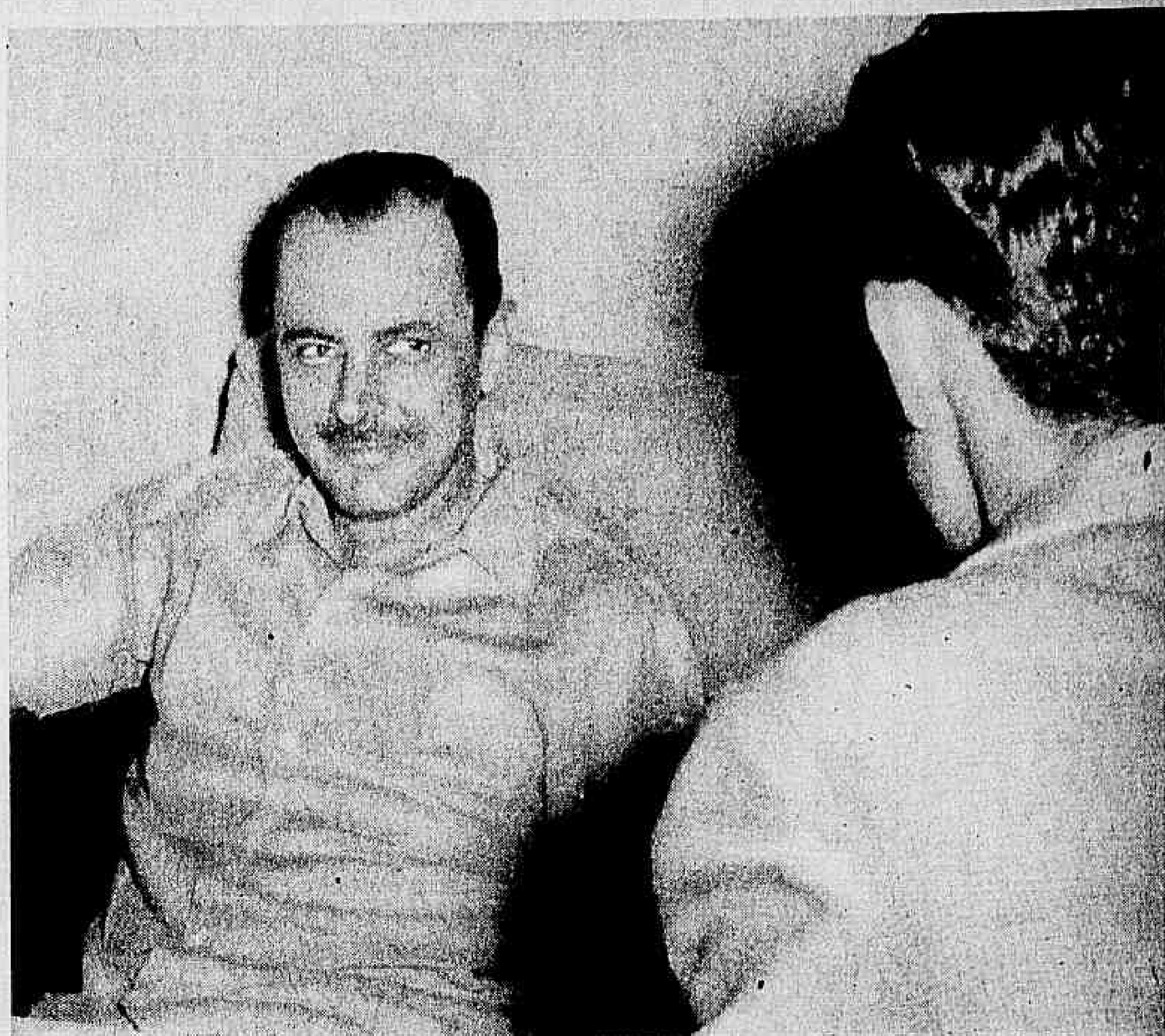
P. Depois da exploração em pastagens de Colonião, como a terra se comporta em face de outras culturas?

R. O Colonião, como gramínea que é, conserva o solo em tôdas as suas propriedades químicas.

P. Como se processa o plantio da gramínea? **Observa-se o sistema de muda ou de semente?**

R. Quando em larga escala, de muda.

P. Entre tôdas as gramíneas o Colonião é a mais **resistente?**



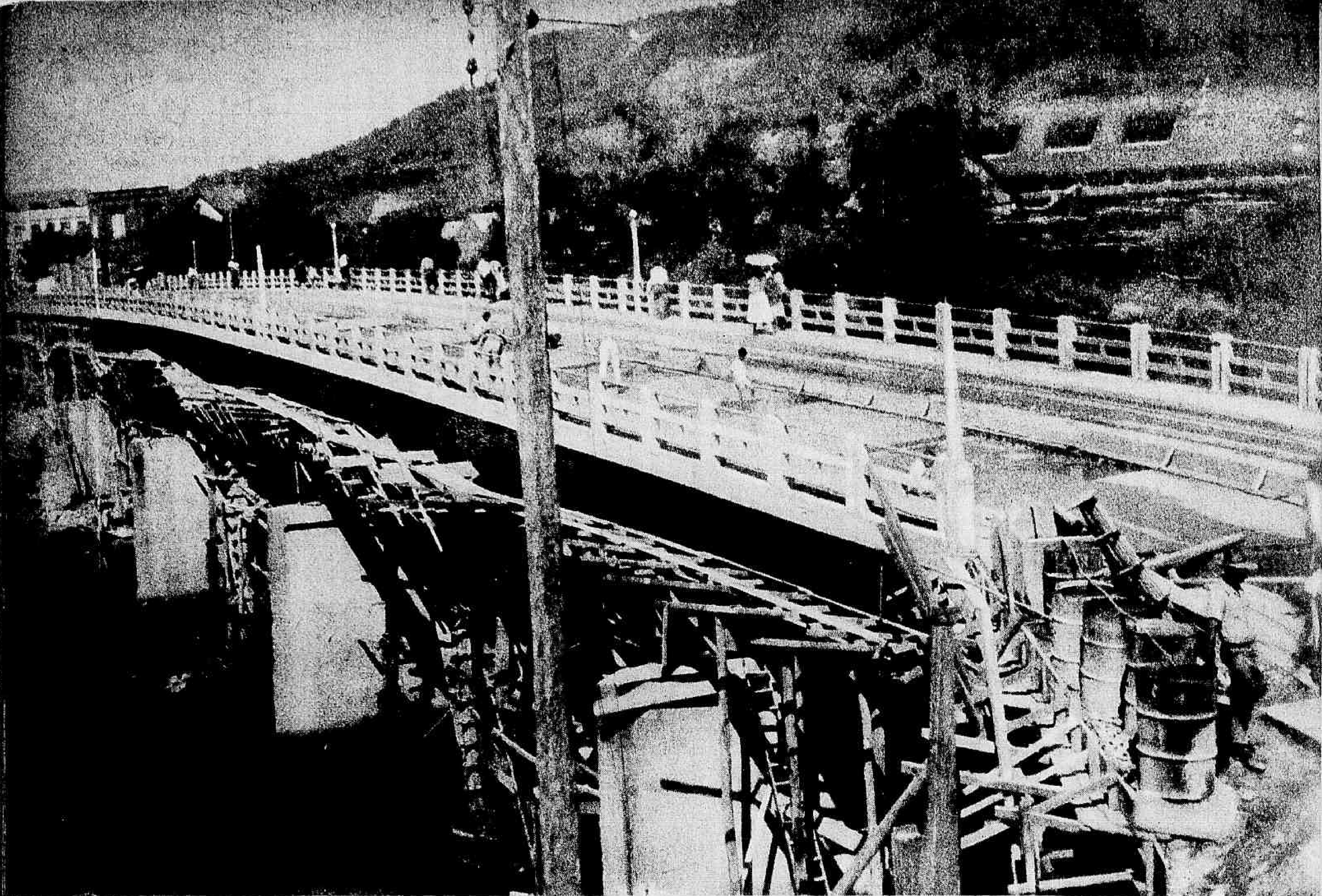
Na foto vemos o dr. Santo Lunardelli falando ao repórter. Homem de grau superior e um autêntico fazendeiro da nova geração

R. Aquilo que o zebu representa para a nossa pecuária, o Colonião representa para as nossas forragens.

O capim Colonião, como já disse diversas vêzes, tem as mesmas vantagens da grama MACAÉ e apresenta ainda outras, como a de ter as fôlhas lisas o que lhe dá a preferência do gado, uma vez que pode ser ingerida depois de madura. Nenhum outro capim é igual, a não ser a grama Macaé, que entretanto não resiste ao fogo nem afugenta as formigas. Outro detalhe interessante: O Colonião não deve ser misturado com outras gramíneas, uma vez que, por ser melhor, merecerá a preferência das manadas que irão, assim, refugar as outras. Esta a razão por que muitos fazendeiros alegam que em suas terras o Colonião não vai adiante...



Êste pasto de colonião foi plantado há mais de vinte anos pelo Comendador Lunardelli. Na fotografia aparecem alguns exemplares Nelore.



Ponte de concreto armado sôbre o Rio Itajaí Açu, na cidade de Rio do Sul. Várias obras de arte foram construídas.

EM SANTA CATARINA

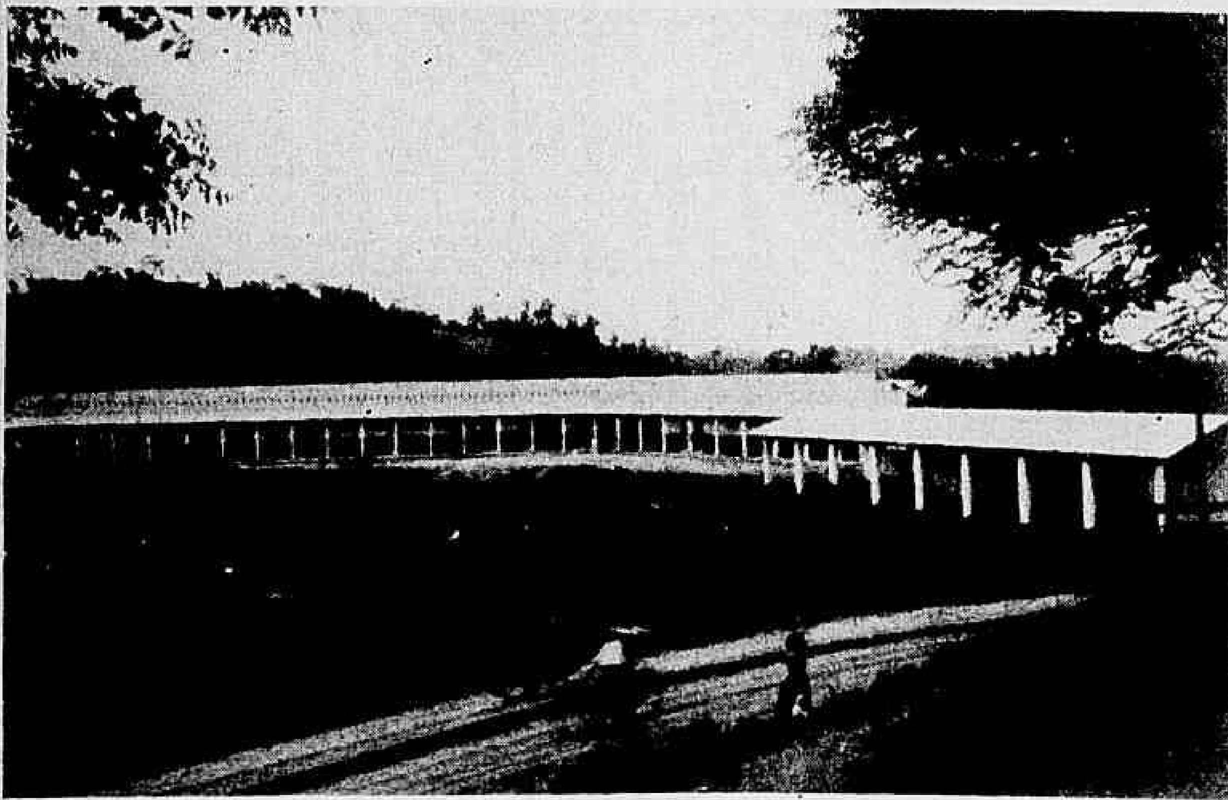
TRÊS ANOS DE UM GOVÊRNO QUE TRABALHA

O GOVERNADOR IRINEU BORNHAUSEN PRESTA CONTAS AOS SEUS COESTADUANOS

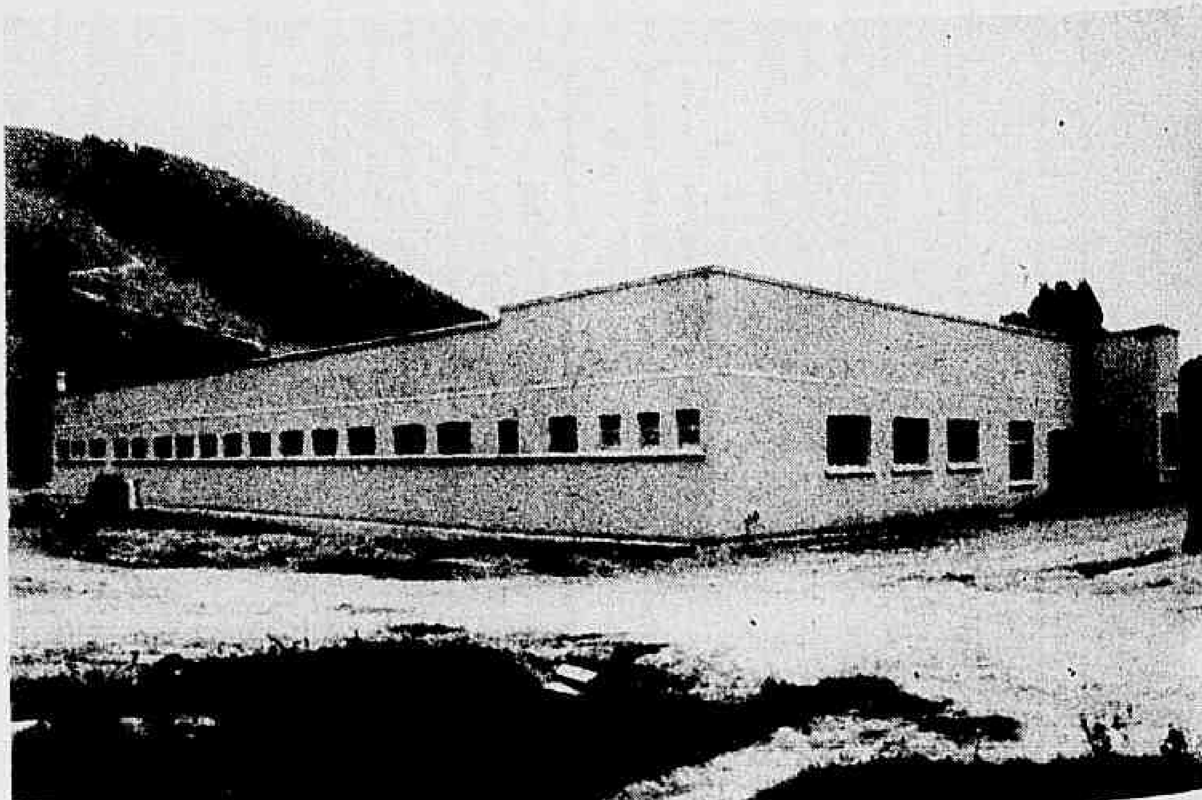
Ordem nas finanças ★ Energia e transportes ★ Educação e obras públicas ★ Fomento à produção.

Reportagem de ADALBERTO MENDES

NO dia 31 de janeiro último o governador de Santa Catarina, sr. Irineu Bornhausen, completou três anos de govêrno. Da maneira mais simples — e mais valiosa — prestou contas aos seus concidadãos. Simples, porque é sempre mais fácil dizer que fizemos alguma coisa quando se pode provar o alegado. Valiosa, porque apresenta, como lastro, um acervo de realizações que surpreende pelo vulto. O sr. Irineu Bornhausen pôs mãos a obra com decisão e energia. Quando lhe faleciam os meios, buscava-os fora do Estado, numa ação perseverante e obstinada junto ao Govêrno Federal. E terá, ao fim do govêrno, dado ao seu Estado um sensível impulso em tôdas as esferas do desenvolvimento econômico. Ao assumir o govêrno, o sr. Irineu Bornhausen empenhou-se primeiramente na tarefa de fortalecer as finanças do Estado. Assim é que a arrecadação, em 1951, subiu de 235 para 312 milhões de cruzeiros; em 1952 atingiu 341 milhões e em 1953 alcançou a casa dos 455 milhões, registrando-se nesse ano um excesso de 100 milhões sôbre a receita orçada. Daí partiu o govêrno para um programa de realizações, de que pode agora apresentar um resultado altamente compensador. No que toca aos transportes, duas importantes rodovias estão sendo remodeladas: a que vai de Blumenau a Jaraguá do Sul e a que liga Joinville a S. Francisco do Sul. Estão sendo reconstruídas as estradas de Blumenau a Rio do Sul, Joaçaba a Campos Novos e Florianópolis a Canavieiras. Ultimaram-se os trabalhos de macadamização da rodovia Joaçaba a Concórdia. A estrada Blumenau-Itajaí — uma das mais movimentadas do País — está sendo pavimentada a paralelepípidos, que também será empregado no trecho Florianópolis-Sto. Amaro, obras cujo início ocorreu a 31 de janeiro último. Os melhoramentos feitos nas estradas estaduais — macadamização, alargamento, retificações, reforços de plataformas — abrangem extensão superior a 1.000 quilômetros. Além dêsses melhoramentos, constrói o Govêrno, presentemente, mais dez rodovias. Neste setor, da mais viva importância para a economia do Estado, vários outros serviços foram executados e estão em andamento. Inúmeras obras de arte foram concluídas e estão em construção, e nada menos de 33 pontes já se acham abertas ao tráfego. Na Serra do Rio do Rastro está sendo aberta passagem, empreendimento arrojado mas necessário, de sua valia para as populações do planalto joaquinense. E prossegue ativamente o programa traçado, com a compra, nos Estados Unidos, de maquinaria rodoviária no valor



Grupo Escolar «Adolpho Konder», no bairro da Velha (Blumenau). Construído pelo Estado, sob direção da Prefeitura.



Delegacia de Polícia e Cadeia Pública. Blumenau. Construída pelo Estado, sob administração da Prefeitura local.

Ponte sôbre o Rio Itajaí-Mirim, na cidade de Brusque. Esta obra, e muitas outras, foram concluídas e estão em uso.

de 17 milhões de cruzeiros, com a abertura de novas estradas e remodelação das existentes.

Os demais setores da administração têm encontrado no governador Irineu Bornhausen o mesmo empenho e o mesmo entusiasmo. Armazéns de trigo, silos subterrâneos e aéreos, pastos agro-pecuários e de suinocultura, estímulo e amparo às culturas do trigo e do café, mecanização da lavoura, aquisição de maquinaria agrícola destinada aos lavradores, — com a qual já foram beneficiados 29 municípios, sendo que no decorrer dêste ano os demais serão contemplados — aquisição de reprodutores de raça pura, etc., revelam a preocupação constante da administração de prover as fontes de produção com os melhores elementos de progresso. No que concerne à produção industrial, vale assinalar a importância de dois empreendimentos inaugurados em 1953: a Usina do Bracinho, em Jaraguá do Sul, e a linha de transmissão de Florianópolis a Jaraguá do Sul, obras que custaram mais de 60 milhões de cruzeiros. Na barragem do Rio Garcia, que está sendo feita pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento, o Estado instalará uma usina hidrelétrica com mais de 10 mil H.P., cujo custo excede a 40 milhões de cruzeiros. Dando incremento ao ensino, construiu o Govêrno, em 3 anos, 16 grupos escolares, achando-se em construção mais 33, afora as reformas ou ampliações em muitos outros. Cuidando da saúde pública, o Govêrno construiu e constrói 22 postos de saúde, mantendo unidades sanitárias e serviços correlatos. No setor das obras públicas, além dos prédios atrás referidos, devemos mencionar a construção do Edifício das Secretarias e da residência do governador, a reforma do Teatro Álvaro de Carvalho, a instalação da rêde de águas e esgotos de Itajaí, a construção dos quartéis da Fôrça Pública de Joaçaba, Chapecó e Dionísio Cerqueira, dos edifícios das coletorias de Dionísio Cerqueira e Itajaí, e das delegacias e cadeias públicas de Turvo, Timbó, Joinville, Indaial, Concórdia, Blumenau, Chapecó e Dionísio Cerqueira, muitas dessas obras já concluídas e inauguradas. Sobe a quase trezentos o número dos prédios escolares e edifícios públicos que sofreram reformas, ampliação ou melhoria de instalações, e já se anuncia a construção do Edifício das Diretorias e do Instituto de Educação, êsses em Florianópolis.

Não nos é possível, no reduzido espaço de que dispomos, fazer desfilar, ponto por ponto, todo o acervo de atividades do atual Govêrno de Santa Catarina, no triênio 1951/1953. O que atrás ficou relatado, entretanto, já é o bastante para comprovar, através de números, fatos e realizações, o desejo sincero e o entusiasmo que norteiam a ação do governador Irineu Bornhausen visando ao desenvolvimento e ao progresso de sua terra, conseqüentemente ao bem-estar dos seus governados. Não tivemos, nesta reportagem, a preocupação do elogio fácil, que compromete e avilta a missão do jornalista. Alinhamos aquêles fatos e aquelas realizações que podem ser a qualquer momento verificados por quem assim o pretenda. Nem precisa recorrer ao processo encomiástico quem, como o atual governador da terra de Hercílio Luz, pode apresentar aos seus concidadãos uma prestação de contas dessa ordem, que bem poderia ter como título esta verdade: FATOS E NÃO PALAVRAS

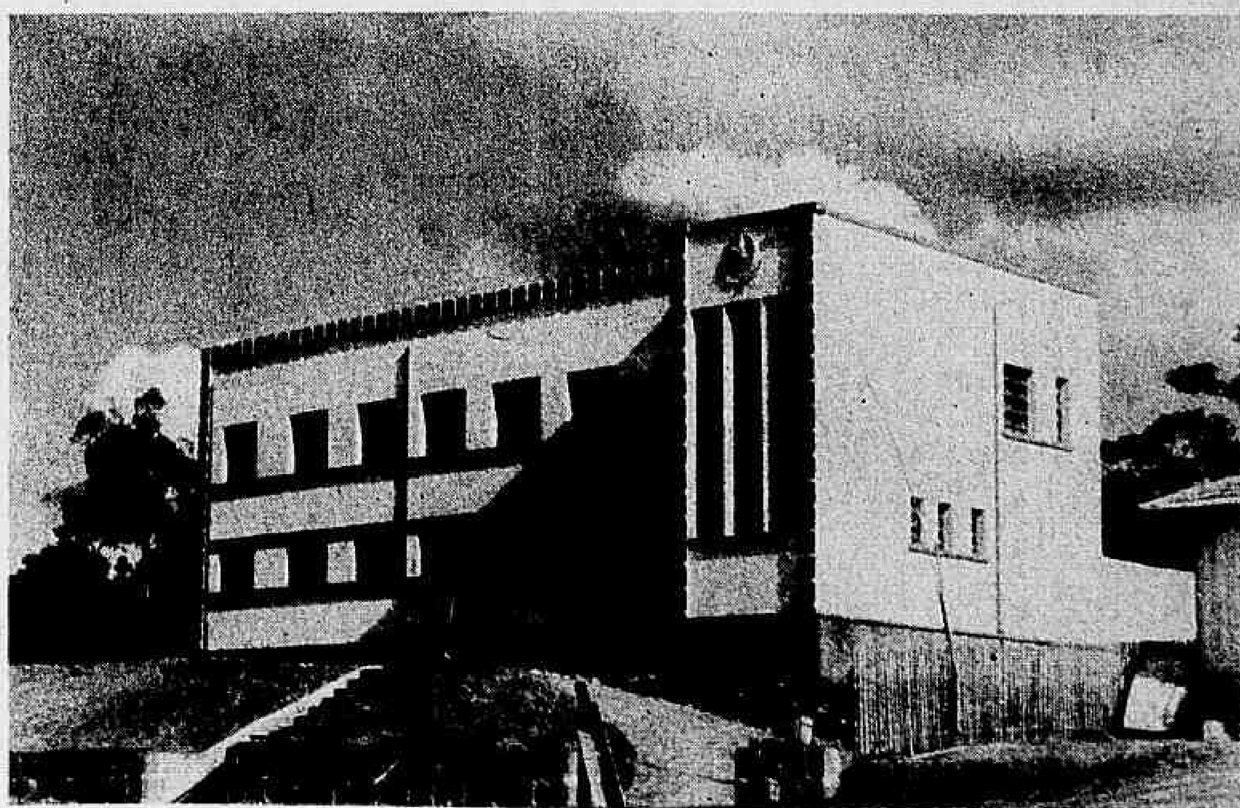




Trabalhos de alargamento para 10 metros, no km. 22 da estrada Canoinhas-Mafra (gravura de cima). Na foto de baixo, trecho da estrada Joinville- São Francisco do Sul, após melhorada.



Trecho pavimentado a paralelipípedos, da Estrada Blumenau-Itajaí. Obra iniciada no mês de outubro do ano p. passado.



Cadeia Pública de Chapecó. O Estado vem dotando os seus serviços, por todo o interior, de instalações apropriadas.

[redacted]

• ECONOMIA DE SOGRAS

Conta Herman Lima, que o poeta e jornalista cearense Quintino Cunha, depois de enviuvar, casou com uma irmã da primeira mulher — dizia que era para fazer economia de sogras. Como a espôsa, para provocá-lo, assinalasse certa vez o que seria capaz de fazer de desgôsto, se êle morresse, Quintino, na mesma hora, escreveu uma poesia, terminando com esta quadra:

«Para evitar essa hora amargurada,
Êsse quadro de dor tão verdadeiro,

Deus há de ser servido, minha amada,
Que tu morras primeiro»...

• ERRATA

Conta Nelson Palma Travassos que, quando Monteiro Lobato era editor, certo poeta lhe encomendou a impressão de um livro cuja finalidade era inserir uma dedicatória ao jornalista Edmundo Bittencourt, diretor do «Correio da Manhã».

O livro já estava sendo impresso quando o presidente Epitácio Pessoa mandou encarcerar aquêle jornalista. O aparecimento do livro com tal dedicatória, nessa emergência, seria comprometedor. O autor mandou telegrafar então a Monteiro Lobato para suspender a impressão da obra. Respondeu o contista de «Urupês», também por telegrama:

— «É tarde. Livro impresso. Sugiro errata. Onde se lê Edmundo leia-se Epitácio.»

• GRANADA E GARCIA LORCA

«Eu não vos louvo, Granada... essa Granada de flor que não feneceu de angústia, que não sucumbiu de dor, quando morreu Frederico.

Ah, triste noite de Espanha, densa treva de campanha, Toledo, Andaluzia, ó colorida Sevilha... vinde a salvar Garcia!

Dizem que foi madrugada... tôda Granada fugia... embuçando-se nas casas, não querendo ver o dia... Recusando ver o sol que chegando conduzia uma bandeja de ouro, para as flores de poesia, que brotavam côr de sangue, de entre os lábios de Garcia.

Frederico caminhava... um pelotão de soldados o cercava e o seguia... Houve um muro de pedra... Depois uma ordem fria... Uma balada de sangue...

E jamais cantarei Granada, cuja terra enlutada ainda vestiu a luz na madrugada sombria, em que num muro de pedra nos mataram com Garcia!»

Heloneida Studart em **«Pulseira de Tostões»**

Se isso fôr êrro...



Impedimentos não admito para a união
De corações fiéis. Amor não é amor
Quando se altera se percebe alteração
Ou cede em desertar quando o outro é desertor.
Oh! não, êle é um farol imóvel tempo em fora,
Que as tempestades olha e nem sequer trepida.
É a estrêla para as naus, cujo valor se ignora,
Mal-grado seja a sua altura conhecida.
O amor não é joguete em mãos do tempo, embora
Face e lábios de rosa a curva foice abata.
Não muda em dias, não termina em uma hora,
Porém até o final das eras se dilata.
Se isso fôr êrro e meu engano fôr provado,
Jamais terei escrito e alguém terá amado.

De «Sonetos de Shakespeare», trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★ RONDA LITERÁRIA ★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

● Em 40 dias esgotou-se a primeira edição, de 6.000 exemplares, de «A Muralha» em que Dinah Silveira de Queiroz narra o amanhecer glorioso de Piratininga. Um dos mais fortes romances históricos já escritos até hoje no Brasil. Afora os dois primeiros capítulos, o denso volume de quase 500 páginas foi ditado pela autora. Editor: José Olímpio.

● Durante meses a fio manteve-se na lista dos «best-sellers», nos EE. UU., o livro de Rachel L. Carson: «The Sea Around Us». Espécie de romance científico cuja figura principal é o mar. O livro teve merecido sucesso mundial, aparecendo em numerosas traduções. Por iniciativa da Editôra Nacional, e em tradução de Brenno Silveira, temos agora a obra de Rachel L. Carson em português: «O Mar Que Nos Cerca». Excelente leitura. 236 páginas.

● Uma grande editôra italiana lançará a tradução de todos os romances de Otávio de Faria. O escritor já assinou o contrato e recebeu um adiantamento dos seus direitos autorais.

● José Fernando Carneiro escreveu uma «Apresentação de Jorge de Lima» para os Cadernos de Cultura. A publicação vem sendo esperada com grande interêsse. O autor foi um dos mais antigos, e dos mais caros amigos do poeta desaparecido.

● Em substituição a Álvaro Lins, o escritor Aurélio Buarque de Holanda ia dar um curso de literatura brasileira, durante dois anos, na Universidade de Coimbra. Na hora de assinar os papéis no Itamarati, surgiram dificuldades. Ciro dos Anjos, romancista mineiro, que está no México, queria ir para Portugal e tinha padrinho mais forte. Tanto que vai mesmo para Portugal, deixando o lugar no México para o escritor alagoano.

● De maio a setembro de 1952, Raimundo Magalhães Jr. estêve em visita a vários países europeus. Trouxe dali uma centena de crônicas, em sua maioria ótimas. Reunidas, constituem o volume «Europa 52», recentemente publicado por José Olímpio.

● O editor Antônio Simões dos Reis fêz uma seleção de 26 obras de Camilo Castelo Branco e programou sua sucessiva publicação, a começar por «A Queda de um Anjo» que já saiu. Seguirão pròximamente: «O Visconde de Ouguela», «Os Doze Casamentos Felizes», «O Bem e o Mal» e «Anos de Prosa».

● Excepcional realização gráfica acaba de apresentar o editor José Olímpio com «História e Tradições da Cidade de São Paulo», por Ernani Silva Bruno. Três volumes com um total de 1.542 páginas e 285 gravuras: três desenhos em côres de Portinari, 112 bicos-de-pena de Clóvis Graciano e 170 fotografias e plantas em côres. É uma reconstituição completa dos 400 anos de existência de São Paulo.

● Excelente leitura «O Cinema por Dentro», de Jeanne Bendick, com dezenas de pequenas ilustrações (Edições Melhoramentos). Faz-nos assistir a uma filmagem do princípio ao fim, com todos os pormenores e truques. Não se preocupa com o lado artístico de uma película, não entra em teorias, não debate problemas. Mostra apenas como se produz um filme. Linguagem acessível a todos, mesmo à juventude.

● A Organização Simões anuncia para breve: «Espírito e Nervo do Mundo Latino», de Angione Costa, inaugurando a seção Viagens da Coleção Rex. Na mesma editôra, ainda êste ano: «A Onomástica e a Língua Nacional do Ceará», assim como «Dicionário de Têrmos Regionais do Ceará», por Florival Seraine.

● A Revista Branca lançou há dias o segundo volume de «Walden e Outros Escritos» (ensaios e viagens) do filósofo-poeta Henry David Thoreau que foi amigo e secretário de Emerson. Diz Henry Thoreau: «A pureza que os homens amam é como o nevoeiro que envolve a terra, e não como o azul do horizonte... Prefiro o céu natural ao paraíso de um fumador de ópio»...

O LIVRO DA SEMANA

DEUSES, TÚMULOS E SÁBIOS

MAL terminara a última guerra. O escritor alemão C. W. Marek olhava desanimado as ruínas da sua casa. Perdera tudo. A família estava dispersa. Em todo caso, mais feliz que muitos outros, escapara com a vida. E a palavra de ordem era: recomeçar! Foi quando, numa casa onde se refugiou, descobriu uns caixotes com livros. Abriu os caixotes mais que depressa, na ânsia de encontrar ao menos com que se distrair... Decepção! Eram exclusivamente obras de caráter científico versando sôbre um só assunto: Arqueologia — a ciência que estuda as antiguidades, sobretudo as pré-históricas.

Em desespêro de causa, Marek pôs-se a ler. O assunto era árido ao extremo. Mas continuou lendo, uma... duas... cinco... dez obras de vários autores e cientistas, e percebeu sùbitamente que estava penetrando num mundo de tanta beleza e fascinação como jamais em sua vida teria imaginado! Mais tarde diria: «Dificilmente haverá aventura mais emocionante, desde que se esteja inclinado a ver sempre na aventura um misto de espírito e ação».

E assim, através de semanas e meses de leitura e estudo, foi conhecendo a vida e as aventuras, os fabulosos achados, as decepções e os sucessos de um punhado de homens que largaram tudo para penetrar nos milênios de anos que precederam a nossa história. Veio-lhe então uma idéia: não tinha êle nas mãos o assunto mais empolgante para um grande e belo livro?! Começou a escrevê-lo. Que tal se lhe desse o título: «Deuses, Túmulos e Sábios»? Meteu mãos à obra, depois de mergulhar num mar de dezenas de obras científicas que jamais haviam sido acessíveis ao grande público.

Nasceu assim um dos maiores sucessos editoriais de após-guerra. Apenas apareceu a primeira tiragem, o livro se esgotou. Seguiram imediatamente outras e mais outras. Basta dizer que, só no original alemão, a esta altura estarão circulando cêrca de 300 mil exemplares. E então o mundo inteiro apoderou-se do livro. Apareceram e estão aparecendo as traduções para o inglês, francês, italiano, espanhol, japonês, idich, sueco, croata, finlandês, norueguês, dinamarquês, e até em Braille, para os cegos.

No Brasil, as Edições Melhoramentos compraram imediatamente os direitos de tradução que apareceu há dias em magnífica apresentação gráfica, com o mesmo título do original: «Deuses, Túmulos e Sábios» e com as mesmas numerosas ilustrações. Incumbiu-se da tradução o sr. João Távora cujo trabalho merece as melhores referências, tal o cuidado com que o realizou.

Mas, por que o livro apareceu com o nome de C. W. Ceram, e não Marek? Por uma razão que o autor não deixou explicada, êle resolveu inverter o nome, colocando as letras de trás para a frente, e substituindo o k por c.

★

Afinal, de que trata o livro e onde vamos buscar o segrêdo do seu sucesso?

Marek, ou seja Ceram, escolheu quatro antigas civilizações: a romana e a grega, a egípcia, a babilônica e a asteca, mostrando seu fausto e progresso à mão das escavações realizadas por numerosos cientistas nos dois últimos séculos. Nesta ordem, dividiu sua obra em quatro partes: «O Livro das Estátuas» — «O Livro das Pirâmides» — «O Livro das Tôrres» — «O Livro das Escadas», acrescentando uma quinta parte: «Os Livros que ainda não podem ser escritos».

Tal a estrutura. Vejamos agora um rapidíssimo resumo que apenas pretende dar uma idéia.

● O LIVRO DAS ESTÁTUAS

Quando, em agôsto do ano de 79 depois de Cristo, com um trovão horrendo, se fendeu o ápice do Vesúvio, e logo a seguir uma torrente de lava se derramou sôbre as cidades de Herculano e Pompéia, nenhum ser vivo escapou da medonha catástrofe. Só 48 horas depois o sol conseguiu furar as nuvens de fumo e os vapores sulfúricos. Mas Herculano e Pompéia haviam deixado de existir. Num raio de 18 quilômetros, a paisagem estava arrasada.

Pois bem, só 1700 anos mais tarde, o arqueólogo alemão Winckelmann, através de sensacionais escavações, veio revelar o que foi a civilização e a vida naquele tempo. Seus achados deixaram boquiaberto o mundo. E só então se compreendeu tôda a extensão da horrenda catástrofe que soterrou duas cidades.

O mundo ainda não se havia refeito do espanto provocado com as escavações e revelações de Winckelmann, quando outro aventureiro da ciência, de nome Heinrich Schliemann, se pôs em campo, à procura da velha Tróia, dos grandiosos palácios de Tirinto e de Micenas, trazendo à luz tão fabulosos tesouros que só mais tarde seriam ultrapassados pelo achado de Carnarvon e Carter no Egito.

● O LIVRO DAS PIRÂMIDES



Deuses egípcios. À esquerda: **Ra**, o Sol; ao centro: **Osiris**, deus da morte. À direita: **Isis**, a espôsa de Osiris.

Entramos em plena magia dos velhos faraós, das esfinges e das pirâmides: segredos que dormiam em túmulos milenares, hieróglifos cuja decifração não resistiria ao gênio de Champollion, sarcófagos de alabastro e ouro que seriam violados por Howard Carter, descobridor também do túmulo de Tutancâmon e da máscara de ouro que cobria a cabeça e os ombros do faraó, e o muro de ouro maciço vedando a entrada na câmara mortuária do rei. A visão da múmia do faraó foi ao mesmo tempo magnífica e terrível...

● O LIVRO DAS TÔRRES



Príncipes assírios caçando leões.

Muda o cenário e partimos em busca da velha Tôrre de Babel, da faustosa Nínive, e vamos conhecer o que foi a obra dos reis da Babilônia e da Assíria e o berço de uma cultura condicionada por dois rios: o Tigre e o Eufrates. Foi uma sensação, quando Emile Botta, em meados do século passado, descobriu ali o primeiro palácio assírio. Sensação jornalística e científica. Esculturas magníficas, ruínas de grandiosos palácios numa região onde as civilizações se sobrepunham como em nenhuma outra parte do mundo! E surgem novos palácios sob a colina de Nemrod, dissipando as trevas que envolviam a Mesopotâmia aos olhos do mundo ocidental. Finalmente a própria Tôrre de Babel e a notícia sôbre os Jardins Suspensos, uma das maravilhas do mundo...

● O LIVRO DAS ESCADAS



Um dos maiores deuses dos astecas e maias, **Quetzacoatl**, chamado Kukumatz em Guatemala e Kukulkan em Ivcatã. Tudo isso significa «cobra empenada».

Estamos no México, no império dos astecas, cuja civilização foi decapitada por Cortês. Mas, que idade tinham os astecas? Só agora, no século XX, as pesquisas arqueológicas permitiram descobrir que a civilização asteca nada mais foi do que o reflexo de civilizações muito mais adiantadas, e muito mais antigas: a dos toltecas e maias que remontam aos inícios da era cristã. E quem sabe se os criadores da civilização do primitivo império maia não teriam sido os atlantas?

★

Aqui termina pròpriamente o «Romance da Arqueologia» de Ceram que limitou intencionalmente a sua obra às civilizações cuja pesquisa estêve ligada a uma certa aventura romântica. Daí, em grande parte, o caráter empolgante do seu livro de 400 páginas que está fascinando os leitores de uma dúzia de idiomas.

«Para compreendermos a humildade da nossa condição humana — conclui Ceram — não precisamos olhar para o céu estrelado. Basta que consideremos as civilizações que existiram milhares de anos antes de nós, que foram grandes antes de nós, e antes de nós desapareceram»...



Em cima: a cabeça da múmia de **Ramsés II**, mais tarde chamado «O Grande»; embaixo: a cabeça da múmia de **Tutancâmon**.



Circulará êste mês o

O ANUÁRIO DE PUBLICIDADE

com farto material de grande interêsse.
O senhor o receberá GRATUITAMENTE, adquirindo **agora** a sua assinatura de



Para isso, basta preencher e remeter o formulário abaixo.

À
Emprêsa Jornalística PN S/A
Caixa Postal, 3748
Rio

Desejando adquirir uma assinatura de **PN**, com direito a receber **gratuitamente** o Anuário de Publicidade, o Anuário de Imprensa e o Anuário de Rádio, estou remetendo por cheque (vale postal) a importância de

Cr$ 200,00 para um ano
350,00 para dois anos
500,00 para três anos.

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Estado: ....

Assinatura: ....

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

VEJA COMO VOCÊ PODERÁ VIR A SER UM REPÓRTER DA "REVISTA DA SEMANA"



VAMOS SELECIONAR E PUBLICAR SEMANALMENTE AS MELHORES REPORTAGENS QUE NOS CHEGAREM DE QUALQUER PARTE DO PAÍS.

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 13 E 19 DE MARÇO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9-20/10) — Da semana será aproveitável, apenas, o dia 17. Os restantes serão fracos quando não desfavoráveis. Para conseguir alguma coisa, adote uma linha de ação passiva. Não reaja, não tome iniciativa nem solicite. Espere.

★ TOURO (21/10-20/11) — O dia 15 será particularmente interessante na vida sentimental do leitor. Uma página muito movimentada, uma quase aventura amorosa, cercada de favorabilidades, felizmente, terá lugar na sua vida, na semana em causa.

★ GÊMEOS (21/11-22/12) — Seu ambiente será de desinteligências, algumas bastante sérias. Haverá desentendimento na vida doméstica e na órbita profissional, tudo devido ao seu estado de irritação, principalmente nos dias 16 e 18. Previna-se.

★ CANCER (23/12-20/1) — Suas atividades serão muito favorecidas na semana que se vai iniciar. Um concurso benéfico de circunstâncias lhe dará excelentes oportunidades com repercussão muito expressiva nas suas condições econômico-financeiras.

★ LEAO (21/1-20/2) — Não se exceda nas atividades. Não se extenue no trabalho. Seu «hyleg», a chamada «Parte da Saúde», estará sob uma forte ameaça, particularmente no dia 16. Evite o calor, como possível, no mencionado dia.

★ VIRGEM (21/2-22/3) — A próxima semana será ideal, no seu caso, para o lançamento de um novo plano de ação, de uma iniciativa sua, de um negócio novo, etc. Faça-o, de preferência, no dia 14 ou no dia 19. O período lhe promete pingues lucros.

★ LIBRA (23/3-20/4) — Haverá reações favoráveis nos seus negócios. Na vida doméstica reinará um profundo sentimento de harmonia. Aproveite a chance para um reajustamento na vida conjugal, caso necessário. Vênus lhe patrocinará a ação que desenvolver nesse sentido.

★ ESCORPIAO (21/4-20/5) — O leitor terá uma semana relativamente fraca. Os astros só lhe darão um clima aproveitável, no que diz respeito à vida social. Poderá conseguir boas e duradouras amizades, algumas proveitosas, até.

★ SAGITARIO (21/5-23/6) — Suas chances, nos dias 14, 17 e 19, serão máximas, para conseguir um novo e melhor lugar, empréstimos, o concurso de terceiros e tudo mais que aspirar sendo possível. A movimentação de dinheiro será rápida e haverá despesas excessivas.

★ CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — A semana, no seu caso, será bem movimentada e interessante. No setor profissional, tudo correrá a contento. O mesmo não acontecerá na vida doméstica. Os desentendimentos irão num crescendo e culminarão no dia 18.

★ AQUARIO (23/7-21/8) — O leitor terá o campo livre, na próxima semana. Os astros vão liberá-lo, deixando-o à vontade, para agir como julgar melhor. Os influxos serão indiferentes às reações que tiver. Atue com prudência para conseguir o máximo possível, como se deve dizer, no seu caso.

★ PEIXES (22/8-20/9) — O clima dos astros lhe propiciará tôda sorte de apoio. Os concursos lhe virão naturalmente. Não haverá necessidade de solicitá-los. Sua posição financeira será melhorada. As disponibilidades crescerão.

OS NOMES DA SEMANA

Março,	13	—	Tércio	—	Suzana
»	14	—	Aércio	—	Silvia
»	15	—	Leobardo	—	Eleonora
»	16	—	Jonas	—	Mirta
»	17	—	Isauro	—	Isaura
»	18	—	Niécio	—	Almira
»	19	—	José	—	Josefa

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março,	13	—	22º 22' 39''	(Signo dos Peixes)
»	14	—	23º 22' 28''	(»)
»	15	—	24º 22' 14''	(»)
»	16	—	25º 21' 58''	(»)
»	17	—	26º 21' 40''	(»)
»	18	—	27º 21' 19''	(»)
»	19	—	28º 20' 57''	(»)

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SILVIA JAMBEIRO

— DE que se trata, Michel? Será que você descobriu algum ponto interessante ainda não visitado?

E falavam tôdas de uma vez. Marie Anne fazendo um trabalho de tricô inoportuno contava alto os pontos. Esperei que se fizesse um silêncio respeitoso e tomei a palavra:

— Muito bem, trata-se de comprar um barrete servo que vi numa loja não sei em que rua.

Imediatamente um falatório cobriu a minha voz e as nove pequenas descobriram logo vários pretextos para se furtar à tarefa que tanto me interessava. Caí do alto de minhas ilusões. Umas resolveram até visitar um Instituto de Oceanografia que ninguém sabia sequer da existência. Desanimei. Então Françoise se dirige a mim:

— Eu gostaria imensamente de ajudá-lo na procura do barrete mas acontece que estou com uma invencível vontade de dormir.

Collete, Helene e Denise confirmam com gestos que também partilham da desculpa de Françoise. Nicole se desculpa:

— Eu tenho intenção de aperfeiçoar o meu recorde de nado livre e sei que sem um treinamento intenso . . .

Interrompo-as com um gesto súperior:

— Compreendo, compreendo . . .

Elas fazem expressões de quem lamenta muito e eu fico pensando no nosso grupo «unido e solidário nos momentos difíceis».

E depois que cada uma vai para onde lhe apraz resolvo virar a cidade pelo avesso mas não chego nunca a descobrir a tal loja onde avistei antes o sonhado barrete servo.



Agora estamos todos juntos do mar que se tornou o nosso denominador comum. Depois dos mergulhos estamos gozando os raios de um sol brando e ouço conversas à minha volta:

— Como é êle?

— Ora, louro como todos os outros e é estudante de medicina.

— Ah! o meu também . . . e prometeu levar-nos a uma buate hoje à noite para dançarmos um pouco.

Concluo que nos seus passeios tôdas as meninas encontraram estudantes da mais fina elite iugoslava. Êles prometeram também vir encontrá-las na praia e não tardo a divisar três iugoslavos do tipo mais comum e que fazem as minhas nove sereias saírem em disparada ao seu encontro. Só então compreendo que tôdas as nove haviam conquistado sem saber os mesmos três estudantes supra mencionados, e cada uma quer fazer valer o seu direito; a confusão é tremenda pois os rapazes devem ter o dom da ambiguidade ou não teriam marcado encontro com as pequenas em cantos opostos da cidade e em horas simultâneas. Penso em fazer a justiça de Salomão mas as meninas que esperavam formar pares, cada uma com o seu estudante encantado estão desapontadas.

A noite chega lentamente e vamos jantar no Hotel Bellevue dedicado aos turistas franceses e dirigido por um jovem iugoslavo que se empenha imediatamente numa animada palestra com Léna, Montenegro e Peter esquecendo-se de nós. As pequenas que não perdem tempo fazem uma observação:

— Léna está com aspecto cadavérico! . . .

— Montenegro não me dirigiu a palavra hoje! (diz outra).

— O assunto deve ser grave! (fala uma terceira).

À mesa, eu sentado ao lado de Léna, tento começar uma palestra espiritual mas ela corta tôdas as minhas tentativas. Eu, mais ou menos habituado ao temperamento tipo-ducha da iugoslava não me espanto senão quando as pequenas me informam que Léna chorou a tarde tôda.

— Vejam como são os homens (esclama Colette) uma pequena chora o dia todo e êles nem percebem. Michel, você é um monstro.

— Mas, afinal o que se passa?

— Gostaria de explicar mas sei apenas que «há qualquer coisa» Ah! os homens não vêem coisa alguma!

— Mas eu não a ouvi soluçar!

— Também se pode chorar silenciosamente! . . . (diz a doce Denise).

— Talvez porque vai nos deixar . . .

Na verdade Léna passara a Peter o nosso grupo dizendo que assuntos urgentes a chamavam a Belgrado. Tomou nossos endereços e eu fiquei emocionado com uma idéia que me assaltou: ela deve ter chorado porque está apaixonada por mim e sente que não nos veremos mais . . . Nada encontro para dizer.

— Há qualquer coisa (diz Nicole com tôda pose) êles três têm um ar esquisito e trágico!

Neste momento Léna se dirige para nós que tentamos separar o grupo como se acabássemos de ser apanhados em conspiração. Êle ergue para mim seus grandes olhos tristes e diz:

— Nós não podemos ficar para dançar com vocês esta noite.

— Mas por quê? (pergunto eu desconsolado) Por quê?

— Ainda preciso arrumar minha mala e tenho algumas coisas a combinar com Montenegro e Peter. Boa noite e divirtam-se.

E com um sorriso amável se vai. As pequenas cochicham:

— Não disse? Quando Léna deixar de dançar é porque o caso é mesmo sério.

— Vocês comentam isto com ar divertido. Devo lembrar que se algo vai mal para os iugoslavos também estamos no meio!

Tôdas me dão razão e o sorriso desaparece em cada face.

Mas os estudantes esperam e o resto não tem importância para as pequenas. Vamos ao encontro dêles num hotel de luxo que dá para a baía iluminada. Procuro com os olhos a pista de danças e não encontro, nem dentro nem fora mas um dos rapazes me informa com um sorriso maquiavélico:



— A pista fica no sub-solo.

— O quê? Então vocês pensam que viemos até aqui para ficar numa toca? Não tem graça . . .

Êles protestam e explicam que aquêle é o ponto mais «chic» da cidade, e embora sem vontade desço para a caverna que é inteiramente revestida de espelhos e tem um porteiro engalanado à porta. De dentro vêm as vozes dos violinos ciganos. Entro levando Helena e Nicole enquanto as outras ficaram sob a guarda dos estudantes iugoslavos. Um gerente muito digno nos oferece três cadeiras. Tentamos explicar que o nosso grupo é muito numeroso mas êle está solícito demais para ouvir o que dizemos. Os circunstantes parecem ter notado a nossa presença e creio que está ali a nata da sociedade iugoslava. Nisto Denise aparece descendo a escada e nos procurando com os olhos; nos descobre afinal e acena enquanto se dirige a nós por entre o labirinto de mesas e cadeiras. O gerente gentilmente arranja outra cadeira.

— Onde estão as outras? (pergunto preocupado).

— Elas já vêm, mas não sei o que se passa. Os estudantes não parecem dispostos a entrar.

Nicole murmura qualquer coisa e vejo Gisèle descendo a escada em nossa direção. Todos começam a olhar para mim com certo interêsse. O gerente imperturbável arranja outra cadeira. A orquestra ataca um tango apaixonado e um violinista toca enquanto caminha por entre as mesas. Passam-se alguns minutos e Colette aparece na escada seguida pouco depois por Françoise e o gerente arranja uma sexta e uma sétima cadeira. Procuro tomar uma expressão despreocupada sob os olhares insistentes que me julgam certamente um pachá.

Pouco depois Catherine, tôda ruborizada aparece na escada, os pares abrem caminho para ela que aceita a oitava cadeira arranjada pelo gerente. Ela informa que os estudntes estão fazendo hora e eu, cabeça entre as mãos, rezo para que Andrea e Marie Anna venham logo e que aquêle ritual da chegada delas se acabe de uma vez. Quando levanto a cabeça sinto todos os olhares cravados em mim e para disfarçar ofereço cigarros a Denise procurando não tremer a mão.

Quando Andrea chega pela escada até o violinista se perturba e erra uma nota enquanto todos começam a murmurar e o gerente sempre impassível faz surgir mais uma cadeira. Curvo-me para pedir a êle que arrange mais uma quando Marie Anne entra e atravessa a sala desta vez num silêncio absoluto. Até a orquestra pára e ela passa entre os pares parados e espantados. Faço um sinal e a orquestra retoma o ritmo do tango enquanto aviso o gerente que agora está terminado o desfile. Procurarei me recordar de tudo o que se passou naquela estranho buate.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com nove moças. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Suas peripécias se passam na Casa de Estudantes onde se hospedam, na praia, no restaurante socialista, no trem subterrâneo, no vaporzinho que ameaça sossobrar por excesso de lotação, no museu e nas famosas cataratas de Krka. Embarcam depois num navio maior que no entanto joga tonteando todos enquanto as nove francesinhas cantam velhas canções de sua terra. Chegam a Split onde Michel não consegue sequer comprar o souvenir ambicionado. As pequenas então arranjam admiradores iugoslavos que prometem mil coisas mas na hora desaparecem deixando Michel sòzinho para acompanhar e dançar com as nove pequenas. Léna, a guia, toma ares misteriosos que dão lugar a várias conjeturas inclusive de que a situação internacional se tenha agravado e os turistas ficam apreensivos mas descobrem que nada há de anormal neste sentido. Nesta altura a guia resolve agregar o grupo a outros grupos de franceses a fim de facilitar as coisas que mais se complicam pois os rapazes começam a assediar as nove garôtas e o pobre Michel se vê na obrigação de defendê-las. Finalmente as coisas se acalmam e Michel leva as pequenas para jantar num restaurante elegantíssimo e estas que se haviam vestido de maneira especial para agradar a êle ficam ofendidas porque o rapaz nem nota e fica cada vez mais tonto com suas nove pequenas.

NO CLUBE DA AERONÁUTICA: Todos os diabos da alegria fervilham no sangue do casal de foliões

MAIS ALUCINADO QUE NUNCA



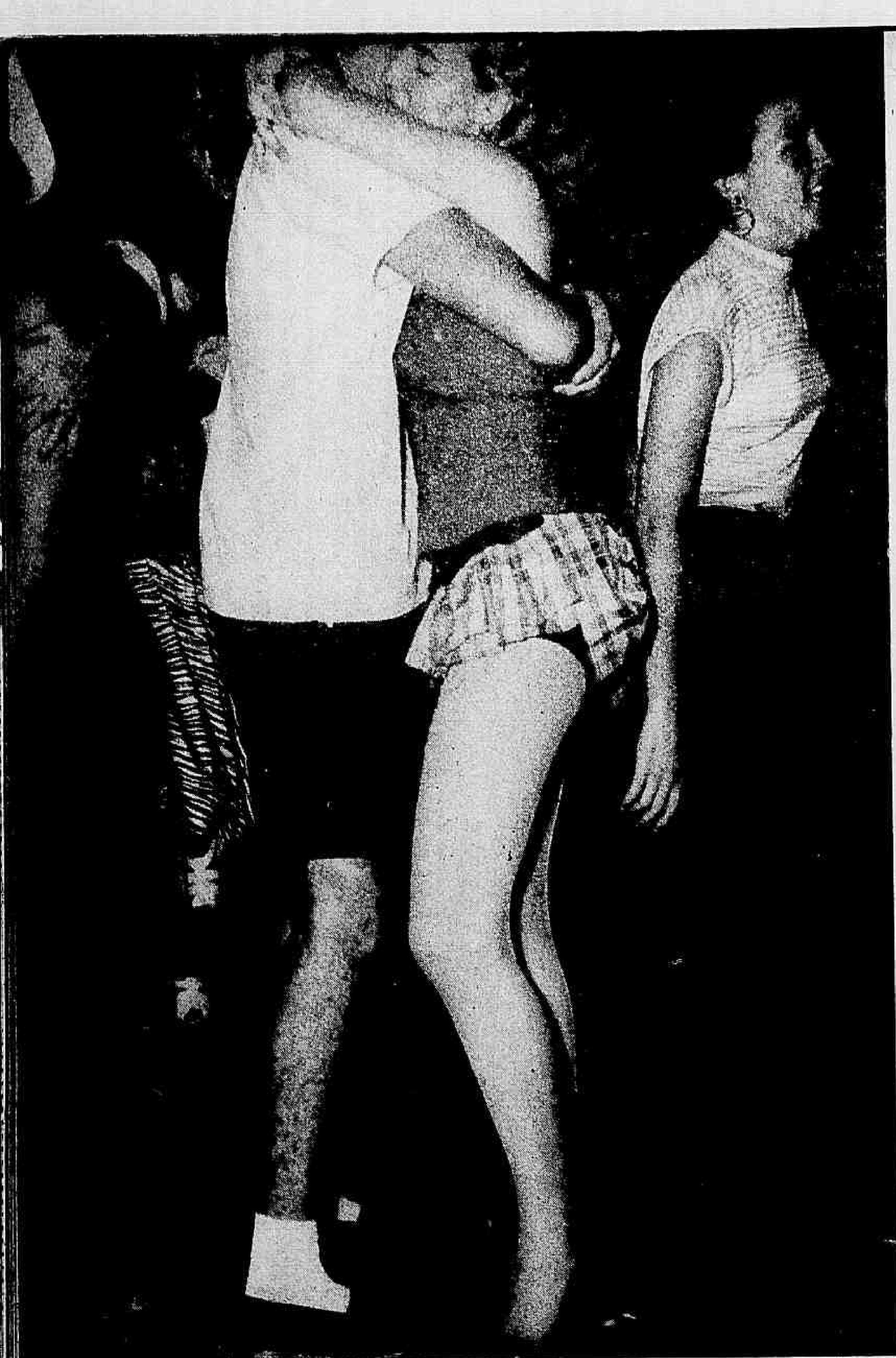
NA HORA DO EXTRAVASAMENTO DOS RECALQUES, AS LIMITAÇÕES IMPOSTAS PELA POLÍCIA SE DESMORONAM COMO FRÁGEIS MUROS DE PAPELÃO ★ E CHEGA O MOMENTO EM QUE A FESTA ALEGRE VIRA UM «SABBAT» FRENÉTICO E INCONTROLÁVEL.

Fotos de EDWARD SCHULTZE

O CARNAVAL FORA DA LEI



Da desnecessidade de levar legenda — pode ser a legenda do instantâneo acima.





O amor (na Aeronáutica) estêve ardente; e moça bonita no Glória era às carradas.

SÓ as têmperas de ferro (e nem tôdas) podem resistir à alquimia do carnaval — uma bruxaria que, atuando durante quatro dias seguidos, altera os caracteres, joga no fogo da insânia os temperamentos mais equilibrados e tudo reduz, inibições e cuidados, a uma doida farandola na qual nenhum limite deixa de ser forçado e vencido. Ponha-se alguém (se isso fôr possível...) num ângulo de uma sala, em qualquer clube carnavalesco, e siga, de olhar firme, o frenético mundo carnavalesco que sua, grita, multiplica-se e aniquila-se na fornalha de uma alegria que crepita e freme. Fácil seria, assim, anotar as mais inesperadas transubstanciações, as mais incríveis metamorfoses: desde a do senhor idoso e pacato, qu... doméstica, ... da doidice... e a quem ...

Assim é...







NO BAILE DAS CORISTAS (NAS CANOAS) O VALE-

TU...





Esta «morena» foi um dos pontos altos no baile do Glória; à direita, no mesmo baile, «papai» assume a ofensiva.

pacato, que passou o ano inteiro apertado numa vida rigorosamente doméstica, e que agora, com o «brotinho» nos braços, é o próprio diabo da doidice; até a senhora de alto coturno, entrada já em anos severos, e a quem o frenesi de Momo reduziu a uma tarantela humana.

Assim é o carnaval — principalmente aquêle que, indiferente à lei, à polícia e à sensatez, cai, doido e incontrolável, no terreno da ilegalidade e da inconveniência. Dêsse Carnaval, as fotos destas e das páginas seguintes procurarão dar um retrato mais ou menos completo.

Na maioria das vêzes, o retrato não é muito bom. A culpa, no entanto, não cabe ao fotógrafo, mas aos retratados.







TUDO COMEÇOU COM A PRIMEIRA MARCHA



ESTÊVE ATÔMICO O BAILE DAS A

SUSPENSA no seu trono esplendoroso, Lili Marlene tinha o porte de uma soberana de verdade. Durante minutos, a cadeira real atravessou, lenta e majestosa, a mole humana que se aperta no enorme salão. E mais de três mil vozes se ergueram, apaixonadas, para saudar a bela «Rainha das Atrizes», que tão solenemente dava entrada na festa que ia presidir com tanto brilho e beleza.

A opinião era unânime: o baile da «Coroação da Rainha das Atrizes» dêste ano, no Teatro João Caetano, excedeu em bom-gôsto, organização e alegria o do ano passado. Foi, de resto, o que aconteceu em quase todos os demais bailes, nos clubes e nos salões: fugindo da rua, o carnaval vai pouco a pouco se aninhando entre quatro paredes, onde a sua loucura pode explodir com mais segurança e ardor.

LILI MARLENE CARREGADA NUM TRONO OURO SÔBRE AZUL



Lá para o fim da festa, o gêlo havia acabado. Mas a cerveja ia assim mesmo, morna e grossa.

E ATÉ «REI MOMO», QUE NÃO PODIA PERDER MUITO TEMPO, FICOU LÁ A NOITE INTEIRA ★ A POLÍCIA (MUITA) QUASE NÃO ENTRA EM FUNÇÃO ★ PERTO DE 3.000 PESSOAS, MUITO SUOR, BEBIDA QUENTE E UÍSQUE (ILEGAL) ESCONDIDO ATÉ EM MAMADEIRAS.

Fotos de ARNALDO VIEIRA

A TRIZES

rizes»
zação
quase
ua, o
onde

ROSÂNGELA MALDONADO, Rainha do Carnaval, apresentou-se com o porte de uma soberana de verdade, heráldica e olímpica. Vêmo-la, na fotografia, ladeada pelas princesas do seu séquito.



Ar[illegible] M[illegible]quitinha que aproveitando uma tregua [illegible] o trono do sobera[illegible] Nas ca[illegible] desta pagina o leitor talvez identifique alguma cara conhecida. Tôda atee[illegible] [illegible] da página [illegible]







A bela que se vê em flagrante acima brilhou intensamente. Mas um dos sucessos absolutos da festa foi o senhor (foto abaixo, à esquerda), de camisa listrada e cabeça de bola de bilhar, que não sossegou um segundo sequer.





Champanhota

PETER



Teresinha & Fazanelo

● Eu tinha recebido de presente estas duas belas fotografias da dupla Carmen Teresinha Solbiati e Ricardinho Fazanelo. Pensei em publicar uma nota sôbre os dois, pois há sempre notícia em volta dêles. Mas, a nota foi crescendo, assunto puxou assunto e fui-me lembrando de uma porção de coisas e o breve comentário sôbre o noivado de ambos virou crônica. A primeira coisa de que me lembrei (que me perdoe o Ricardinho) foi um retrato bifunesco de Carmen Teresinha, publicado na primeira página de um dos nossos matutinos, acompanhada do colunista Jacinto de Tormes que anunciava seu noivado, desmentido no dia imediato por Ibrahim Sued. Mais tarde, esta mesma fotografia foi novamente aproveitada, num golpe de habilidade (profissional) por Jacinto de Tormes que publicou-a na revista «Rio Magazine» acompanhada de carta dirigida à bonita senhorita. Pena que a bela e simpática resposta de Carmen Teresinha não tenha sido transformada em letra de imprensa. Teresinha andou pela Europa assombrando, fazendo sucesso, encantando os homens e dando uma certa inveja a muitas mulheres.

● Ricardo Fazanelo Filho é um rapaz que com vinte e dois anos recebe com perfeição e veste-se excepcionalmente bem. Há alguns anos atrás, com menos de vinte anos, deu uma recepção de Natal em sua casa de Petrópolis que marcou época pela maneira exata e simpàticamente «à vontade» de receber. Lembro-me que, nesta ocasião, alguns adultos dos mais civilizados do nosso «cafe society» comentaram sua maneira perfeita de convidar pessoas para um fim de semana que fôsse ao mesmo tempo alegre e rìgidamente dentro das normas sociais. Ricardinho, como perfeito homem de sociedade é um bom «sportman», do gênero violento: gosta de polo e de automóveis de corrida. Teve uma «Simca», depois um «Jaguar» e, ùltimamente, uma «Borsch», todos, evidentemente, do tipo «sport».

● Como jogador de polo, ao lado de outros rapazes da nossa sociedade, levantou na Inglaterra um campeonato dos mais importantes. Como amador de corridas de automóvel, desenvolveu grandes velocidades a ponto de sair da pista do noticiário social e entrar firmemente na crônica de acidentes. Isto faz-me lembrar que há tempos, conversando com o sr. Pimpineli, industrial italiano que viera ao Brasil para o último circuito da Gávea, êste me dissera que ficara assombrado ao fazer com Ricardinho a pista de Interlagos. «Êste rapaz tem coragem», disse-me muito sério, balançando a cabeça, o corredor peninsular. Mais tarde, eu soube por outro apavorado passageiro que Ricardo fizera à tôda velocidade, de Interlagos ao Hotel, para que Carmen Teresinha não ficasse esperando.

● Depois que Jacinto de Tormes anunciou o noivado de ambos, Carmen Teresinha, cuja irmã se casara dias antes, sentindo que seus pais se achariam muito sós, desmentiu a notícia. A verdade, agora, pode ser vista no olhar dos dois. Com isto, o Arpoador perdeu a visão do belo «bikini» de Carmen Teresinha e a noite carioca, a passagem fulminante do carro de Ricardinho. O guarda da rua da Assembléia está de férias no hábito de multar um certo automóvel «sport» que lá parava todos os dias em local proibido. Êles preferem o clima de São Paulo, local da residência da família de Carmen. Enquanto tudo deixa de acontecer, Ricardinho, já em convalescência, vai recebendo as visitas dos amigos e discutindo as características de um novo automóvel que pretende comprar, justamente um que supere os 240 km por hora de seu antigo. Quem sabe, um a jacto? De qualquer forma, vejo-me obrigado, por uma questão de espaço, a ir freiando por aqui, embora, sr. Secretário, duas laudas sejam muito pouco para falar de um casal que é tão manchete, tão notícia e tão, principalmente, simpático.



Êles estão noivos

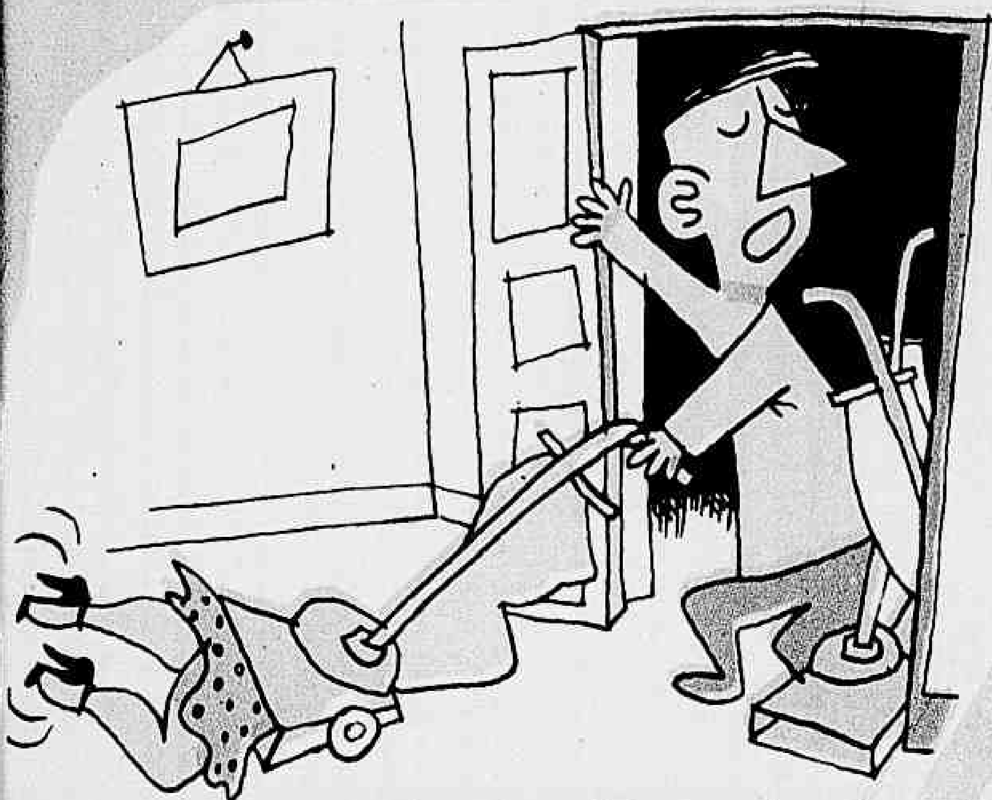


ÚLTIMO FLASH

SURURU PAULISTA

● A coisa aconteceu no «Clubinho dos Artistas», na capital de São Paulo. Era um baile de carnaval, a festa ia no meio, a cerveja (de mistura com um uísque clandestino) começara a fermentar os ânimos. Veiu o primeiro empurrão, ninguém sabe donde nem por quê, depois vieram outros, formou-se o rôlo. Acorreram três polícias (Civil, do Exército e da Aeronáutica), cada qual de cassetête na mão. O rôlo engrossou. Depois, não tendo mais em quem bater, as polícias começaram a bater-se reciprocamente. Uma testemunha conta: «A P. E. do Exército brigou com a polícia Civil (Civil, do Exército e da Aeronáutica), cada qual de «casse-tête» na mão. O rôlo engrossultado da renhida pugna: 18 feridos (ligeiramente), inclusive alguns promissores talentos da nova geração plástica e literária. Providências: era Carnaval, e não houve nenhuma. (Foto de Ubaldino Lopes, exclusivo para a «Revista da Semana»).

DIFERENTE É O INDIVÍDUO QUE ADMITE SER IGUAL AOS OUTROS



— Creia, madame, é a última palavra no gênero!

CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliashort

Assinatura do autor, no Arpoador.

Ilustrado por PIQUÍ

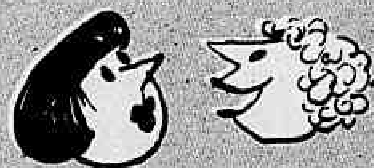
TINHA A PONTUALIDADE BRITANICA, O «CHARME» FRANCÊS, A PRATICA AMERICANA, A MALANDRAGEM BRASILEIRA, A SABEDORIA CHINESA, A ASTÚCIA ORIENTAL, O ENGENHO ALEMÃO E A DISCIPLINA SOVIÉTICA. MESMO ASSIM, CASOU-SE.

Ciumenta, sim. Quando abotoava o paletó do marido era como se o estivesse trancando dentro da própria roupa

Lo que Ellas dicen

TRADUÇÃO: A MULHER, SEMPRE A MULHER.

Amiga íntima a outra: «Não sei o que fazer. Meu marido deu para chegar pontualmente em casa».



Recém-casada a outra: «Casei com uma condição: logo que um de nós quisesse separar-se o outro não deixaria».



Adúltera a outra: «Costumo esconder meus amantes dentro do armário.

A outra: Então foi por isso que o meu Joãozinho veio pra casa ontem co ma gravata do seu marido».



A coca: «Tenho certeza absoluta que vou tirar ótima nota no exame de Física.»

A cola: «Você estudou bem a matéria?»

A coca: «Não. Mas estudei bem o examinador».

PONTOS-DE-VISTA



ADIAR é essa atitude que estamos sempre tomando daqui a pouco

●

CONFISSÃO é isso que descarregamos no padre mais próximo para podermos fazer tudo de novo.

●

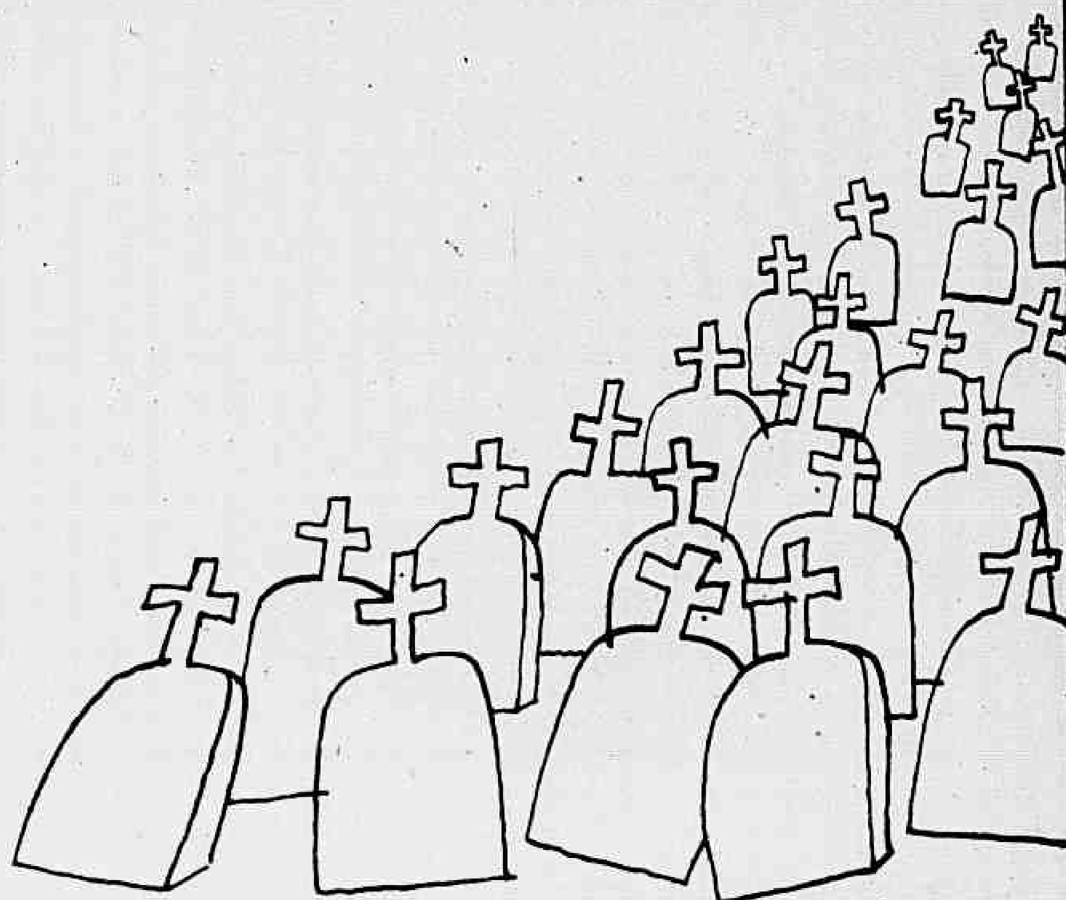
SEGRÊDO são dois sujeitos conversando com um copo de uisque no meio.





CUCO É UMA SEÇÃO LIMPA

Gari paulista contratado especialmente para varrer as piadas indecorosas.



Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ